

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



Gerações travestis

Corpo, subjetividade e geracionalidade entre travestis do interior de São Paulo

LUIZ HENRIQUE MIGUEL

SÃO CARLOS

2015

Luiz Henrique Miguel

**Gerações travestis: Corpo, subjetividade e geracionalidade entre travestis
do interior de São Paulo**

Dissertação apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar
para obtenção do título de Mestre em
Sociologia

Orientador: Prof. Dr. Jorge Leite Junior.

SÃO CARLOS

2015

Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da Biblioteca Comunitária UFSCar
Processamento Técnico
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M636g Miguel, Luiz Henrique
Gerações travestis : Corpo, subjetividade e geracionalidade entre travestis do interior de São Paulo / Luiz Henrique Miguel. -- São Carlos : UFSCar, 2016.
128 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.

1. Gênero. 2. Travestilidade. 3. Geracionalidade. 4. Envelhecimento. 5. Corpo. I. Título.

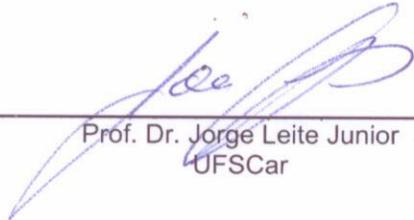


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Folha de Aprovação

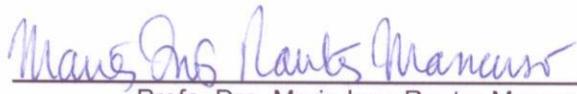
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Luiz Henrique Miguel, realizada em 10/12/2015:



Prof. Dr. Jorge Leite Junior
UFSCar



Profa. Dra. Anna Paula Vencato
UNIP



Profa. Dra. Maria Ines Rauter Mancuso
UFSCar

AGRADECIMENTOS:

A produção desta dissertação seria impossível sem o suporte de várias pessoas e instituições que acompanharam este processo desde o início. Em primeiro lugar gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Jorge Leite Junior, que acompanha meu desenvolvimento acadêmico desde os anos da graduação, participando ativamente de todas as fases, entendendo as angústias e, principalmente, mostrando quais caminhos poderia seguir durante os momentos mais difíceis.

Ao programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar e seus funcionários, que foram fundamentais para meu crescimento profissional e intelectual, especialmente para os professores que participaram de minha banca de Qualificação, a Profa. Dra. Inês Mancuso e o Prof. Dr. Richard Miskolci pelas ótimas contribuições, dicas e questionamentos que foram fundamentais para a solidificação deste trabalho. Aos colegas integrantes do Grupo de Pesquisa em Sexualidade e Entretenimento (SEXENT) que colaboraram de forma consistente durante a confecção deste trabalho, os quais foram sempre questionando, instigando e tencionando minhas produções em todos os sentidos. Muito obrigado.

À Ágatha Lima, presidente da ONG ASGATTAS – RP, por acreditar em meu trabalho e guiar meus primeiros passos enquanto estive em campo. Agradeço de coração, pois esta pesquisa não seria possível sem a sua ajuda e seu incentivo. Às minhas interlocutoras, que mesmo as mais distantes ainda me fazem rir e chorar com as lembranças, histórias e compartilhamentos que ocorreram durante o tempo de pesquisa (e fora dele), espero reencontrá-las em breve.

Agradeço aos amigos com quem morei por muito ou pouco tempo em São Carlos: Marcio, Laura, Yasmim, Juliana Justa, Maria Betânia, Lucita, Anna, Marva, Mands e aos companheiros Barraventistas. Às Marisabel e Kudalara, que mais do que colegas, tornaram-se parte de uma deliciosa, suculenta, gorda e instigante família queer com muito *Charisma, Uniqueness, Nerve, and Talent!*

Vocês estão presentes em cada linha escrita desta obra. Lara, Felipe (Marisabel), Carol, Rodrigo (Drika), Juliana (Bino), Kat e Nádia, mais do que agradecer, gostaria de dizer apenas *condragulations, shantay, you stay!*

Aos meus amigos farmacêuticos, Fabrício (Fatinha), Mayla e Juliana que aguentaram minhas horas de lamúrias, sofrimentos, crises, felicidades, ansiedades e medos. Sempre prontos para estender um copo de cerveja no A2 ou um risoto maravilhoso acompanhado de longas conversas. Vocês mostraram que sociologia e farmácia combinam muito! Obrigado por todas as trocas de conhecimento, emoções e carinhos. Essa dissertação existe por “culpa” de vocês.

Agradeço aos amigos que a vida insiste em dificultar os encontros, mas que ainda se fizeram presentes. Heloisa, pelas ótimas conversas (com o Pipo reclamando ao nosso lado), pelos anos de amizade e pelos caminhos que ainda trilharemos juntos. Gisele e o nosso sofrimento com prazos e futuros, como por me mostrar que o *glamour* da zootecnia vai muito além da fivela frigideira no cinto e chapéu de cowboy. Melécio, que além de um ótimo professor tornou-se um grande amigo. E a todos os outros que não estão presentes em nome, mas em coração nestas linhas.

Agradeço ao Jorge, meu companheiro, que está ao meu lado antes mesmo da pós-graduação se tornar uma realidade, pela paciência (que foi muita!), compreensão (que foi muita!) e afeto (que foi muito!). Novos caminhos nos esperam.

Por fim, e mais importante, gostaria de agradecer todo o afeto, apoio e paciência que recebi de meu pai, Osvaldo, minha mãe, Lena e minha irmã, Carol. Por sempre acreditarem em minhas escolhas e incentivarem cada passo dado por mais difíceis e nebulosos que eles poderiam parecer. Vocês sempre serão meu Norte. Este trabalho é para vocês!

RESUMO

Esta pesquisa busca compreender de que forma as diferentes gerações de travestis que se prostituem no interior de São Paulo construíram seus corpos e subjetividades. Procuo compreender a existência de tensões entre estes projetos identitários e a construção de duas categorias, a das mais velhas e a das mais novas, observando os distanciamentos e aproximações existentes entre as diferentes gerações de travestis, bem como as valorações específicas de determinados corpos e comportamentos por cada uma destas. O estudo realizado nas cidades de São Carlos e Ribeirão Preto, empreendeu etnografia nos locais de prostituição e nas casas onde vivem essas travestis, unido a contatos *online* por plataformas de relacionamento como o Facebook®. Tomando como base a Teoria Queer, os estudos brasileiros sobre travestilidade e as noções de geracionalidade e envelhecimento, busco a construção de uma noção particular sobre “ser nova” e “envelhecer travesti” para as que se prostituem. Visto que o envelhecimento para este grupo não está associado meramente a questão da idade, mas sim a uma relação específica com o corpo, o mercado de trabalho e as relações sociais que desenvolvem e mantêm com o ambiente em que vivem.

Palavras-Chave: Gênero. Travestilidade. Geracionalidade. Envelhecimento. Corpo.

ABSTRACT

This research seeks understanding how different transvestite's generations that prostitutes themselves in the countryside of São Paulo built their bodies and subjectivities. I seek to understand the existence of the pressure between this identity project and the creation of two categories, the older and younger, observing the detachment and existent approximation between different generation of transvestites, just like specific valuations of some bodies and behaviors from each one of them. The study realized in Sao Carlos and Ribeirao Preto undertook ethnography at the prostitution areas and the transvestites homes, combined with online contacts through social media like Facebook©.

Based on Queer theory, the Brazilian studies about the travestite's and the the idea of "generationality" and aging, I seek the creation of particular idea of being young and aging as travestite for the ones that prostitute themselves. Seeing that for this group aging is not only related with the age but with a specific relationship with the body, the job market and the social relationships that develops and keep the environment where they live.

Keywords: Gender. Transvestite. Generation. Aging. Body.

Sumário

Introdução.....	10
1 - Qual salto usar? Das teorias que serviram e servem.....	14
2 - “Montação”: do campo, das metodologias e dos caminhos.....	34
2.1 – “E aí, rola?” ou “Como fazer” o campo.....	34
2.2 - “E o lugar?”. O “onde fazer” campo.....	38
2.3 – Por quanto? Negociando dúvidas e limites.....	48
3 - Primeiros passos, mesmos percalços.....	59
3.1 Sobre padrões, técnicas e estéticas.....	59
3.2 Sobre nascer, transformar e circular.....	65
4 – As experientes.....	75
4.1 – Das memórias e experiências.....	75
4.2 O corpo das “mais velhas”.....	81
5 - A Flor da Idade. As mais novas de corpo, alma e território.....	93
5.1 Trânsitos, viagens, passagens e poucas permanências.....	93
5.2 O corpo das mais novas.....	94
5.3 Vivências e Lacrações.....	103
5.4 - (Des)Lacrando ou a título de (des)conclusão.....	107
Referências Bibliográficas.....	119
Arguição.....	123

Sumário de Tabelas

Tabela 1 - Estrutura da tabela de descrição das colaboradoras entrevistadas de acordo com cidade e geração.....	47
Tabela 2 - Travestis Entrevistadas em profundidade.....	114
Tabela 3 - Características Por Grupo.....	115

Custa muito ser autêntica, senhora.

E, nessas coisas, não se deve economizar, porque se é mais autêntica quanto mais se parece com o que sonhou para si mesma.

(Agrado, protagonista travesti do filme “Tudo Sobre Minha Mãe”).

À minha mãe, meu pai e minha irmã.

Introdução

Passa de uma hora da madrugada. Converso com Selma há algumas horas, uma travesti de aproximadamente 55 anos de idade que faz ponto na Avenida Getúlio Vargas¹, cidade de São Carlos. Entre histórias de sua vida, dos clientes, piadas e conselhos, Selma deixa escapar alguns comentários ácidos sobre as amigas travestis que estão trabalhando e circulando pela região. Ela possui cabelos compridos até a cintura, cacheados e vermelhos, pele branca e fazia questão de balançar os seus enormes seios construídos com a aplicação de silicone líquido, como um troféu, afirmando que “homem que é homem fica louco com um desses”. Ao cruzar com duas travestis que estavam subindo a avenida para trabalhar, Selma soltou uma das frases que ficariam marcadas em minha memória.

– *Ih criança, essas bichas com peito são muito ousadas, roubam os clientes, cheiram até cair o nariz e ainda tem a coragem de bater de frente com a gente. Não tem respeito! Não tem respeito e nem coragem para ser travesti de verdade. Ficam com esse corpinho só no truque (Selma, Caderno de Campo).*

Durante todos os diálogos que empreendi com Selma, o termo “criança” foi utilizado constantemente para se referir a mim. Percebi que esta era uma forma de criar uma relação pautada na experiência. Eu, como pesquisador e “curioso” sobre a vida das travestis, era inexperiente e “não sabia das coisas”. Ela, como portadora da experiência, fazia às vezes de uma professora que ensinava seu pupilo os caminhos do saber.

A noção de “truque” à qual se referia pode ser entendida quando a travesti utiliza variados recursos para ressaltar e produzir características em seu corpo, deixando-o mais feminino. A utilização de enchimentos nos seios e glúteos eram os truques apontados por Selma naquele momento. Mas, além destes, a maquiagem, peruca, unhas postiças e qualquer outro adereço que, atrelado ao corpo, modificasse sua aparência sem necessitar de uma intervenção cirúrgica ou “agressiva”. O truque é uma forma das travestis que não se modificaram fisicamente com silicone ou hormônios conseguirem uma

¹ Conhecido ponto de prostituição de mulheres e travestis na cidade. Esta avenida localiza-se na periferia de São Carlos e dá acesso à rodovia Washington Luís. Sua localização é considerada ponto estratégico devido ao acesso fácil aos viajantes e pela existência de hotéis e motéis.

silhueta mais feminina, de acordo com os modelos corporais que buscam e, conseqüentemente, maiores sucessos no mercado do sexo.

Quando questionei quem seria esse “a gente” mencionada por ela, explicou-me que eram as travestis mais experientes e mais velhas sendo as outras duas comentadas as travestis novinhas com menos de 25 anos. Essa frase me instigou e marcou durante toda a noite, formando um terreno fértil que levaria o desenvolvimento do meu problema de pesquisa nesta dissertação.

Assim, questões começaram a surgir em minha cabeça: primeiramente, se Selma havia mencionado um “nós” e um “elas”, significava que as travestis daquela região poderiam ser agrupadas em dois grupos minimamente distintos, sendo um das mais velhas e um das mais novas? Ao comentar que as mais novas “batem de frente com elas”, Selma está evidenciando um conflito e, conseqüentemente, criando uma valoração específica sobre a forma de agir daquele grupo? E, por fim, ao desmerecer as mais novas referindo-se a elas como “bichas com peito” e que usam o corpo “só no truque”, significaria uma desvalorização específica sobre a construção daquele corpo jovem? Quais perspectivas adotam ao caracterizar as “novinhas” em contraste com as mais velhas? São relevantes apenas aspectos etários ou existe relação com o corpo e o comportamento?

Essas questões serão utilizadas para nortear este trabalho. Desta forma, busco entender se as travestis de diferentes gerações que se prostituem, especificamente nas cidades de São Carlos e Ribeirão Preto, construíram seus corpos de formas distintas. Além de identificar um possível conflito entre essas diferentes gerações no que tange à construção e valoração destes corpos, suas ações e atitudes relacionadas à rua, aos clientes e à prostituição. A partir destes levantamentos e análises, pretendo identificar se existe a construção de uma identidade particular deste grupo sobre as noções de velhice e juventude.

Ponto que este trabalho volta-se especificamente para as travestis que se prostituem, e que, por mais que essa seja uma recorrente na vida destas pessoas, isto não é uma regra. Nos últimos anos ocorreram relativos alargamentos das possibilidades de trabalho e inserção social para estas

peessoas. Mesmo com estas novas possibilidades e caminhos, a precariedade e subalternidade ainda são significativas na maioria dos casos, tornando consistente a representatividade dos dados levantados nesta obra.

Estruturalmente esta dissertação estará dividida em três capítulos: o primeiro tratará das questões metodológicas utilizadas, unidas a passagens de campo pertinentes para os leitores compreenderem como se deu a construção dos sujeitos de pesquisa e sob quais espaços foram entrevistadas.

No segundo capítulo apresentarei os primeiros passos para a construção de uma identidade travesti entre as mais velhas. Com isso, apresentarei as primeiras transformações corporais, as técnicas utilizadas, referenciais de beleza e o corpo que idealizam, sendo todas essas referências e signos ligados, de certa forma, a uma temporalidade específica. Essa temporalidade daria o tom das modificações corporais, devido às técnicas estéticas utilizadas e valorizadas para modificação do corpo, além da construção de subjetividades que pensariam os espaços da pista e da rua por um conjunto de significados específicos de determinada época. Buscarei apresentar ao leitor qual o tipo de relação que cada um destes grupos estabelece nas esferas pessoais e profissionais e de que forma pensam a prostituição e como se dá a relação com travestis de outras gerações.

O terceiro capítulo seguirá, estruturalmente, a mesma ordem do segundo, apresentando as características da construção do corpo e subjetividade das travestis mais novas, além das particularidades deste grupo e quais conflitos e diferenças podemos identificar entre esta geração e a anterior.

Por fim, o último capítulo será responsável pela delimitação das noções sobre envelhecimento e juventude criadas pelas análises dos dados obtidos na etnografia. Desta forma, busca-se descolar as noções de envelhecimento e juventude aplicadas de forma direta a estas pessoas, visando uma construção específica, que consiga abarcar as múltiplas experiências que constituem a identidade travesti. Essas categorias serão utilizadas para a construção mais precisa das identidades em questão, verificando as diferenças existentes entre as travestis da cidade de São Carlos e de Ribeirão Preto.

Acredito que um ponto fundamental a ser discutido e apresentado neste trabalho diz respeito a como irei me referir a estas pessoas. Sigo desta forma o mesmo caminho trilhado por teóricos mais recentes como Marcos Renato Benedetti (2005); Fernanda Cardozo (2006); Don Kulick (2008); Larissa Pelúcio (2009); Mônica Siqueira (2009) que, diferentemente dos escritos anteriores, da mídia e do senso comum, preferiram tratar estas pessoas sempre de forma feminina. Faço isso ao perceber que a simples utilização do artigo “a” constitui-se como uma forma de resistência que afirma suas identidades femininas e a forma com que se apresentam, modificam seus corpos e subjetividades em torno deste projeto identitário. Caminhando em consonância com os teóricos acima, acredito ser mais do que apropriada essa “distorção”² da língua portuguesa como contribuição, mesmo que mínima, ao processo de reconhecimento das travestis, reafirmando e valorizando uma identidade de gênero feminina almejada por elas, objetivamente (com seus corpos), subjetivamente (com suas formas de pensar e agir) e politicamente (uma das demandas do movimento de travestis e mulheres transexuais é o tratamento no gênero feminino e o reconhecimento do nome social).

² Utilizo a noção de distorção, pois o termo travesti, na gramática atual, é um substantivo masculino e deve ser utilizado com o artigo o.

1 - Qual salto usar? Das teorias que serviram e servem

Historicamente, o termo travesti é derivado de uma complexa discussão entre ciências médicas, psíquicas e até mesmo criminais. A delimitação da sexualidade e da estética da existência dos corpos através destas bases científicas foi fundada através das noções de um “homem de verdade/real” e uma “mulher de verdade/real”, construções pautadas na ideia de essência humana. Essas noções serão as responsáveis pelo desenvolvimento de conceitos como hermafroditismo psíquico e real, invertidos e etc.

O termo travesti aparece pela primeira vez em 1910 no trabalho *Die Travestiten* do médico e psicólogo Magnus Hirschfeld. Segundo Jorge Leite Junior, “um dos dados mais importantes deste livro é que Hirschfeld dissocia as hoje chamadas ‘orientações sexuais’, ou seja, sentir atração por pessoas do ‘mesmo’ sexo, do sexo ‘oposto’ ou por ambos, do ‘desejo de usar roupas do sexo oposto’”. No trabalho de Hirschfeld é dada grande importância à questão da vestimenta, visto que, nesta obra, a orientação sexual³ dos sujeitos que apresentavam o comportamento chamado de travestismo não tinha relação com seu desejo.

Este foco nas vestimentas é criticado pelo psicólogo e um dos fundadores da sexologia moderna, Havelock Ellis em 1933, com a reedição de *A Inversão Sexual*. Nesta reedição desenvolvem-se categorias novas e aprimoram-se outras. Aprimora-se o conceito de “Eonismo”⁴, que seriam as pessoas que possuem certo grau de identificação com o sexo oposto nos gostos e desejos. Esta categoria aparece como uma

anomalia que não deve ser identificada com a homossexualidade, embora às vezes tenda a associar-se com ela, e na qual o indivíduo, homem ou mulher, mais ou menos se identifica com o sexo oposto. Não simplesmente nas vestimentas, mas nos gostos de um modo geral, nas maneiras de agir e nas características emocionais (ELLIS, 1933, p.236).

³ Orientação sexual deve ser entendida como a direção ou inclinação do desejo afetivo e erótico de cada pessoa.

⁴ O conceito de “Eonismo” remonta a história do cavaleiro D’eon que, segundo Jorge Leite, “uma década antes da revolução francesa, forja um boato sobre si mesmo afirmando que, na verdade, ele era uma mulher vestida, mas vivendo como homem” (2011, p.47). O fato repercutiu tanto na França quanto na Inglaterra, obrigando o cavaleiro a viver como uma mulher. Na data de sua morte, 1810, foi constatado que D’Eon era um homem anatomicamente perfeito.

Essa classificação se baseia na distinção binária dos sexos em masculino e feminino e seus respectivos desejos. Qualquer que seja a definição, de Ellis ou de Hirschfeld, o que devemos manter em primeiro plano, nestes casos, é a construção da ideia de travestilidade⁵ dissociada da noção de desvio, diferentemente de outros autores do final do século XIX, como Richard Von Krafft-Ebing, que a associavam com a ideia de desvio e degeneração. Em *Psichopathia sexualis* de 1886, Krafft-Ebing esquadrinha e classifica comportamentos, desejos entre perversos, pervertidos e corpos/mentes degeneradas. Nesta obra, os desvios eram vistos como causadores de problemas e desordens sociais. Partia da perspectiva de uma doença ou pessoa a ser curada; um comportamento a ser tratado; um problema a ser resolvido ou afastado do convívio social.

Estas discussões sobre sexualidade e desejos formaram as bases para os discursos que categorizam, delimitam e desenvolvem os conceitos sobre sexualidade, orientação sexual, comportamento e desejo nos dias atuais.

Fazendo um breve panorama geral, o campo conhecido como sexualidade foi impregnado pelo discurso médico. Podemos verificar isto na passagem acima sobre o desenvolvimento das noções de travestilidade, e, como ao longo do tempo, esse campo de conhecimento foi responsável pela delimitação e construção de padrões de normalidade e anormalidade ligados tanto ao corpo físico quanto a subjetividade. Assim, um processo de regramento foi construído a partir do século XIX pelo Estado e pela medicina, buscando levar os padrões morais burgueses a todas as camadas da sociedade (FOUCAULT, 2000; 2001).

O saber religioso (representado pela religião cristã) e o direito canônico, que eram estruturantes naquele período, foram gradativamente sendo substituídos pelos conhecimentos criados pela medicina. Desta forma, o saber médico suplanta até mesmo o saber jurídico. Agora as infrações e delitos são pensados além do ato em si, descobrindo uma causa para esse tipo de

⁵ Importante ressaltar que o termo travestilidade só é desenvolvido e empregado posteriormente. Estes autores trabalhavam com a ideia de travestis enquanto um dado, não enquanto um processo identitário.

comportamento, causas como taras, vícios e, o mais importante para este trabalho, os desvios sexuais. Assim, “pelas mãos da ciência, os gozos sexuais foram fragmentados e classificados em ‘saudáveis’ ou ‘doentes’, delimitando o campo do prazer útil e organizando os desvios e transgressões nas chamadas ‘perversões’ ou ‘perversidades’.” (JUNIOR, 2006, p15).

O poder desenvolvido pela medicina e conseqüentemente suas verdades criam um regime de saber muito forte, com poder estruturante sobre a sociedade. Para melhor perceber este movimento e a própria medicina, enquanto construtora de saberes e verdades, devemos entender que

cada sociedade tem seu regime de verdade; sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros: os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, o estatuto daqueles que tem o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 2000, p.14).

A sociedade seria formada por estas práticas discursivas que são controladas, organizadas e selecionadas. Portanto, o status de verdade é derivado de uma luta de e pelo poder, em que o que se destaca nesta disputa ganha reconhecimento e legitimidade da sociedade. Assim, através da perspectiva foucaultiana, verifica-se o crescimento do saber/poder médico a medida em que este consegue sobressair-se aos outros saberes vigentes na época e institui-se como verdade, ganhando o poder explicativo sobre as coisas. Esse poder é perceptível até os dias de hoje, quando comportamentos (e não apenas) são analisados, pensados e explicados pela medicina e suas mais variadas vertentes.

Um dos exemplos mais corriqueiros em que podemos pensar é a Medicina Genética. Estas áreas do saber têm legitimidade para serem ativadas como fontes explicativas dos mais variados fatos. Desta forma o comportamento humano é esquadrihado, lido e entendido através dos cromossomos, muitas vezes abstendo-se de considerar qualquer influência psicossocial no fato em questão.

O ciúme, o medo, a traição e a orientação sexual já foram “explicados” geneticamente e apresentados ao mundo em revistas, jornais e livros de

alcance internacional. No que tange às questões voltadas à orientação sexual e como a medicina utiliza a genética para desenvolver explicações sobre estes comportamentos, podemos citar vários artigos que pretendem mostrar essas correlações diretas. Uma síntese com os estudos mais significativos sobre as influências da genética e do meio ambiente na orientação sexual dos homens e das mulheres pode ser encontrada no artigo *Genetic and Environmental Influences on Sexual Orientation*⁶. O artigo, organizado por três estudiosos especialistas em genética e psicologia, sistematiza as pesquisas mais importantes sobre a questão da orientação sexual e a genética, buscando “iluminar” e apontar direções que as novas pesquisas devem seguir neste segmento. Este tipo de abordagem vai de encontro às pesquisas desenvolvidas pela sociologia, aplicando um viés biologizante para os comportamentos sexuais vistos como desviantes, sem, contudo, problematizar e desconstruir a heterossexualidade e seus desdobramentos.

Isto é, nos estudos sobre gênero, sexualidade e desejo, a lógica genética estaria representada pela incansável busca pela determinação de um gene que explicaria os comportamentos ditos “desviantes” (Homossexual, travestis, bissexuais). Esta perspectiva parte do pressuposto de que a heterossexualidade seria padrão natural, ou seja, a normalidade seria o homem, masculino, heterossexualmente centrado em que o “ponto fora da curva” seria o desejo homossexual e as rupturas na lógica homem – masculino e mulher – feminina.

Essas disputas servem para exemplificar a noção particular de poder desenvolvida por Foucault: o poder existente nestas disputas não seria pontual ou localizado, seria fluido e derivado das relações entre verdades e saberes. Ele não existiria por si só; efetivar-se-ia nas relações, não podendo ser localizado e, não possuindo “substância”, seria exercido, legitimado e reproduzido pelos discursos. E por discursos, devemos ir além das definições simplórias, desta forma entendemos que

⁶ DAWOOD, Khytam; BAILEY, Michael; MARTIN, Nicholas G. *Genetic and Environmental Influences on Sexual Orientation*. In: KIM, Y. K. *Handbook of Behavior Genetics*. Pennsylvania: Lcc, 2009. p. 269-279.

o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 1986, p.56).

Assim, devemos entender como estes discursos (médico, religioso, jurídico) são estruturantes dos objetos e indivíduos dos quais tratam. Criando, recriando e modificando a realidade através da disputa entre saberes com seus respectivos discursos.

Desta forma, esses discursos foram utilizados no momento da consolidação dos centros urbanos, desenvolvimento industrial e formação dos Estados Nacionais para o surgimento da noção de população como problema. Essa “nova” população é caracterizada como

um conjunto de elementos, no interior do qual podem-se notar constantes e regularidades até nos acidentes, no interior do qual pode-se identificar o universo do desejo produzindo regularmente o benefício de todos e a propósito do qual pode se identificar certo número de variáveis de que ele depende e que são capazes de modificá-lo (op. cit, 2008, p.97-98).

Esta noção específica de população cria uma nova problemática: a necessidade de controlar e gerir estes sujeitos visando evitar endemias e a “degeneração”. Deste modo a questão da gestão destas populações e da vida urbana torna-se um ponto focal. Surge um tipo de poder específico que visava ao controle da natalidade, à morbidade dos corpos e a gestão da vida. Fazendo previsões e estimativas, ele não visava à repressão e, sim, ao controle dos corpos através de uma disciplinarização. Este poder que buscava a gestão da vida e deste corpo-espécie foi chamado de biopoder. As disciplinas agenciadas por este poder centravam-se “no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no

crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” (op. cit., 1988, p.151).

A sexualidade foi o nome dado a um destes dispositivos disciplinares citados acima. Segundo Michel Foucault, um dispositivo seria um “conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, filantrópicas e morais” (op. cit., 2000, p.244). Portanto vários discursos e práticas materializadas em poderes e saberes, neste caso, sobre o sexo. Em *História da Sexualidade I*, podemos encontrar quatro estratégias que foram criadas em torno do sexo visando ao seu controle e manutenção: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso.

A sexualidade passou a ser focada, sendo “colocada às claras”, discutida, classificada e valorizada. O controle da sexualidade e sua delimitação criaram uma escala de valores. Distribuindo de forma periférica as práticas que não se enquadravam no modelo hegemônico sexual. Toda e qualquer sexualidade que se afastasse do modelo heterossexual, monogâmico e com sexo marital reprodutivo era enquadrada como desvio.

Assim, o que a medicina considerava como deformidades dos corpos acabara por “contaminar” a mente. Nesta perspectiva, o deformado físico passa a dividir espaço com o degenerado psíquico, o perverso. Abre-se espaço para as deformidades da psique. Os perversos, maníacos, loucos e psicopatas ganham um lugar de destaque nas ciências médicas e psiquiátricas. A sexualidade passa a ser esquadrihada, discutida e entendida como uma das responsáveis pela criminalidade, suicídios, alcoolismo e várias outras “desordens sociais”. Esta lógica foi a responsável no século XVIII pelo que Foucault (1987) chamou de o “Grande Internamento”, em que sujeitos que possuíssem qualquer “degenerescência moral” (devassos, loucos, pobres, doentes) eram internados em hospitais, para serem tratados “moralmente”.

Neste ponto, podemos entender como se deu a construção de vários comportamentos como estigmas e abjeções, dentre eles a travestilidade. Um

indivíduo que rompesse com a noção de homem e mulher, buscando a transição de um polo para o outro, além de ser considerado um anormal, era considerado um risco para a sociedade. Isto pode ser entendido ao verificar os livros jurídicos que visavam a explicar os crimes e a presença dos hermafroditas em suas classificações. Este processo de patologização das identidades trans continuou no final do século XIX e por quase todo o século XX. Assim como afirma Jorge Leite:

Apesar do diálogo entre militantes e cientistas, durante a primeira metade do século XX, a balança pesou mais para a patologização e malignidade social das ditas “perversões”. O diálogo se manteve, mas tornou-se, sem dúvida, desigual. O foco da pesquisa científica mudou gradualmente, deixando de buscar uma base “natural” e “normal” destas sexualidades, para a prevenção da “anormalidade”, voltando-se a discutir a aceitação social de sujeitos “desviantes sexuais” e a sua não patologização apenas a partir do final dos anos 60 deste século (2011, p.112).

Os pontos apresentados até o momento mostram como a sexualidade formou-se enquanto um campo de disputas e de que forma estas disputas foram as responsáveis constituição de todo um conjunto de verdades⁷ sobre o campo da sexualidade e a travestilidade⁸.

Assim, os saberes médicos, criminais e psiquiátricos classificam comportamentos e sexualidades como identidades desviantes, como sexualidades consideradas abjetas, perigosas e que deveriam ser cuidadosamente estudadas, discutidas, tratadas e evitadas. Cria-se um pânico moral em torno destes sujeitos; esses pânicos morais podem ser entendidos como uma possível ameaça a valores e instituições de uma determinada sociedade. Segundo Richard Miskolci, “o que se teme é uma suposta ameaça à ordem social ou a uma concepção idealizada por parte dela, ou seja,

⁷ No que tange às construções de verdade, apoio-me nas teorias foucaultianas segundo as quais: “cada sociedade tem seu regime de verdade; sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros: os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.” (FOUCAULT, 2000, p.14),

⁸ O termo Travestilidade é utilizado neste trabalho em substituição ao termo Travestismo. Seguindo o caminho trilhado por Peres (2004) e Pelúcio (2009), este termo seria melhor representativo da multiplicidade de experiências que compõem o universo travesti.

instituições históricas e variáveis, mas que detêm um status valorizado como a família e o casamento” (2007, p.112).

Quando este temor é ligado ao campo da sexualidade, denomina-se “Pânicos Sexuais”. Gayle Rubin foi uma das principais autoras a trabalhar este conceito, destacando três grandes expressões. A primeira seria o pânico sexual ligado à prostituição, no final do século XIX, devido a uma epidemia de sífilis. A segunda expressão seria o pânico ligado aos homossexuais, que ocorreu em 1950. E por fim, o ligado ao HIV, no final do século XX. Estes pânicos tiveram diversos desdobramentos, um deles foi reforçar o estigma de gays, prostitutas e, principalmente, travestis como portadoras e disseminadoras do vírus.

No Brasil, durante as décadas de 1980 e 1990, as travestis eram alvos de agressões pelas mais diferentes esferas da sociedade, desde a população em geral até polícias e militares. Nos dias de hoje, agressões e assassinatos de travestis são comuns e constantes em várias localidades do país. A visibilidade que essas mortes adquirem na mídia é muito baixa em relação ao número de óbitos. Segundo o relatório da ONG internacional *Transgender Europe*⁹, o Brasil é o primeiro colocado no ranking de assassinatos de pessoas T no mundo. O levantamento apontou que entre janeiro de 2008 e abril de 2013, foram 486 mortes, quatro vezes a mais que no México, segundo país com mais casos registrados. Esses números podem ser ainda maiores se levarmos em conta a questão da subnotificação de alguns crimes.

Em muitos casos as mortes de pessoas T não entrariam nestas estatísticas, pois são registradas como assassinatos, colocando nas fichas de óbito apenas o nome que consta na certidão de nascimento, assim sendo, uma parcela significativa destas mortes pode ser “perdida” nos autos criminais brasileiros. Desta forma, essa parcela da sociedade vista como disseminadora de doenças, perigosa e deturpadora da “moral e bons costumes”, passa a ser vista com o mínimo de humanidade possível, e, portanto, passível de toda a forma de crime e violência.

⁹ Disponível em: <http://www.transrespect-transphobia.org/uploads/downloads/Publications/TVT_research-report.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2014.

Outro ponto importante seria a criação de uma ordem heteronormativa. O conceito de heteronormatividade foi desenvolvido em 1991 por Michael Warner, que, por meio de suas palavras define

por heteronormatividade [...] aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral (BERLANT; WARNER, 2002, p.230).

O desdobramento da heteronormatividade para sujeitos que transgridam esta norma mostra o enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo (PINO, 2007, p.160). Assim, as travestis, inseridas nesta lógica, muitas vezes subvertem e, ao mesmo tempo, reproduzem as bases da heteronormatividade em seus relacionamentos.

Portanto, toda e qualquer relação passa a tomar como base o modelo de relacionamento heterossexual, homem/mulher; ativo/passivo; dominante/dominado. A ligação entre sexo e gênero passa a ser considerada natural; um indivíduo que nasceu com pênis, pertence ao sexo masculino (é um homem) e naturalmente sente atração por mulheres.

Desta forma, as travestis são sistematicamente relegadas às margens da sociedade, sendo-lhes muitas vezes negadas as mínimas condições de educação e/ou apoio, com isto, acabam encontrando na prostituição as referências e bases para construção de suas vidas, padrões estéticos e identitários. O espaço familiar das travestis, ao se assumirem, torna-se frequentemente insustentável, perdendo seu caráter de acolhimento e proteção. Podemos verificar este ponto nos trabalhos de PELÚCIO (2009), SILVA (1993), BENEDETTI (2005) e DUQUE (2011) e, também, nos depoimentos de minhas colaboradoras.

Quando se inserirem no mundo da prostituição acabam por fundir estes três pânicos sexuais citados acima, vistas pelo senso comum como homens feminilizados (homossexuais), prostitutos e contaminados com HIV. Percebemos assim, superficialmente, como o estigma em torno destes sujeitos foi construído historicamente e como ele serve como base para o pensamento atual de grande parte da população. Toda esta discussão levantada acima serve para criar um padrão de comportamento, um padrão para ser e existir muito bem definido. De acordo com Gayle Rubin (2003), em sociedades ocidentais modernas este padrão seria o homem, heterossexual, casado, monogâmico, fiel e que faz sexo com fins procriativos¹⁰. A travesti, nesta escala de valores, é uma das mais distantes deste “modelo” de existência.

Entendendo a forma com que estes sujeitos foram sendo pensados, construídos e estigmatizados por distintos saberes, podemos agora nos atentar às discussões sobre a questão da sexualidade, gênero e desejo que serão fundamentais para entender os desdobramentos e as linhas de pesquisa utilizadas neste trabalho.

Devemos ter em mente que as discussões sobre este assunto na sociologia, antropologia e em algumas outras ciências humanas já progrediram substancialmente, mas o seu poder explicativo e a influência direta sobre o senso comum ainda é pouco efetivo. Assim, apesar da discussão sobre esta temática ter avançado em vários sentidos, muitas vezes as noções que norteiam as políticas públicas, debates institucionais e conversas informais dos mais variados segmentos, adotam padrões e ideias já refutados e descartados pelas ciências humanas e sociais. Com isto, podemos perceber em alguns debates discussões que essencializam¹¹ as questões de gênero ou, por exemplo, que o atribuem à genética.

Desta forma, a questão de gênero que está largamente presente na sociedade e no senso comum é que sexo e gênero são duas esferas

¹⁰ A valorização do sexo procriativo pode ser questionado no Brasil atualmente. Durante o século XX o sexo foi colocado pelos saberes médicos como uma panaceia para a vida conjugal. O sexo, feito com todas as regras e padrões estabelecidos pela medicina, nesta lógica, funcionaria como um auxiliar na vida e saúde do indivíduo (LOYOLA, 2003).

¹¹ Devemos ressaltar a estratégia utilizada pelos movimentos sociais de essencializar categorias, buscando fortalecer politicamente algumas demandas. A essencialização, nestes casos, é utilizada como ferramenta política para se alcançar conquistas específicas.

indissociáveis e que o binário masculino e feminino se coaduna com o binário homem e mulher. Esta forma de entendimento pressupõe um homem necessariamente e naturalmente masculino e uma mulher necessariamente e naturalmente feminina.

Um dos trabalhos iniciais que trataram gênero de forma dissociada da ideia de sexo foi *The Traffic in Women: notes of the 'political economy of sex* de Gayle Rubin. Esta obra de 1975 trata a questão de gênero como “um conjunto de arranjos através dos quais, a sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana” (op. cit., 1993, p.1).

Rubin utiliza este trabalho para exemplificar como se dão as relações de opressão que levam uma mulher a ser subjugada. Afirmando que as diferenciações entre homens e mulheres são particularmente pequenas e não seriam, por si, responsáveis pela segmentação em duas categorias específicas, particulares e excludentes. A segmentação dessas duas categorias (homens e mulheres) ocorre através do sistema sexo/gênero, onde

longe de ser uma expressão das diferenças naturais, a identidade exclusiva de gênero é a supressão das semelhanças naturais. Ela exige a repressão: nos homens, de tudo que seja a versão local de traços “femininos”; nas mulheres, da definição local dos traços “masculinos” (ibidem, p.23).

O sistema de sexo/gênero seria visto como opressor e dominante, relegando não apenas às mulheres o papel de oprimidas, mas também aos homens ao definir um roteiro de personalidade que seja adequado a seu sexo biológico. A partir deste momento, entende-se gênero como uma das categorias organizadoras do mundo social, marcando desde espaços até um roteiro de ações, assim, a figura do homem ou da mulher só poderia ser pensada em relação a uma cultura.

Apesar de Rubin colocar o gênero como uma categoria social, a dissociação com o corpo biológico não se deu totalmente. Em sua perspectiva, o sexo era visto como uma espécie de matéria prima dada *a priori*, isentando-o de qualquer questionamento sobre uma possível construtibilidade sociocultural.

Desta forma, o sexo biológico (sempre muito bem delimitado e rígido) serviria como forte influência para a construção do gênero (maleável). Além desta ligação com o sexo biológico, as construções de gênero mantinham-se

atreladas ao binômio masculino/feminino. Esta perspectiva de Rubin foi muito cara aos teóricos posteriores, dando os primeiros passos rumo à desnaturalização das identidades de gênero.

Esta perspectiva teórica, aliada com a revolução sexual das décadas de 1960 e 1970, e os problemas da visão de gênero como cultural, ligado ao sexo biológico foi problematizada a partir da década de 1980 com a “Teoria Queer”.

Os estudos Queer problematizaram as questões deixadas de lado até então como o binômio homem/mulher, a heterossexualidade compulsória, o sexo como natural e a questão do heterossexismo, colocando em xeque a forma como se entendia a sexualidade até então. Tal perspectiva é abordada por Judith Butler, em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, onde coloca em xeque a visão sexo/gênero (utilizado por Rubin e por teóricxs¹² feministas) e demonstra como o sexo é (assim como gênero) um constructo social, historicamente datado. Desta forma, ela desconstrói o sujeito utilizado no feminismo como uma identidade definida (a mulher) apontando assim sua inexistência *a priori*.

Butler expande a noção de gênero e sexo, apresentando a arbitrariedade de um gênero que não está necessariamente ligado ao sexo e um sexo que não é biologicamente natural, mas sim naturalizado pela sociedade.

A inteligibilidade passaria pelos “moldes” sexo – gênero – desejo e práticas; sendo assim homem, masculino, desejo por mulheres e ter relações sexuais penetrativas com estas. (Butler, 2003). Essa ligação entre gênero e desejo foi outro ponto não problematizado pela teoria feminista e apresentado por Butler.

Assim, sua teoria passou a entender o sexo e o gênero como constructos sociais, estruturantes, discursivos e culturais onde “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (op. cit., 1990, p.25). O gênero seria

¹² A utilização do “x” em autorxs reflete um posicionamento político durante a confecção do texto escrito. Sua utilização funciona como uma espécie de desidentificação de gênero para os autores que não foram citados na passagem. Diminuindo e desierarquizando as identidades de gênero em que xs autorxs/indivíduos possam se encaixar.

estruturante da realidade, generificando as coisas e, principalmente os corpos. O corpo generificado é naturalizado e, conseqüentemente, uma das estruturas mais difíceis de se desconstruir.

A partir deste ponto, podemos verificar a forte influência da teoria foucaultiana em Butler, pois, no limite, o gênero funcionaria como um dispositivo de regulação sobre os sujeitos, sendo produtivo e formativo. A naturalização deste processo de construção da identidade através do gênero ocorre pela repetição e pela interpelação.

Um dos casos de interpelação mais básicos seria a ultrassonografia em que, antes mesmo de nascer, o feto se torna “menino” ou “menina”, “ele” ou “ela”, criando um roteiro específico a ser seguido. Este roteiro é reiterado constantemente para este ser, visando a uma melhor adequação neste modelo preestabelecido. Este ato de nomeação do sexo seria performativo e instituiria um papel social específico através da dominação por regras de conduta e sociabilidade. O gênero seria uma “identidade tenuemente construída através do tempo” por meio de uma repetição incorporada através de gestos, movimentos e estilos (ibidem, 2003, p.200).

Se pontuássemos um “norte” para os principais teóricos Queer como Butler, Eve Kosofsky Sedgwick, David Halperin e Beatriz Preciado, este seria para

[...] evidenciar como conhecimentos e práticas sexualizam corpos, desejos, identidades e instituições sociais numa organização fundada na heterossexualidade compulsória (obrigação social de se relacionar amorosa e sexualmente com pessoas do sexo oposto) e na heteronormatividade (enquadramento de todas as relações – mesmo as supostamente inaceitáveis entre pessoas do mesmo sexo – em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo) (PINO, 2007, p.160).

Com esta teoria, as fronteiras de gênero foram rompidas e o binarismo homem/mulher e masculino/feminino deixou de limitar os estudos. Essas fronteiras começaram a ser vistas como fluidas e transitórias. O foco desses estudos passou a serem os sujeitos que não se enquadravam e os que não coadunavam com esse binarismo limitador. Assim, como afirma Butler “a

estratégia do Queer é politizar a abjeção, impulsionar sua resignificação com a finalidade de criar estratégia de sobrevivência para que as vidas queer sejam legíveis, valorizadas, merecedoras de apoio e de reconhecimento” (2002, p.470).

Com isto, a discussão de gênero tomou outro rumo e os estudos Queer ganharam força com uma profusão de novos autores e atores. O reconhecimento da diferença como marca política e a curiosidade explicativa dessas diferenças como parte integrante da sociedade e não apenas como identidades desvalorizadas, guiaram estes estudos. Com isso, os estudos sobre travestilidade ganharam um novo aparato teórico capaz de analisar e proporcionar visões completamente diferentes sobre este tema. As travestis não são vistas como homens incompletos buscando transformarem-se em mulheres, agora elas passam a ser entendidas como construções identitárias específicas, que possuem um ideal de feminilidade que não se baliza pelo binômio masculino/feminino. Como argumenta Miskolci “o interesse queer por travestis, transexuais e pessoas intersex se deve ao compromisso científico de crítica dos apanágios identitários e concepções de sujeitos unitários e estáveis” (2009, p.182).

A crítica a estes sujeitos estáveis tem de ser levada em consideração até mesmo no momento de se delimitar as diferenças entre travestis e transexuais. Devido à fluidez dos corpos e à subjetividade levada em conta, essas marcações passam a ser fluidas e transitórias. Uma delimitação teórica mais rígida corre o risco de não ocorrer na realidade empírica. Para este trabalho, busquei entrevistar as que se diziam travestis, não me interessando o grau de incômodo com seu órgão genital ou seus desejos de uma cirurgia de readequação sexual.

Portanto, o que podemos verificar nos recentes trabalhos é a concepção de gênero relacional e não como um constructo depositado em cima de um sexo. Sendo este sexo construído social e anatomicamente, as noções de homem e mulher podem variar e o que se constitui (no senso comum) como características de uma identidade sexual específica agora passam a ser

desconstruídas. Quebra-se a noção de sexo biológico e gênero cultural. Agora a perspectiva teórica trata de corpos fluidos, identidades em constante processo de “produção”, inscritas culturalmente através de relações sociais, significando e resignificando a todo o momento suas ações, atitudes, marcas corporais e valores.

Com os aspectos apresentados acima, fica claro que a abordagem sobre estas questões passa a pensar o gênero como relacional. Definindo-se apenas em contato com relações sociais e culturais, não apenas na diferenciação biológico/natural. Como Larissa Pelúcio coloca, “as travestis são pessoas em processo, sempre em construção, nunca acabadas. Vão se fabricando a partir de diversas tecnologias, inclusive as de gênero” (2004, p.129).

O termo tecnologia de gênero, cunhado por Teresa de Lauretis (1994), funciona como uma das bases para o entendimento das transformações empreendidas por minhas informantes para alcançar o corpo desejado e, conseqüentemente, uma identidade e expressões de gênero que sejam compatíveis com suas intenções. Segundo a autora, o gênero seria produzido por meio de várias tecnologias que se apoiam em diversas instituições (família, escola, instituições políticas) criando as categorias que balizam nossos entendimentos do que é ser homem ou mulher.

Com isso, o entendimento das tecnologias de gênero utilizadas para modificar o corpo e a subjetividade destes sujeitos vem atrelado à noção, criada por Judith Butler, de performatividade de gênero, onde

o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser (BUTLER, 2003, p.19).

Desta forma, entendemos a forma com que as travestis moldam seus corpos, seus gestos e suas emoções, performatizando um gênero diferente do estabelecido no momento de seu nascimento, quebrando o binômio homem – masculino. Sendo assim, o

gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas ele poderia ser

muito bem o dispositivo pelo qual estes termos são desconstruídos e desnaturalizados (BUTLER, 2006, p.59).

Esta desnaturalização e desconstrução do gênero à qual Butler se refere acima pode ser muito bem visualizada no processo de construção da identidade das travestis. Pois, ao se constituírem enquanto identidades femininas, a partir de corpos ditos masculinos, acabam por subverter, mesmo de forma inconsciente, a ordem preestabelecida rompendo com os binômios homem x mulher e masculino x feminino, desconstruindo, portanto, a noção de homem – masculino – heterossexual.

A feminilidade almejada pelas travestis também transita entre os campos femininos ou masculinos. De acordo com a situação elas agenciam a sua feminilidade ou masculinidade para responder a determinados fatos sociais. Podemos verificar que o feminino travesti “é um feminino que não abdica das características masculinas, porque se constitui em um constante fluir entre esses polos, quase como se cada contexto ou situação propiciasse uma mistura específica dos ingredientes de gênero” (BENEDETTI, 2005, p.96).

Ao transpassarem o binarismo de gênero imposto, as travestis podem ser classificadas como transgênero. Mas ao mesmo tempo em que rompem com este dualismo ao criarem corpos não classificáveis, reiteram esta dualidade nas suas ações e discursos. Esta constatação foi feita primeiramente por Juliana G. Jayme (2001) e reiterada por Larissa Pelúcio no relato de Samantha, uma travesti entrevistada pela autora que afirma:

“Eu cobro trinta reais pra mim ser passiva. Pra mim ser a mulher na cama. E tem aqueles clientes que vêm [...] pra mim ser ativo [...] Eu tenho seio, eu tenho corpo. Eu gastei tanto dinheiro em plástica para ficar feminina. Eu gosto de “homem” [marca bem a palavra]. Eu tenho atração pelo sexo masculino. Agora se eu tenho que... é a forma da minha sobrevivência, como eu já havia dito antes, é essa. [...] Agora, a partir do momento que eu tenho que botar o rapaz pra fora e esquecer... tipo assim, eu não consigo ficar na cama com um homem, eu fazendo o papel de ativo [usa a palavra novamente no masculino de forma enfática] de frente a um espelho. Eu acho ridículo o fato de ter esse quadril desse tamanho, esse peito desse tamanho, esse bundão, e olhar no espelho e ver que eu tô fazendo papel de homem! E o cara que tá ali de quatro pra

mim, ele é todo peludo... é um homem! Ele sim é um homem” (JAYME apud PELÚCIO, 2004, p. 129).

A constante construção de seus corpos, assim como verificado por SILVA (1993), DUQUE (2011) PELÚCIO (2009) ocorre visando à construção de um corpo e identidades femininas. Uma feminilidade singular que muitas vezes não deseja abdicar do próprio pênis, mas que mesmo assim tenta se encaixar no binarismo de gênero socialmente creditado. Este pode ser o ponto de partida para uma (in)definição do que é ser travesti. Uma indefinição devido à multiplicidade de experiências que abarcam este conceito.

A busca pelo feminino parece fundante para a definição primária do que é considerada ser travesti. Mas um dos pontos nodais da discussão está no órgão sexual e no prazer. O pênis e sua utilização é uma questão muito delicada e sempre levantada ao se tentar definir uma travesti, pontos como o desejo de retirá-lo ou não, a utilização no sexo ou não, o prazer obtido com ele ou o não prazer, são limites pouco definidos por minhas entrevistadas. Algumas expressavam o desejo de fazer a cirurgia, outras não viam este desejo como legítimo e o repudiavam, afirmando que: “deus me fez homem, eu só estou melhorando o produto”.

Desta forma, mais do que definir o que é ser travesti, proponho uma indeterminação, uma flexibilização desta identidade a partir das experiências e relatos que observei, apresentando a multiplicidade de experiências que compõem o ser travesti e a impossibilidade de solidificar todas elas em um molde definido. A base está dada, é a busca pelo feminino, mas os limites não devem ser construídos.

Esse corpo fluido e dinâmico, resultante de vários processos e intervenções físicas e subjetivas, são marcados por uma corporalidade específica. Por noções de estética que, assim como este corpo, são dinâmicas e não se solidificam com o tempo, muito pelo contrário, são traídas por este tempo e algumas vezes relegadas ao esquecimento e ao repúdio.

A busca empreendida pelas travestis, por um corpo perfeito tem como base os padrões estéticos da época em que vivem. Inspirando-se nas divas do

mundo pop que estão na moda, nas modelos que fazem mais sucesso e conseqüentemente nos corpos mais desejados e queridos daquele momento. Como aponta Miskolci (2006), este é um processo de assujeitamento psíquico e corporal, em que o sujeito passa a ser contemplado através de um escopo que categoriza sua beleza em moldes específicos de classe, raça, etnia corporalidade, gênero e geração.

Percebemos como a noção de beleza é datada, assim como

culturalmente constituída e as formas que tornam um corpo adequado em uma época ou lugar podem mudar. Há menos de duas décadas as mulheres brasileiras tinham como ideal seios pequenos enquanto na última década vimos emergir como ideal os seios grandes. Aquelas que se submeteram à cirurgia de redução nos anos oitenta e se adequaram a um padrão que imaginavam imutável tornaram-se potenciais clientes na fila do implante de próteses para aumentar seus seios e preencher suas novas expectativas de adequação (MISKOLCI, 2006, s/p).

Nesta passagem Miskolci foca-se no comportamento das mulheres, que se utilizam, em grande parte, de técnicas validadas pela medicina da época, muitas vezes técnicas que podem colocar a vida em risco, mesmo sendo aprovadas pelos saberes médicos. Mas e quanto às travestis? Como este processo influenciou suas vidas e subjetividades? Elas conseguem/conseguiram se inserir neste mercado da beleza, utilizando técnicas médicas validadas e ditas seguras?

Os corpos modificados, muitas vezes não utilizam os meios estéticos mais seguros e legitimados; as modificações, além de trazerem grandes riscos à saúde das travestis, são permanentes, não existe a possibilidade de retirada ou voltar atrás na aplicação¹³. A justificativa para este tipo de aplicação é monetária, o valor da aplicação de uma prótese de silicone por médicos certificados é substancialmente mais caro do que a aplicação de silicone industrial ou outros produtos similares.

O tempo histórico cria e modifica os padrões aos quais esses corpos travestis serão criados e almejados. A diferença reside em quais e em que época esses corpos foram construídos. As décadas de 1980 e 1990 criaram

¹³ Este tema será abordado a fundo no primeiro capítulo.

corpos específicos, que serviram como modelo para a construção corporal das travestis que estavam surgindo e se modificando naquele momento. Os corpos construídos naquela época carregam padrões de beleza específicos, e que muitas vezes, por não serem os padrões da atualidade, são julgados por travestis mais novas como projetos identitários mal sucedidos, pois carregam em seus corpos as marcas do passado.

Este “tempo” nos leva à questão de geracionalidade, que perpassa toda esta obra. Desta forma, um dos pontos chave que irei focar é a questão da geração em que estas travestis estão inseridas e, principalmente, a noção de envelhecimento e juventude. Esta divisão servirá como ferramenta metodológica para a construção desta obra, visando à separação das entrevistadas em dois grupos distintos: as mais novas e as mais velhas.

A noção de geração utilizada neste trabalho tem um sentido amplo. Representa a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização *no tempo*. “Daí o sentido dinâmico ou instável e plural que essa condição, de saída, representa.” (MOTTA, 2010, s/p). Esta forma de pensar a noção de geração apoia-se em uma perspectiva sociológica, que serve como base para reforçar a metodologia utilizada neste trabalho em que a divisão das entrevistadas em dois grupos distintos, geracionalmente falando, ocorre, pois, a ideia de que

geração, propriamente dita, designa um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal (MOTTA, 2010, s/p).

Assim, busca-se identificar se existe mesmo esta experiência comum compartilhada entre travestis que leve à criação de duas gerações distintas que dialoguem e se tencionem através da experiência da travestilidade. Outro ponto a ser discutido neste trabalho é se as noções de envelhecimento e juventude, tão caras para algumas áreas de pesquisa, podem ser transportadas de forma integral para a vida das travestis, visto que as mesmas não se pautam em um envelhecimento generificado, analisando as propriedades deste envelhecimento através das perspectivas de homens e mulheres, deixando de

lado o universo T. Utiliza-se como base para pensar gênero e envelhecimento destes indivíduos a noção de que “as idades assim como gênero são relacionais e performáticas.” (DEBERT, 1994, s/p).

Devido a este caráter performático do envelhecer, acredito que, por mais que as experiências de vida aqui apresentadas possam ser separadas em dois grupos distintos, estes grupos não são de todo coesos, visto a grande variabilidade de formas de se viver e pensar este envelhecer, seguindo padrões e valores que podem não ser representativos de uma coletividade. Busca-se, desta forma, miríades que possam dar tónus à discussão, mas tomando todo o cuidado para não engessar ou classificar de forma rígida as características aqui pensadas.

Contextualizarei o processo de envelhecimento e as noções de geração neste trabalho pensando as travestis do interior do Estado de São Paulo, especificamente nas cidades de São Carlos e Ribeirão Preto. Acredito que este processo torna-se totalmente distinto ao ser localizado temporalmente em grandes capitais ou até mesmo em outras localidades interioranas, devido às diferentes experiências, oportunidades e vivências em que estes sujeitos estão inseridos.

2 - “Montação”: do campo, das metodologias e dos caminhos

Neste capítulo farei uma breve explanação da metodologia utilizada para a construção deste trabalho, as técnicas etnográficas empregadas e, além disto, apresentarei como se deu minha incursão a campo e as dificuldades e oportunidades encontradas, assim como os encontros mais representativos e os sentimentos mais comuns durante o processo. Algumas perguntas que geralmente são feitas durante a negociação de um programa estão presentes nos subtítulos deste capítulo. Da mesma forma que os detalhes do programa são acertados em consonância com os envolvidos (travestis e clientes), buscando a execução do programa em segurança, com um valor específico e durante um tempo específico, minha pesquisa, campo e acesso também foi sendo delimitada pela lógica da negociação, criando possibilidades e limites (de acesso e circulação a determinados espaços, contato com determinados sujeitos) e as trocas necessárias (sobre o dar e receber informações, vivências, histórias e intimidades).

2.1 – “E aí, rola?” ou “Como fazer” o campo

Os nomes de todas as entrevistadas foram alterados, visando manter certa proteção de suas identidades. Esta decisão foi tomada pensando que os assuntos abordados nesta pesquisa eram extremamente delicados, perpassando esferas da vida e da sociabilidade de pessoas vulnerabilizadas. Assim, ao tratar de assuntos que envolvam violência, cafetinagem, conflitos, corpo, desejos e ambições, optei pela mudança dos nomes a fim de preservar, minimamente, minhas interlocutoras. Acredito que os pseudônimos funcionam como proteção parcial para minhas interlocutoras que, mesmo com identidades omitidas poderão se identificar nos relatos.

O desenvolvimento metodológico qualitativo desta pesquisa visa à importância do convívio e da interação como instrumentos para desmistificar e compreender o mundo de minhas entrevistadas. Esta interação entre pesquisador e informante ocorre pela fala, que é um

instrumento privilegiado de coleta de informações. É reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo [tem] a magia de transmitir, através de um porta-

voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas (MINAYO, 1993, p. 109/110).

A fala e a narrativa biográfica servem como base para um entendimento da construção da identidade e da subjetividade dos sujeitos entrevistados. A escolha pela narrativa biográfica ocorreu pela conseqüente e “profunda relação entre o desenvolvimento da identidade de um indivíduo e suas versões narrativas de suas experiências históricas de vida” (SCHÜTZE, 2007, p.8). A função deste tipo de narrativa fica clara na seguinte passagem:

Mediante a recordação do passado, na narração autobiográfica de certas fases e episódios da vida ou ao narrar a história de vida como um todo, o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração autobiográfica, como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento (ibidem, p. 8-9).

O trabalho etnográfico, utilizando as ferramentas descritas acima, iniciou-se no final do ano de 2011, com uma pesquisa que, até aquele momento, seria minha monografia para conclusão de curso de Ciências Sociais.

Tendo em mente que a etnografia é uma ferramenta metodológica que se baseia na imersão do pesquisador no ambiente do pesquisado, aguçando a

conversão moral e sensual ao cosmo considerado como técnica de observação e de análise que, com a condição expressa de que ela seja teoricamente instrumentada, deve permitir ao sociólogo apropriar-se na e pela prática dos esquemas cognitivos, éticos, estéticos e conativos que põe em operação cotidiana aqueles que o habitam (WACQUANT 2002, p.12).

Minha monografia migrou de uma etnografia das travestis no interior de São Carlos, para uma revisão bibliográfica sobre o tema, vista a dificuldade que

encontrei, na época, em me inserir no campo e desenvolver uma imersão consistente para a realização do trabalho.

Dentre as dificuldades, a falta de qualquer forma de contato com travestis da cidade foi um dos pontos principais. Além disto, tentei entrar em contato através das redes sociais, com travestis conhecidas da região, não obtendo retorno. Apesar destas dificuldades, consegui algumas entrevistas diretamente nos pontos de prostituição. Assim, a pesquisa de campo que se iniciou de forma intermitente no final de 2011, desenrolou-se durante os outros anos, de forma pulverizada, mas sempre buscando contato com a temática e os sujeitos que fazem parte deste meio. A partir de minha entrada no mestrado, busquei intensificar a pesquisa de campo, utilizando os mais variados locais para enriquecer a pesquisa.

Desta forma, ao desenhar o meu projeto de pesquisa, alarguei meu campo para outra cidade do interior de São Paulo, a cidade de Ribeirão Preto. A escolha das cidades de São Carlos e Ribeirão Preto não se deu de forma aleatória. Primeiramente a Cidade de São Carlos, local em que faço meu mestrado, foi escolhida por ser uma conhecida cidade universitária, contando com grande número de jovens que moram na cidade para fazer cursos superiores ou de pós-graduação. Segundo dados do IBGE 2013, a cidade possui aproximadamente 234 mil moradores e uma população flutuante de estudantes de aproximadamente 30 mil. Além disto, a cidade é conhecida como um dos principais polos industriais e econômicos da região, possuindo grandes multinacionais e indústrias de tecnologia.

Assim, a cidade de São Carlos pode ser caracterizada pela grande circulação de pessoas, como um ponto de passagem e de grandes investimentos. Esse fluxo de pessoas e dinheiro converte-se em um território favorável para a o desenvolvimento da prostituição e, conseqüentemente, da prostituição travesti. Podemos verificar isto ao analisar a localização de um dos pontos mais importantes de prostituição travesti da cidade, a avenida Getúlio Vargas, que além de possuir alguns hotéis, é uma das saídas para a rodovia Washington Luís, que dá acesso à cidade de São Paulo.

A cidade de Ribeirão Preto foi escolhida por ser uma das principais cidades do interior paulista, possuindo, segundo dados do IBGE, aproximadamente 640 mil moradores. A cidade possui importantes centros universitários e é considerada a capital do agronegócio por estar sediada em um dos mais importantes e competitivos polos agroindustriais da região. Sedia eventos como a Agrishow, feira voltada especificamente para o agronegócio e que movimenta milhões de reais por ano e também a Feira Nacional do Livro.

A atividade econômica da região é muito forte. O fluxo de pessoas que circulam, assim como o fluxo de dinheiro, tornam Ribeirão Preto e a cidade de São Carlos pontos relevantes de pesquisa. Identifiquei em meu campo um forte fluxo migratório do interior para a capital e da capital para o interior. Dentre minhas interlocutoras, observei duas correntes migratórias/desejantes/valorativas distintas. As que vieram da capital para o interior ressaltam as características positivas do interior. Essas, geralmente, são mais velhas e com mais tempo na prostituição. As que são do interior e pretendem/desejam ir à capital, por sua vez, ressaltam as características positivas da capital. Esses relatos “romantizados” da capital são feitos, em sua maioria, por travestis mais novas¹⁴ e que almejam essa mudança como uma forma de “subir na vida”.

Além das características de cada uma das duas cidades, a forma de entrada no campo e, principalmente, o local de moradia das entrevistadas e o acesso das mesmas a ONG's mostrou-se outro diferencial de peso nesta pesquisa. Em Ribeirão Preto as entrevistadas residiam todas juntas em duas casas, comandada por cafetinas. Já na cidade de São Carlos, as travestis entrevistadas moravam com a família ou sozinhas em pequenos quartos alugados, em locais distintos.

As cafetinas são personagens muito importantes na vida das travestis. As cafetinas que são donas das casas cobram um valor X de cada travesti, conhecido como diária para que ela tenha direito a proteção, a casa e a um ponto na rua. Muitas vezes elas fazem o papel de “mães” para as travestis

¹⁴ Abordarei este assunto com mais profundidade no capítulo 3.

mais novas, mostrando os rumos e caminhos que estas “novatas” devem seguir e como se portar.

A geracionalidade envolvida nestas relações se mostra relativamente forte, pois, as travestis que conseguem o título de cafetinas, angariando capital para abrir uma casa, geralmente, são mais velhas, possuindo maior prestígio e tempo de prostituição. Estes fatores são fundamentais para uma cafetina conseguir abrir e manter uma casa. Conhecer o ponto que as meninas podem se prostituir, organizar e dialogar com outros cafetões e cafetinas, criando um mapa simbólico em que as meninas de uma casa não podem fazer ponto nas localidades pertencentes a outras casas, aceitar, recusar ou expulsar travestis na casa em que comanda e etc. Dívidas e brigas podem mudar a posição moral da cafetina/cafetão dentro do campo e, conseqüentemente, suas relações com os outros sujeitos. Estas lógicas em que as travestis configuram e se inserem foram identificadas no trabalho de Pelúcio (2009).

2.2 - “E o lugar?”. O “onde fazer” campo

Delimitar minha entrada no campo também ocorreu de forma específica. Assim como as travestis que entrevistei, alguns lugares já são predeterminados para acontecer o programa, como motéis específicos, dentro dos carros em ruas pré-delimitadas e etc. Mas, apesar disto, algumas mudanças podem ocorrer durante a negociação, levando a travesti para locais e espaços diferentes dos que costumam frequentar (motéis mais caros, hotéis diferentes, etc). Desta forma, a negociação do lugar a ser pesquisado seguiu esta mesma lógica: eu possuía uma ideia pré-determinada de onde iria fazer meu campo, mas os desdobramentos das entrevistas e da vivência em campo poderiam me levar a quaisquer outros espaços.

A entrada a campo na cidade de São Carlos ocorreu de duas formas distintas. Primeiramente consegui o nome de Bianca, uma das cafetinas, também travesti, da cidade, que possuía uma casa de prostituição. Este contato me foi passado por meio da indicação da pesquisadora Larissa Pelúcio,

que desenvolveu na cidade uma pesquisa de doutorado com travestis que se prostituem e o modelo preventivo de aids¹⁵.

O primeiro contato foi feito através do site de sociabilidade, o Orkut®. Encontrei em seu perfil pelo nome passado por Pelúcio. As primeiras mensagens enviadas por mim foram respondidas de forma rápida e após alguns esclarecimentos de minha parte (quem eu era, quem havia passado seu contato, o que eu buscava, qual era o objetivo da pesquisa) ela acabou por me passar seu telefone e pediu para que entrasse em contato para marcar um horário para conversar pessoalmente. Após vários dias tentando entrar em contato e conseguindo apenas ouvir a caixa postal, ela me atendeu.

Em nossa primeira conversa o meu nervosismo era perceptível. Apesar disto, Bianca se mostrou muito acessível e disponível para me ajudar. Marcamos uma conversa para o outro dia, às 17 horas, em sua casa. No dia da conversa, pouco antes de entrar no ônibus em direção a sua casa, uma de suas amigas me ligou pedindo para cancelar a reunião, afirmando que Bianca estava com alguns problemas e não poderia me atender no dia. Este seria o primeiro cancelamento de muitos. Sempre conseguia conversar rapidamente por telefone com Bianca que me pedia desculpas e pedia para marcar outro dia. Foram cinco entrevistas canceladas, até o celular de Bianca parar de funcionar totalmente.

Apesar de nunca conseguir entrevistá-la, pois a cada entrevista marcada era seguida por um problema e seu consequente cancelamento, ela me passou o contato de outras duas travestis: Camilla (23 anos) e Rebeka (22 anos). Estas duas foram entrevistadas presencialmente duas vezes para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como conversas *online*. Outro caminho utilizado foi através de uma colega da Faculdade. Bia participou durante algum tempo da ONG Visibilidade LGBT em São Carlos, com isto, conheceu algumas pessoas e me passou o contato de Renata, uma travesti de 24 anos, que se prostituía na Avenida Getúlio e que se tornaria outra de minhas interlocutoras.

¹⁵PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo: Uma Etnografia Travesti Sobre o Modelo Preventivo de Aids*. São Paulo: Annablume, 2009.

Além desta forma de inserção, consegui entrevistar algumas travestis diretamente na pista¹⁶, esta forma de contato, apesar de mais rápida e menos sistematizada, rendeu-me ótimos insights de pesquisa. Selma foi uma das travestis que conheci desta forma e de quem mais obtive informações e insights.

Foram o total de 8 travestis entrevistadas na cidade de São Carlos. Destas, 4 entrevistas ocorreram exclusivamente de forma online, através da plataforma Facebook. Estas entrevistadas, por mais que solicitasse um encontro presencial, não estavam dispostas a este tipo de aproximação. As outras 4 travestis foram entrevistadas pessoalmente nos pontos de prostituição e em bares. Além disto, ferramentas de pesquisa online também foram utilizadas.

Os perfis sociais construídos pela maioria de minhas interlocutoras no Facebook© mostrou-se um fértil campo para colher informações para esta pesquisa. Desde as modificações corporais que eram vitoriosamente postadas e comentadas no perfil até os espaços de circulação e as reclamações sobre a vida, amores, trabalho e doenças.

Em minhas incursões diretamente na pista, uma passagem do livro *Toda Feita* de Marcos Benedetti ecoava em minha cabeça. Benedetti desenvolveu uma etnografia com travestis que se prostituem na cidade de Porto Alegre/RS. Sua pesquisa aborda questões pertinentes à construção dos corpos, territorialidades, subjetividades e prostituição, funcionando como fonte de referência para este trabalho, principalmente como um manual para sanar algumas dúvidas e medos que foram surgindo durante minhas incursões ao campo. Nesta passagem a seguir ele aponta o medo como uma constante e como aproximador entre ele e suas interlocutoras. Nela, apresenta-se como marinheiro de primeira viagem e diz:

Como todo marinheiro de primeira viagem, sentia o medo. Medo do escuro, da velocidade dos carros, do fato de haver muitas pessoas circulando, dos olhares inquisidores; medo de não ser aceito ou de cometer alguma “gafe cultural” entre as travestis; medo de emoções e situações desconhecidas e, por vezes, medo da própria etnografia.

¹⁶ A “pista” é o nome dado a rua ou avenida em que ocorre a prostituição.

[...] Enfim, o medo foi um sentimento importante na prática da etnografia, porque me mostrou que este não era um privilégio meu, de antropólogo iniciante. O medo é um sentimento corrente no “mundo da noite” e talvez um dos mais presentes. [...] o medo também auxiliou na minha integração com o grupo, porque foi o primeiro sentimento que identificávamos ter em comum, que já dividíamos, e isso foi um dos motivadores de nossas amizades (BENEDETTI, 2005. 44).

Identifiquei-me muito com esta passagem, o medo era uma constante em minhas etnografias e o via como impulsionador para não desistir do que pretendia fazer.

Em minha primeira ida ao campo, antes mesmo de sair de casa, por volta das oito horas da noite, procurava por justificativas para adiar minha pesquisa de campo, pensando como poderia me enganar e o que falar aos meus amigos e para meu orientador que esperavam um *feedback* de minhas entrevistas. Minhas dúvidas e medos iam desde minha aparência, tenho 1,94m de altura e uma barba significativamente grande; até a roupa que iria usar. Pensava eu: um cara alto como eu, barbudo, de preto é muito sério, escuro, posso parecer intimidador demais. De branco vou me destacar, ficar muito visível. Até minha aparência, pensando em cortar ou não a barba, me pareceu um grande problema.

Podemos ler este medo e insegurança através da chave do não pertencimento. Um não pertencimento de um jovem, branco, universitário, classe média, com uma família que sempre o alertou sobre os perigos da noite, das periferias e “dos” travestis àquele espaço. Se cria um contraste, evidenciando quais corpos e identidades podem circular por aqueles locais, quais desejos são bem-vindos naquele lugar e com aqueles corpos e, mais do que isso, onde estes corpos e desejos devem se situar em uma cadeia de pertencimento e prestígio. O jovem, branco, universitário, homossexual com certa passabilidade¹⁷ de seu desejo, não deve se sentir à vontade nos espaços de periferia, ficar em contato com desejos considerados abjetos, com corpos

¹⁷ Passibilidade é o termo utilizado para designar as travestis que conseguem “se passar” por mulher nos espaços sociais. Neste texto alargo a noção para designar, também, homens e mulheres homossexuais que conseguem “passar por heterossexuais” de forma consciente ou não.

que extrapolam os limites do considerado saudável e evidenciam a fluidez do gênero e do sexo.

O estranhamento e o medo surgem através desta lógica perversa, e são dificilmente quebrados, visto as dificuldades para me integrar e me sentir à vontade naquele local, com aquelas pessoas. Por mais importante que seja ressaltar as diferenças e como elas produziram o medo e a insegurança, acho fundamental destacar os pontos de proximidade que me levaram a superar esses problemas e seguir com a pesquisa, ressignificando, desde o primeiro contato, aquelas pessoas e espaços.

O desejo considerado abjeto, tanto o desejo por um corpo (e pela construção de um corpo) que foge às normas de sexo e gênero, quanto o desejo por um corpo do mesmo sexo, formam um ponto de proximidade entre mim e minhas interlocutoras. A noite que oferta liberdade para a circulação daqueles corpos para a prostituição é a mesma que trouxe liberdade para eu vivenciar minhas experiências e me sentir à vontade com minha sexualidade. E, por fim, o medo que, assim como Benedetti, eu sentia dos carros, dos olhares das pessoas, das violências, de me portar de forma errada ou até mesmo de encarar alguém e criar algum problema. O medo, o desejo abjeto e a noite, respeitando as devidas diferenças, eram os pontos em comum com aquelas pessoas, e era no que me apegava para continuar.

No final das contas (e ainda com medo), não fiz a barba, coloquei uma calça jeans básica, uma blusa verde escura e fui. Ao vencer essa primeira (grande) barreira e pegar o ônibus até o local programado, o medo se tornava cada vez mais palpável. Depois de algum tempo caminhando pela avenida, tomei coragem e acabei abordando minha primeira informante, seu nome era Selma.

A desconfiança de Selma comigo e o meu medo e insegurança com ela eram nítidos. Além de desconfiada, ela não se aproximava muito e fazia cara de poucos amigos. Ao explicar o que estava fazendo lá, como era meu trabalho e o que queria com ela, consegui desmontar a primeira camada da barreira de medo e insegurança que estava presente entre nós. Uma de suas primeiras

respostas foi: “Ninguém quer saber o que tenho para falar, o que eu falo não é o que as pessoas querem ouvir, sou dura, direta e isso não agrada quem quer me entrevistar”. Tentei deixar claro que eu queria exatamente essa inquietação, que não estava ali para julgar o que ela tinha para me falar, queria apenas conhecer melhor e saber mais sobre sua vida. Com isso, quebrei mais uma barreira, e a cada minuto que passava me sentia mais confortável em relação à nossa conversa, e percebia que o mesmo estava acontecendo com ela.

Depois de aproximadamente vinte minutos de conversa, já tinha me esquecido do medo e dos perigos que, supostamente, me rondavam. Estava sentado em uma mureta, em frente a uma loja de peças automotivas, rindo alto e ouvindo sobre as histórias, reclamações, sonhos e medos de Selma. Cada vez que falava para ela sobre minha preocupação com seu trabalho, pois estava impedindo qualquer cliente de se aproximar, ela soltava uma gargalhada e falava que a noite estava fraca e que estava se divertindo muito mais comigo, que hoje queria conversar. Conversamos, conversamos por mais de 3 horas seguidas, ininterruptamente. Ela me falava dos clientes, das travestis mais novas, das bombadeiras, das cafetinas, das mortes, das transformações, de como eram as coisas em seu tempo, de tudo. Como disse no início deste trabalho, ela foi a responsável pelas inquietações que me levaram ao desenvolvimento desta pesquisa.

Acredito ser pertinente colocar aqui o relato de minha primeira ida a campo, pois os acontecimentos e sentimentos foram representativos em quase todas as entrevistas e etnografias feitas até o momento. Nas entrevistas feitas em casas de prostituição o medo da violência diminuía consideravelmente enquanto o medo de falar alguma bobagem crescia de forma exponencial.

Pude identificar em todas as entrevistas dois momentos distintos. Ao me apresentarem as informações e relatos de suas vidas, minhas interlocutoras visivelmente esperavam um *feedback*, uma troca. Desta forma, deixava de apenas “ouvir um relato” para participar da experiência relatada por elas. Tornava-me parte daquelas histórias e, como parte, cedia minha parcela de informações sobre os fatos e também informações e histórias pessoais. Assim, em determinados momentos, sentia que minha sexualidade estava sendo

analisada e julgada. A meu ver, penso que elas estavam tentando me encaixar em alguma categoria própria como possível cliente, maricona¹⁸, gay, marido e etc. Ao sentir este momento, me identificava para elas enquanto gay. Sair do armário de frente para minhas interlocutoras mudava a forma com que os relatos eram passados. Não posso afirmar que era visto como igual a elas, mas que uma maior proximidade e conexão sensivelmente ocorriam. Assim, os relatos passavam a ser feitos de maneira mais “aberta”. Consegui perceber que a utilização de gírias do *Pajubá*¹⁹ se tornava mais frequente.

As explicações sobre minha pesquisa, meu trabalho e o que é um sociólogo eram constantemente ressignificadas e, ao final, eu era visto como uma mistura de escritor e jornalista. Isso me remeteu a um dos relatos de William Foote-Whyte, no seu livro *Sociedade de Esquina*, em que constatava:

Comecei com uma explicação muito elaborada. Eu estaria estudando a história social de Corneville, mas possuía uma nova perspectiva [...] Logo descobri que as pessoas estavam desenvolvendo a sua própria explicação sobre mim: eu estava escrevendo um livro sobre Corneville. Como esclarecimento isso poderia parecer inteiramente vago e, no entanto, era suficiente. Descobri que minha aceitação no bairro dependia muito mais das relações pessoais que desenvolvesse do que das explicações que pudesse dar (FOOTE-WHYTE, 2005, p.79).

Com isto, passei a aceitar meu papel de escritor/jornalista/sociólogo como parte necessária para o desenvolvimento desta pesquisa. Abandonando questões teóricas profundas, que necessariamente iriam confundir e entediar minhas interlocutoras. A escolha por trabalhar com histórias de vida, além da observação participante em alguns casos, deu-se pela necessidade de não restringir as entrevistas a meras respostas duras, buscando o relato biográfico

¹⁸ A identificação da categoria Maricona em meu campo segue o mesmo identificado por Pelúcio em 2009 e Benedetti em 2000. São os clientes homens das travestis que as procuram para terem sexo penetrativo como passivos. Geralmente são mais velhos e não assumem seus desejos fora do mundo da prostituição. Esta categoria é utilizada frequentemente de forma depreciativa. Por outro lado, os maridos estão em uma categoria privilegiada de prestígio. São entendidos como “homens de verdade”, os que realmente assumem a relação de namoro com uma travesti. Estes sujeitos dificilmente são penetrados nas relações sexuais com as travestis. Pelúcio (2009) ressalta como esta categoria sugere que as relações amorosas envolvendo travestis têm os laços consolidados em tempo distinto das relações heterossexuais.

¹⁹ O Pajuba, Pajú ou Bajubá é um tipo de linguagem/gíria muito utilizada pelas travestis. Sua origem está ligada ao ioruba-nagô. Maiores informações podem ser conseguidas em Benedetti (2005).

das participantes como forma de contextualizar suas vivências, representações do presente e significações. Assim,

ao fazer um exame aprofundado das narrativas de memórias de travestis esta tese de doutorado pretende colocar em relevo as relações entre memória individual e coletiva pensadas em articulação com o viver cotidiano destes atores sociais no contexto de uma grande metrópole contemporânea (SIQUEIRA, 2009, s/p).

Neste caso, o foco é o interior de São Paulo, mas a forma com que Siqueira coloca é pertinente a este trabalho, por isso pretendo trabalhar a questão da memória individual e coletiva de travestis de diferentes gerações e suas representações do comportamento e a vida cotidiana.

Por fim, as entrevistas eram, quando permitidas, gravadas em áudio. Em outras apenas algumas anotações eram feitas durante a conversa. As interações, em sua maioria, foram feitas sem a utilização de gravadores e/ou cadernos de campo. Acredito que a utilização destes dispositivos traz, algumas vezes, certa artificialidade aos discursos e conversas. Preferi deixar os diálogos soltos e confiar na memória e na construção do diário de campo ao final de cada evento participado.

Na cidade de Ribeirão Preto, minha inserção no campo ocorreu através da ONG ASGATTAS – RP, voltada para as populações travesti e transexual da cidade. Conhecia o trabalho da ONG através das ações promovidas na cidade e de seu perfil em plataformas virtuais. Entrei em contato com a presidente da ONG, Ágatha Lima, através do Facebook®, explicando minha pesquisa, minha necessidade de desenvolver um trabalho de campo com as travestis e me dispondo a ajudar a ONG nas atividades realizadas. Ágatha, muito receptiva, me convidou para uma reunião na ONG para conversarmos melhor. Iniciei assim minha atividade junto com a ONG, onde tive oportunidade de conhecer diversas pessoas travestis e trans.

A ONG me possibilitou a entrada em duas das casas em que moravam travestis que se prostituíam na cidade, conhecendo suas rotinas, seu dia a dia e conseguindo me aproximar das interlocutoras. No total foram entrevistadas

14 travestis, destas, com cinco desenvolvi contato constante possibilitando minha aceitação em suas redes sociais.

A coordenadora da ONG faz visitação quinzenal em quatro casas de prostituição travestis na cidade. Esse trabalho é fruto de um edital municipal para prevenção de DST's que foi lançado no ano de 2013 na cidade. O primeiro contato com esta casa ocorreu através de uma palestra organizada pela ONG em conjunto com a Secretaria Municipal de Saúde. A palestra visava informar as moradoras sobre a importância do sexo com camisinha, sobre as DST's²⁰ e como identificá-las, bem como informar sobre as principais entidades e telefones que poderiam ser utilizados por elas no caso de alguma violência, discriminação ou necessidade de acolhimento. Ao final desta palestra, fui apresentado às moradoras da casa como integrante da ONG e pesquisador. Com isto, realizei um pequeno debate sobre como elas pensavam a prostituição, envelhecimento, clientes e modificações corporais. A conversa foi livre e foi o primeiro passo para me familiarizar com elas e conseqüentemente conseguir contato. Apesar de ser nosso primeiro contato, esta palestra foi fundamental para perceber valorações e conflitos existentes entre moradores e como a questão geracional estava envolvida.

Como citado anteriormente, além das entrevistas realizadas de forma presencial, os contatos sempre foram mantidos através redes sociais e comunicadores instantâneos como o Skype®, criando duas formas distintas de conseguir informações e entrevistas, *online* e *offline*. Sempre tomei cuidado em deixar clara minha intenção de pesquisa, sobre o que estava estudando e como pretendia fazê-la. Precavi-me para não estimular ou criar um conflito entre as travestis de diferentes gerações, evitando perguntas diretas como “você tem algum problema com as travestis mais novas?” ou “já teve alguma briga com as mais velhas?”.

Nas primeiras conversas baseava-me em um roteiro mental, no modelo de entrevista semiestruturado, para guiar a entrevista, modelo esse que, por sua vez, poderia ser totalmente desconstruído dependendo dos rumos da

²⁰ Doenças Sexualmente Transmissíveis.

conversa e da forma de interação com minhas interlocutoras. Nos outros contatos (*online* e do dia-a-dia), tentava tirar o máximo do caráter de entrevista e buscava diálogos mais “descompromissados” buscando transparecer maior liberdade para que falassem a vontade, cabendo a mim, como pesquisador, perceber os detalhes de cada conversa e o que elas poderiam auxiliar no meu trabalho. Desta forma, como entrevistador, buscava me manter em “situação flutuante” (THIOLLENT, 1982, p.86) que permitisse estimular as entrevistadas a explorarem seus universos culturais, sem questionamentos forçados.

Podemos perceber algumas diferenciações fundamentais entre as entrevistadas e os espaços de pesquisa das duas cidades. As travestis com quem mantive contato na cidade de São Carlos se prostituíam diretamente na pista, pagando a diária para uma cafetina específica. A maioria possuía moradia fora da proteção ou tutela desta cafetina, morando com a família, amigos ou sozinhas. Apesar da cidade de São Carlos possuir uma ONG voltada para a população LGBT, as travestis que entrevistei não me informaram sobre nenhum trabalho constante voltado diretamente para a população de travestis da cidade. Diferentemente de Ribeirão Preto, onde existia a presença constante da ONG ASGATTAS, que faz visitas sistemáticas e presta as mais diferentes formas de assistência tornando-se um fator importante neste processo de estabelecimento do campo.

Ao final da pesquisa, pretendo estabelecer um modelo comparativo entre as travestis das duas cidades trabalhadas. Levando em conta a questão da geracionalidade, espacialidade, tempo de prostituição e a rede de sociabilidade que possuem, utilizando estes pontos como parâmetros para construção de quatro modelos explicativos que abarquem as características das diferentes gerações de travestis. Este modelo será construído da seguinte maneira:

Tabela 1 - Estrutura da tabela de descrição das colaboradoras entrevistadas de acordo com cidade e geração.

GERAÇÃO CIDADE	MAIS VELHAS	MAIS NOVAS
RIBEIRÃO PRETO	XX	XX
SÃO CARLOS	XX	XX

Fonte: Caderno de Campo

As características contidas em cada uma das tabelas serão construídas levando em conta as experiências e entrevistas que o presente pesquisador empreendeu durante todo o trabalho. A construção destes modelos não visa a enrijecer e sedimentar as identidades em questão, visto que a multiplicidade e fluidez são fatores fundamentais ao se trabalhar com identidades e, principalmente, com identidades trans. Eles devem ser pensados como modelos ilustrativos que representam um condensado de características em comum, mas não necessariamente uma ordem ou uma tipologia que estabelece os limites de cada uma das identidades trabalhadas. São abstrações teóricas de uma realidade em particular. O constante diálogo e intersecção das diversas esferas que compõem o “ser travesti” impedem uma cristalização destes dados, servindo como representação de um tempo histórico determinado e vivências e experiências delimitadas. Assim, devemos ter em mente que estes modelos dialogam com experiências específicas que são localizadas temporal e espacialmente de acordo com as delimitações deste trabalho. Qualquer tipo de generalização, deslocamento ou torção destes pontos pode e, provavelmente, irá modificar as características apresentadas.

2.3 – Por quanto? Negociando dúvidas e limites.

A questão da diferenciação entre travestis mais novas e as mais velhas foi um ponto particularmente importante para este trabalho. Ao pesquisar as travestis, a noção de geração e envelhecimento tornou-se fluida e complexa. Estabelecer uma idade limite, considerando que as travestis que estivessem acima daquela idade seriam consideradas por mim como mais velhas, era um erro grosseiro que não poderia cometer. Partindo do postulado que “a própria ideia da idade como algo natural deve ser deixada de lado” (DEBERT *Apud* SIQUEIRA, 2000, p.83), podemos observar que em todas as sociedades se pode encontrar pessoas com muitos anos de vida, mas os significados da passagem do tempo dos integrantes de determinados grupos sociais é fornecido pela cultura.

O envelhecimento das travestis que se prostituem transborda as barreiras etárias, criando uma lógica específica de funcionamento, que foi utilizada para a delimitação dos dois grupos trabalhados nesta obra. Este

pensamento vai ao encontro de Heck e Langdon (2002) quando afirmam que o processo de envelhecimento apresenta variações construídas socialmente nos diferentes grupos sociais, de acordo com a visão de mundo compartilhada em práticas, crenças e valores. Por isso, o processo de envelhecimento toma conotações completamente diferentes de acordo com as relações de poder e expectativas estabelecidas dentro do grupo em questão, criando valores e noções muito particulares sobre o envelhecer.

Desta forma, devemos pensar o envelhecimento do mesmo modo que pensamos o gênero: como performatividade. Não existe um padrão rígido de envelhecimento, existem múltiplas experiências, em múltiplos corpos e que resultam em múltiplas valorizações pela sociedade. Assim, penso o envelhecimento através de uma chave relacional. A “velhice”, assim como a “juventude”, não são características substanciais que acontecem com a idade, mas uma categoria cuja delimitação resulta do estado (variável) das relações de força entre as classes e, em cada classe, das relações entre as gerações, isto é, da distribuição do poder e dos privilégios entre as classes e entre as gerações. (LENOIR, 1998, p.71-72)

Uma de minhas referências é Pedro Paulo Sammarco, que trabalhou com questões de envelhecimento e travestilidade em sua dissertação de mestrado em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Trabalhando com a interseccionalidade entre sexo, gênero, desejo e envelhecimento, o autor nos apresenta como o envelhecimento destas pessoas é marcado por um duplo estigma, já que o estigma de envelhecer se associa com o da travestilidade. A forma de envelhecer também é ressignificada, pois o corpo envelhece quando passa a ser considerado velho na lógica do mercado do sexo: até que ponto aquele corpo interessa aos clientes, até que ponto ele é cobiçado e etc.

Segundo Sammarco,

quando não pudessem mais viver do corpo, já seriam consideradas velhas. Para as travestis o conceito de velhice está vinculado ao trabalho que desempenham como prostitutas. Enquanto trabalham são úteis, produtivas e,

portanto jovens. Se conseguirem juntar um bom capital, poderão viver suas velhices com mais dignidade (2011, p. 262).

Acredito que, para além da associação do mercado de trabalho com o envelhecimento, a regulação desta lógica está fortemente ligada à aparência física e as relações que estabelece com o meio e os bens que possui²¹.

A construção do ideal de beleza de uma travesti que se prostitui, liga-se às noções de beleza da época em que esta está situada, desta forma, seu corpo será construído visando os padrões que a circulam, para assim chegar mais próxima ao idealizado e conseguir maiores rendimentos no mercado do sexo. Com o passar dos anos, o envelhecimento deste corpo construído acaba por “danificar” as modificações feitas por elas, marcando seus corpos a ação do tempo e ao envelhecimento. Estas marcas diminuem seus lucros e passam a ser um problema para a manutenção de seus trabalhos na prostituição. Desta forma, o envelhecimento travesti pode ser ligado, além de uma questão estética e de saúde, às noções mercadológicas do mundo da prostituição. Mais do que ver o seu corpo perder as formas que foram conquistadas durante anos de batalha, o envelhecimento do corpo torna-se um problema financeiro, diminuindo o número de clientes e excluindo a travesti de uma lógica de mercado que valoriza a busca pela juventude.

Assim como percebido por Sammarco (2010) em seu trabalho sobre envelhecimento travesti, a velhice não é valorizada por elas e nem pela nossa sociedade como um todo. O corpo pensado e visto como velho é um corpo que, na lógica capitalista, não produz tanto quanto na época de juventude. Desta forma, é um corpo que não possui uma utilidade e deve ser retirado do mercado de trabalho. Assim, segundo Mascaro (1997), o velho deixa de ser visto como produtor ou reprodutor, e passa a ser visto como um parasita sem utilidade.

Mas a velhice e o envelhecimento em meu campo se evidenciam por dois fatores distintos. De acordo com os relatos de minhas interlocutoras a noção de envelhecimento não é vista de forma unicamente negativa como a noção de velhice. O envelhecimento é associado ao ganho de experiência.

²¹ Estes pontos serão desenvolvidos de forma sistemática no último capítulo desta dissertação.

Assim, ao questionar Carol²² sobre o processo de envelhecimento, sua resposta foi categórica: “envelhecer tem seu lado bom, a gente fica mais mafiosa, entende melhor como as coisas funcionam e deixa de ser boba e passa a ser mais respeitada”.

A noção de mafiosa toma, neste contexto, atributos positivos como o saber se portar na rua, a diferenciar quando um cliente quer mesmo um programa ou se é um cliente varejão/penoso²³, como também, a não ter muitos vícios²⁴. Assim, o envelhecimento está ligado a aquisição de experiência e é um processo pelo qual todas as travestis que permanecerem na prostituição vão passar. Existe uma valoração positiva no processo de envelhecer. Neste ponto, utilizo uma citação do trabalho de Sammarco (2010), sobre a velhice, mas será associada à noção de envelhecimento, que reforça esta perspectiva percebida em minhas interlocutoras. Desta forma, afirma que

elas percebem que ao chegarem à velhice, se conhecem mais e podem escolher melhor em diversos aspectos de suas vidas. Dizem que com a idade puderam aprimorar melhor a elegância e a sofisticação para lidar com a vida. Consideram-se mais sábias e verdadeiras batalhadoras, pois alegam não ter sido fácil ter chegado à idade que chegaram com dignidade. Procuram evitar as “más misturas”, justamente por saberem aquelas que aumentam ou diminuem suas potências de agir. São verdadeiras sobreviventes que estão aí na velhice. Suas trajetórias de vida servem como exemplo de luta e construção de uma ética e estética própria de existir (op. cit., p.257).

São estas éticas e estéticas que Carol invoca ao falar de forma positiva sobre o processo de envelhecimento. Ativando as noções de experiência para valorizar de forma positiva o processo. Mas, apesar disto, o processo de envelhecimento também é visto como negativo. Os cuidados com o corpo, por mais persistentes que sejam, não conseguem suplantar a ação do tempo. E esses pontos são sempre ressaltados por minhas interlocutoras. O medo de ficarem feia e de perderem a rigidez de seus corpos. Esta parte do processo de

²² Carol possui 23 anos, é moradora de uma das casas em Ribeirão Preto.

²³ O cliente varejão é aquele que fica apenas conversando com a travesti, discutindo o preço e passando a mão na travesti. Por sua vez, Penoso é utilizado tanto para clientes como para outras travestis e significa aquele que não tem dinheiro; pobre.

²⁴ Vício neste sentido é o nome dado aos clientes com que as travestis têm relações e não cobram por isso. Elas podem deixar de cobrar por vários motivos: serem bonitos, agradáveis, tentarem algum tipo de relacionamento com o mesmo, etc.

envelhecimento também existe e é, juntamente com a valorização positiva, existente e não excludente.

Por sua vez, minhas interlocutoras identificam a velhice em si também como um “fato”: determina-se que tal pessoa é velha. Este tipo de apontamento é utilizado para ressaltar, normalmente, as travestis que não possuem mais a beleza que possuíam na juventude ou que não conseguem tirar seu sustento da prostituição. Desta forma, a velhice, atribui um valor negativo ao indivíduo a que é associada. Esta percepção não é uma regra, mas dentre minhas interlocutoras foi representativa da maioria dos relatos colhidos. Ao questionar sobre as implicações da velhice em sua vida, Selma foi categórica: “*viado*, você está me chamando de velha? Eu não sou velha, sou experiente! Velha é uma das “travas” que fazem ponto ali em cima, toda caída, fim de carreira, e a bicha não desiste da pista”.

O relato de Selma corrobora com o que foi encontrado e teorizado por Guita Debert em seu artigo *Envelhecimento e Representações sobre a Velhice* (1988). Neste trabalho, a autora entrevista homens e mulheres com 70 anos ou mais e afirma que “a velhice não é uma identidade permanente e constante para os indivíduos de idades avançadas [...] O velho é sempre o ‘outro’” (DEBERT, 1988, p.538). Por mais que Selma saiba que sua idade é muito maior do que qualquer outra travesti que consiga me apontar, ela ressignifica o envelhecer transformando-o em uma noção de experiência, apontando no outro as características particulares do que é o ser velho.

Um ponto em comum que podemos perceber em todos os relatos de minhas interlocutoras, como das interlocutoras de Sammarco (2010) e de Siqueira (2004), independentemente da valorização positiva ou negativa de travestis idosas, todas elas são vistas como “sobreviventes”. Isto ocorre devido às altas taxas de violência a que estão e foram submetidas (como já ressaltado anteriormente) ao uso de drogas, a doenças e ao preconceito. Em uma das conversas com Selma, ela me relatou um episódio em que foi espancada por cinco homens que desceram de um carro única e exclusivamente para cometer este ato. Segundo ela, “foi um milagre eu sobreviver, fiquei na UTI por muito tempo, em coma, quase morri”. Esse relato reforça a noção de sobrevivência

das mais velhas e, principalmente, apresenta suas vidas e existências marcadas pela violência.

A perspectiva do duplo estigma, apresentada por Sammarco (2010), para referir-se a forma com as travestis são vistas e interagem com a sociedade me servirá como base para as análises deste trabalho. O estigma representaria uma ameaça à sociedade que deve ser evitado. Isto porque a sociedade criaria um modelo de categorias e atributos representativos da normalidade e do bem-estar. Qualquer identidade que escape a estes modelos entrará na lógica do estigma, convertendo-se em pessoas perigosas, desleixadas, omissas, fracassadas e/ou abjetas. A lógica da abjeção, explorada por Butler, descreve os corpos que não são possuem respaldo nos padrões de normalidade e, conseqüentemente, não possuindo legitimidade para existirem nos padrões ideais hegemônicos de sexo, gênero ou desejo. Ao não possuírem relevância social, estes corpos são estigmatizados e perdem, ainda que parcialmente, o status de humanos (BUTLER, 2002).

A cristalização da abjeção ocorre no estigma, que foi desenvolvida por Goffman, em sua obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Nesta obra, o estigma é definido por meio de “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (op. cit., 1988, p. 13). Um atributo físico marcaria a diferenciação entre os estigmatizados e os considerados normais. Criando limites de circulação, contato e diálogo entre os sujeitos. As pessoas “normais” preveem um conjunto de categorias e atributos que se espera encontrar em todas as pessoas. Estas pré-noções transformam-se em “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (op; cit., 1988, p.12), que conseqüentemente engendram o jogo entre normalizados e estigmatizados.

Podemos enquadrar nesta lógica a questão do envelhecimento, pois, como comentado acima, o velho não possui mais as capacidades ideais para produzir, trabalhar ou se reproduzir, isto o insere na lógica do estigma, criando estereótipos e modelos a serem frequentemente rejeitados e afastados. Da mesma forma, as travestis, independentemente da idade, passam por um processo de estigmatização constante em suas vidas.

Vistas através de um viés patologizante, as travestis caem em uma chave interpretativa que facilmente as associa como não humanas, como seres abjetos. Os estereótipos que constroem as travestis como seres da noite, como portadoras e disseminadoras de doenças, sendo uma das responsáveis pela disseminação do HIV, que são perigosas e cometem assaltos e outros delitos. Além destes fatores, o simples fato de abrirem mão de uma suposta masculinidade ontológica para se transformarem em corpos e subjetividades femininas as coloca na categoria de seres abjetos, relegando mais uma forma de estigma a elas. O duplo estigma entre as travestis que envelhecem ocorre desta forma, juntando duas características como o envelhecimento e a travestilidade e obrigando as mesmas a agenciar os resultados deste processo de estigmatização em suas vidas.

Mas outro processo que ocorre juntamente com o envelhecimento travesti é o reconhecimento destas travestis enquanto senhoras idosas. Este reconhecimento ocorre de fora para dentro. Em locais públicos, nas ruas, mercados, ônibus, etc. As travestis que chegam a uma certa idade e com uma configuração específica de corpo (lido como um corpo idoso) ganham “passabilidade” sendo reconhecidas e entendidas enquanto senhoras idosas. Percebido por Monica Siqueira (2004; 2009) em seus trabalhos com travestis idosas, tem como referência o fato de que, ao envelhecerem, as travestis conseguem serem reconhecidas como senhoras idosas, e não mais apenas como travestis. Esse reconhecimento é motivo de orgulho para as travestis mais velhas, e ocorrem em momentos cotidianos como em filas de banco, mercados, cinemas e etc.

Percebemos a existência de uma valoração positiva em ser reconhecida como idosa, mas esta valorização não ocorre de forma isolada, ela deve ser associada a um envelhecimento com qualidade. Desta forma, além de serem reconhecidas como senhoras, pois como afirma Siqueira,

não bastava ser tratada como “senhora” na rua, não bastava que lhes indicassem o banheiro de senhoras ou que lhes ofereçam o assento do ônibus, é necessário ser uma senhora bem-sucedida, no sentido de ter “escapado” da AIDS, da dependência de drogas químicas, de poder transitar em

diferentes segmentos sociais, de ser respeitada no local aonde mora e ser uma senhora de posses (2009, p.44).

Consegui perceber este posicionamento claramente na fala de Selma, quando me falava de sua casa e vizinhança e ressaltava pontos muito particulares como o ótimo relacionamento com os vizinhos ou o cuidado que dedicava a sua casa e as plantas. As crianças chamavam ela de “Dona Dê” e as outras senhoras da rua paravam para conversar com ela durante a tarde. Assim, além de ser confundida com senhora, Selma elenca signos de uma velhice bem-sucedida.

Os estigmas de serem consideradas velhas improdutivas impostos pela sociedade são colocados ao lado das insígnias de vitória por terem chegado a velhice de forma confortável.

Outro ponto positivo levantado por Siqueira diz respeito ao relacionamento empreendido pelas travestis mais novas com as mais velhas. Assim, exigem um respeito por serem senhoras ou o reconhecimento por serem velhas. O “ser senhora” relaciona-se diretamente com o conceito de respeito, em que sua idade é evocada e seu corpo e identidade não podem ser violados ou ofendidos por nenhuma outra. Siqueira apresenta um relato representativo deste ponto, em que uma de suas interlocutoras refere-se ao encontro com outra travesti mais nova e afirma que:

a mesma ficava o tempo todo “segurando nos seus peitos”, “apertando sua bunda”, falando alto, chamando a atenção dos homens, e que ela precisava entender que já está “velha”, que não está mais com “idade” para esse tipo de brincadeira e que ela estava ali “trabalhando” (op. cit., 2004, p. 105).

Assim a questão do respeito à sua idade cronológica, e seu reconhecimento enquanto senhora permite que a informante diferencie as atitudes da travesti mais nova e as classifique como inadequadas para ela. Esse ponto é discutido claramente na seguinte passagem:

ao confrontar-se e relacionar-se com alguém pertencente a um grupo de idade diferente do seu. Através da idade do outro, de suas práticas, de seu comportamento ela se dá conta de sua própria idade, de seu próprio grupo etário. Aciona o seu pertencimento a essa faixa etária como garantia de um maior respeito, como se o seu reconhecimento como “velha” tivesse

como contrapartida o seu reconhecimento como alguém respeitável, merecedora de deferências ou, pelo menos, de um certo comportamento mais “civilizado” (SIQUEIRA, 2009 p.106).

Já o reconhecimento por “ser (mais) velha” entra na chave da experiência, em que sua identidade deve ser respeitada e sua trajetória deve ser levada em conta ao se referirem a ela. Este ponto é representativo em meu campo, quando Natasha, 29 anos, em uma das conversas em grupo afirmou para outra travesti mais nova que ela “teria que chupar muita piroca para chegar onde ela chegou e conseguir o que ela conseguiu”. Assim, os anos de experiência a mais de Natasha no mundo da prostituição são apropriados como um fator de distinção e respeito por ela em relação às travestis mais novas.

Além destes fatores de distinção, o momento em que o processo de envelhecimento se consolida em um corpo “velho”, isto é, o momento em que a experiência de envelhecer ganha materialidade no corpo e é percebida aos olhos das demais travestis e, principalmente, dos clientes. A travesti é compelida, quase que obrigatoriamente, a se “aposentar” da vida da prostituição e procurar outros meios de sobrevivência. Este processo não significa a ruptura com o mundo da prostituição. Como apresentado anteriormente, as travestis mais velhas podem se tornar bombadeiras, cafetinas, etc. Essa aposentadoria foi relatada por Rodrigo Casteleira, como o momento em que as

travestis envelhecidas já podem se ‘dar ao luxo’ de sentirem-se livres de diversas expectativas negativas do próprio corpo: beleza eterna, agilidade, todavia, o mesmo corpo imprime sentimentos de insatisfação física, já que não poderão mais “concorrer nos jogos de sedução e de conquistas amorosas” (CASTELEIRA, 2012, p.186).

Mas até que ponto esse “se dar ao luxo” prova-se em meu campo é um processo questionável, pois, ao construir uma categorização particular sobre o conceito de mais velhas e mais novas, percebi que as expectativas sobre as mais velhas são muito altas e as incertezas do futuro tornam-se um ponto nodal em suas falas. Assim, os planos e projeções para uma vida confortável envolvem desde uma atenção com o corpo e a beleza até inúmeras técnicas e procedimentos. Ao me falar dos cuidados com a beleza e o corpo, Selma

afirma que, além de “um retoque aqui e um retoque ali” de silicone líquido, possui inúmeros cremes para o rosto, hidratantes, esfoliantes e etc.

Percebemos como as noções de juventude e envelhecimento no universo travesti estão fortemente ligados à construção e manutenção do corpo, à utilização deste corpo modificado e transformado como ferramenta de trabalho e ao tipo de relacionamento que empreendem com seu círculo social. O relato de Natasha, uma de minhas interlocutoras, foi fundamental para perceber de que forma as noções de geracionalidade e envelhecimento são agenciadas neste universo. Em uma de nossas conversas afirmou:

– Todo produto tem sua data de validade. Tudo tem um certo tempo, tudo tem uma validade, chega uma hora que ela já está velha e não dá mais para vida. Ela está cansada, vai querer procurar uma outra coisa para ela, um outro futuro, ela teve a sua chance de montar o seu futuro. Tem muita experiência e pouca paciência para esta vida. Seu corpo não serve mais pra rua (Selma, Caderno de campo).

Tendo como base o relato acima, utilizo as noções de experiência e corpo para diferenciar estes dois grupos, além da perspectiva da paciência²⁵. Esta última categoria mostrou-se, em meu campo, fundamental para a divisão entre travestis mais velhas e mais novas, pois delimita a forma com que as diferentes gerações agenciam o mundo da prostituição. A categoria “mais novas” será constituída por travestis que: tenham entrado na prostituição há pouco tempo, tenham “paciência” com jogos de sedução e “brincadeiras de alguns clientes”, além de possuírem um corpo construído através de valores que a juventude atual exalta.

Por outro lado, a categoria “mais velhas”, será constituída por travestis que possuam mais anos na vida da prostituição, tenham modificado seus corpos com valores estéticos que não são os pensados e utilizados atualmente, tenham maior experiência e menor paciência para alguns jogos de sedução, brincadeiras e vícios do mundo da prostituição e, por fim, que tenham as marcas do tempo em seus corpos, tendo o projeto de beleza estética que construíram afetados pelo envelhecimento. Estas marcas podem aparecer

²⁵ A noção de paciência será trabalhada durante o terceiro capítulo.

tanto pela ação da idade biológica, quanto pela utilização de drogas, convívio com doenças e acidentes durante a vida.

Nos próximos capítulos farei a apresentação de minhas interlocutoras e suas respectivas idades biológicas. Mas, esta idade deve ser utilizada apenas de forma primária, pois, a construção das categorias “mais velhas” e “mais novas” será feita independente deste dado. Pensarei estas categorias através dos processos, corpos, técnicas, sociabilidades e espaços de circulação que minhas interlocutoras agenciam em sua vida. Logicamente que as nuances e particularidades inerentes a cada geração, como as técnicas presentes em determinadas épocas, os espaços passíveis de circulação, a violência e visibilidade que se modificam com o passar dos anos serão levadas em conta, mas o foco será pensando através de quais características podem ser associadas a cada tipo de vivência e, conseqüentemente, a cada tipo de identidade.

Assim, não definirei uma travesti como “mais velha” por possuir mais do que “x anos”, visto que esse dado, em meu campo, mostrou-se pouco relevante para a criação de tais categorias entre elas. Desta forma, farei uma análise pautada no corpo, subjetividade e sociabilidade empreendida por cada um dos grupos, para, no último capítulo, apresentar os conceitos derivados de tais análises.

3 - Primeiros passos, mesmos percalços

3.1 Sobre padrões, técnicas e estéticas

Os padrões estéticos utilizados para a construção dos corpos estão intimamente ligados a um espaço temporal e cultural específicos. Esta construção deve ser pensada não apenas no corpo da travesti, mas no corpo de todas as pessoas, lugar onde os padrões são objetivamente buscados pelos mais variados meios. Em todas as sociedades a relação entre belo e feio, aceito e rejeitado, feminino e masculino, mostram-se culturalmente e temporalmente construídas, criando ideais de corpo, beleza e desejo para os corpos que ali se encontram em construção. Estas relações podem e devem ser lidas através da lógica das tecnologias de gênero, onde estes padrões são criados por meio de inúmeras tecnologias (imaginário social, linguagem, propaganda, etc) que encontram apoio em diversas instituições legitimadas.

As técnicas e procedimentos utilizados para se alcançar estes padrões são muitos e mudam de acordo com os avanços da medicina. O processo de construção dos corpos das travestis está inscrito nesta mesma lógica. A busca do corpo sonhado, tanto para a travesti que se prostitui, quanto para os clientes que buscam seus serviços, varia de acordo com a época. A busca do corpo ideal vai se modificando e criando padrões e corpos distintos para as diferentes gerações de travestis. Podemos identificar objetivos diferentes, em corpos generificados diferentes, através de processos e técnicas diferentes.

Os corpos criados nas décadas de 1980 e 1990 são distintos dos que foram criados nos anos 2000. O tamanho e formato dos seios, das nádegas, das coxas, da boca, tudo foi se modificando e ressignificando com o passar dos anos. Além destes padrões, as técnicas utilizadas para a construção destes corpos foram se aprimorando e ficando mais acessíveis. A popularização da aplicação do silicone industrial, o barateamento de procedimentos estéticos regulamentados, o surgimento de produtos novos como o polimetacrilado²⁶, conhecido como PMMA.

²⁶ Produto com função semelhante ao silicone industrial. Irei desenvolver mais profundamente no quarto capítulo.

Desta forma, por mais variados que sejam os corpos, por mais distintos que sejam os padrões, por mais plurais e datados que sejam as técnicas, alguns caminhos continuam sendo os mesmos para as travestis das décadas de 1970 até os dias de hoje.

As similaridades destes caminhos estão presentes no início do processo de transformação do corpo dito biologicamente masculino em um corpo dito biologicamente feminino. Este início é marcado por transformações mais leves e sutis, transformações que, na maioria das vezes, são reversíveis e/ou podem ser ocultadas em determinadas situações e momentos. Por conta desta reversibilidade e sutileza nas transformações, estes são sempre os primeiros passos a serem dados por todas as travestis que tive contato durante a pesquisa. Seja por uma impossibilidade financeira de fazer mudanças mais profundas, que conseqüentemente demandam mais dinheiro, seja pelo medo e insegurança que essas mudanças a afastem de suas famílias ou, até mesmo, pelas incertezas de que este é o “caminho certo”.

A construção do corpo da travesti ocorre de uma forma muito particular. Como Identificado por Benedetti, “do externo para o interno, do temporário para o permanente” (2005, p.55). Os procedimentos que começam na superficialidade da pele, nas roupas, nos cabelos, nas unhas e vão, gradativamente se aprofundando na carne e, conseqüentemente, na subjetividade das travestis.

Este processo de “montagem”, seria a “manipulação e construção de uma apresentação que seja suficientemente convincente, sob o ponto de vista das travestis, de sua qualidade feminina.” (Benedetti, 2005, p.67)

Uma das interlocutoras entrevistadas pelo psicanalista e fotógrafo Hugo Denizart, em seu livro *“Engenharia Erótica: Travestis no Rio de Janeiro”* faz uma construção de três momentos da transformação em travesti:

A gente passa por três fases: começa com aquela coisa enrustida, escondida... Você passa na rua e ninguém percebe. Depois, você assume o lado gay, entendeu? Assumido, mas não anda assim... Depois, vem o lado travesti: coloca um peito, usa roupa assim... femininas – Vanessa (DENIZART, 1997, p. 18).

Podemos problematizar estas “fases” delimitadas acima, a passagem de enrustido, gay e finalmente travesti pressupõe uma evolução, um amadurecimento. Mas esta evolução é complexa de ser equacionada. Durante minhas pesquisas encontrei travestis que me relataram sua infância entendendo-se como femininas desde pequenas, relatando serem afeminadas, gostarem de cabelos compridos, bonecas, roupas femininas e, principalmente, que todos as pessoas ao seu redor já sabiam e as entendiam enquanto gays ou travestis.

Este relato, coletado de Nicole, afirmava que, apesar da insistência de sua família, não conseguia se portar como menininho. “Sempre fui uma mocinha” afirmou jogando seus cabelos para o lado e fazendo um biquinho característico de suas fotos na internet. Podemos perceber que apesar da identidade gay ser presumida pelas pessoas ao seu redor, Nicole sempre se viu como “uma moça”. Assim, Nicole não passou pela fase do “se assumir gay”, ela sempre foi entendida como uma “desviante”, e, sua identidade nunca necessitou “sair do armário”.

O ponto mais importante da passagem acima é a noção de processo, de camadas a serem modificadas e transformadas e não de uma evolução identitária, em que assumir-se gay seria o primeiro passo para se tornar afeminado e conseqüentemente uma travesti. O tipo de modificação e o número de “camadas” a serem modificadas é muito particular e varia de travesti para travesti ou de geração para geração e, até mesmo, entre territorialidades e classes. Dentre minhas interlocutoras, encontrei travestis que não tem o desejo de fazer mudanças radicais no corpo, sentindo-se completas com o corpo que possuem e as mudanças conseguidas com a utilização apenas de hormônios. Do outro lado estão as travestis que apenas vão se considerar mais perto de seu ideal de aparência ao fazerem uso destas técnicas mais incisivas e modificarem os corpos de forma radical e profunda. E, nestes dois grupos, encontrei relatos de infâncias tanto marcadas pelas “saídas do armário” quanto pelas “primeiras montações”.

Estes relatos são significativamente importantes na vida das travestis que entrevistei, pois representam um momento de libertação, ruptura e

inserção. Libertação das amarras que as mantinham se montando ou escondendo seus desejos de forma progressiva, tanto da família quanto de grande parte da sociedade. Ruptura por este processo constantemente leva a quebra de laços sociais com amigxs e familiares. Por fim, a inserção ocorre em um “novo mundo”, com novos amigos, em novos espaços e com uma corporalidade específica para uma vivência da travestilidade.

A partir desta noção de processo, podemos apresentar as primeiras modificações, comuns às travestis mais velhas quanto as mais novas e presente em quase todos os trabalhos até o momento. Os cuidados com a pele aumentam, passa-se a utilizar maquiagem, batom e esmalte (na maioria das vezes com cores fortes). O cuidado com a barba e pelos em geral é fundamental e são raspados, depilados ou até mesmo removidos com pinça.

Renata, uma de minhas interlocutoras na cidade de São Carlos relatou que o início de sua transformação ocorreu com a ajuda de um amigo. Segunda ela, no início utilizava a casa deste colega, que morava sozinho, para se montar. Fazia a maquiagem, pintava as unhas, se depilava e depois vestia-se de forma feminina. Segundo ela, este processo ocorreu durante quase um ano, enquanto não se assumia para a mãe com quem ainda morava durante a realização desta pesquisa. Sua “saída do armário” ocorreu no final deste um ano, pois sua mãe começou a questionar muito o seu cabelo comprido, as mudanças em seu comportamento e as frequentes saídas noturnas. “Eu estava ficando muito feminina, meus trejeitos, meu comportamento, minha voz, aí não teve como né? Ela começou a desconfiar e me colocou contra a parede”, afirmou Renata.

A utilização de roupas e acessórios femininos é um passo importante neste processo e, geralmente, é o primeiro de todos. Nicole foi uma das muitas travestis que tiveram a primeira experiência utilizando as roupas da mãe. “Quando eu tinha 12 anos eu coloquei um salto da minha mãe, muito maior que o meu pé, e um vestido, que ficava arrastando no chão, fiquei tão linda” me contou aos risos em uma de nossas conversas. Ela foi uma das muitas que me relataram esse início de produção com as roupas da mãe, irmãs ou primas.

Esta geralmente é a primeira experimentação de um “acessório” feminino na vida de minhas entrevistadas.

Rebeka passou por quase o mesmo processo, só que ao invés de fazer a montagem escondida na casa de um amigo, fazia as escondidas em sua própria casa. “A tarde eu ficava sozinho²⁷, minha mãe e irmã saiam para trabalhar e eu fazia a festa nas roupas e maquiagens. Isso durou um bom tempo até minha irmã perceber que suas maquiagens estavam acabando”. Esse processo durou pouco mais de um ano ao conseguir um trabalho em um mercadinho próximo de sua casa. Rebeka começou a comprar seus produtos de beleza e a deixá-los escondidos de sua família. As brincadeiras com as roupas e produtos de beleza de sua família e o momento em que se assumira como travesti ocorreram dos 13 até os 16. Aos 16 anos saiu de casa devido as constantes brigas com sua mãe.

Os cuidados com o corpo se intensificam. Carol, mesmo antes de deixar os cabelos crescerem, fazia questão de sair perfumada e cheirosa na rua. “Eu era o moleque mais cheiroso e ‘macio’ do meu bairro. Não tinha coragem de usar roupas femininas na rua, com medo da minha família, mas eu me perfumava e passava creme no corpo todo. Era um luxo de garoto”.

Em um primeiro momento, esses acessórios são responsáveis pela corporificação das qualidades ditas femininas. As roupas femininas, as bijuterias, os cremes, perfumes, as unhas. Podemos verificar como esses primeiros passos são fundamentais para a construção de um *ethos* travesti, que alicerça todas as transformações posteriores, sejam elas mais radicais ou mais sutis, construindo corpos mais volumosos ou mais delicados.

O cabelo é um ponto focal nesta transformação por possuir um forte poder simbólico. A figura feminina é associada aos cabelos longos e esta imagem serve de modelo para o ideal feminino buscado por travestis.

Os cuidados empreendidos com os cabelos são frequentes e feitos por todas as gerações, demonstrando o forte poder simbólico que estes possuem

²⁷ Acho interessante pontuar que ao retratar o passado, Rebeka se referia a ela mesma no gênero gramatical masculino.

perante a identidade travesti. Os tratamentos e a importância existem independentemente do tamanho, cor ou tipo de cabelo. Pensar os cabelos como uma das muitas tecnologias de gênero é fundamental, pois a associação entre estética, feminilidade e corpo perpassa vários discursos de minhas interlocutoras. Essa associação cria subjetividades e padrões estéticos específicos entre elas, fazendo parte de uma complexa cadeia de conhecimento que produz identidades específicas de forma generificada.

A importância e as diversas modificações e valorações que os cabelos (e corpos) podem adquirir, acabam por evidenciar como a reconstrução do corpo é marcado por conflitos que põem às claras as ideologias de gênero, fundada no dimorfismo, e os/as colocam em posição de permanente negociadores com as normas de gênero. (BENTO, 2006, p. 3)

Um dos orgulhos de Renata eram seus cabelos longos, chegando a metade de suas costas, lisos e loiros. Os cuidados eram feitos semanalmente em casa. Ou quando tinha “sobrando algum” [dinheiro] gastava em um salão perto de sua casa para fazer hidratação e outras técnicas para manter o brilho e beleza de seus cabelos.

Os cabelos também são ponto forte em show de dublagem e apresentações artísticas em geral. O chamado “bate cabelo” é utilizado nestas apresentações e consiste em inclinar a cabeça para frente e fazer movimentos circulares ou em formato de “oito” para que os cabelos fiquem esvoaçantes e ganhem movimento na performance. Este tipo de apresentação necessita de uma quantidade significativa de cabelo por parte da performer para que o efeito visual obtido com a movimentação da cabeça seja visualmente chamativo e imponente. Este volume, quando não natural, é conseguido através de perucas.

Além disto, o ato de bater o cabelo é constantemente ressignificado para outras situações, desta forma, o ato de jogar os cabelos com as mãos ou com um movimento de pescoço pode significar desde uma ação de desdém com outra pessoa até um ato de glamour. Presenciei algumas discussões amigáveis entre as travestis nas casas de Ribeirão Preto. Sempre quando uma das

meninas utilizava alguma argumentação incontestável ou relativamente boa, contra outra travesti, suas mãos passavam pelos cabelos jogando-os acima dos ombros e virando o rosto, como se o argumento utilizado anteriormente fosse arrematado com o golpe que os cabelos dariam, finalizando a discussão.

3.2 Sobre nascer, transformar e circular.

A construção dos corpos, identidades, subjetividades e vida (noturna, clandestina, social, criminal, passional) das travestis que se prostituem está, necessariamente, ligada a uma territorialidade específica. O estabelecimento das redes de interação, dos locais de prostituição, dos locais de circulação permitida (ou não) estão fortemente ligados a um espaço territorial específico dentro da cidade. Assim como os corpos e as vidas de minhas entrevistadas, os territórios em que elas circulam e trabalham são considerados, no limite, marginais, são pensados através de uma lógica do perigo, do segredo, do oculto e do noturno.

Estas vidas tornam-se inteligíveis e, sobretudo, permitidas apenas nestes espaços determinados, onde os códigos partilhados entre território e identidade encontram coerência e conexão. A “territorialidade consiste na distribuição dos corpos no espaço, mas num espaço decodificado, em que determinadas sociabilidades - e não outras - são inscritas, uma distribuição que é tanto populacional quanto semântica ou retórica, num nível discursivo” (SILVA, 2006, p.14).

Os espaços de circulação são constitutivos das sociabilidades e vidas que neles se deslocam. Podem ser pensados, no limite, como a cristalização dos corpos e subjetividades que estão presentes naquele local. O conjunto de códigos que determinam quem são as travestis, qual nível elas ocupam na hierarquia do mercado do sexo (quais atributos são mais valorizados e, conseqüentemente, levam a uma maior procura por clientes) e quais espaços elas circulam. Forma-se uma rede plural, mutável e orgânica de códigos “possibilitando que os sujeitos ‘ocupem’ sucessivamente diversos lugares do código, isto é, se desloquem mais ou menos intermitentemente pelas casinhas classificatórias, mudando de classificação conforme o local e a situação” (PERLONGHER, 1987, p.152).

Os sujeitos desta pesquisa, tanto por se prostituírem quanto por serem travestis, estão ligados a uma noção de marginalidade, sendo deslocadas e classificadas a margem da sociedade. Possuindo um conjunto de códigos específicos e, muitas vezes, estereotipados sobre suas vivências. São corpos e identidades que não possuem o privilégio de circular livremente em quaisquer espaços, sendo arrastadas, muitas vezes, para espaços também marginalizados das cidades.

Mais do que analisar a questão da territorialidade e dos espaços como espaços fixos de identificação, devemos percebê-los em relação, tanto com as pessoas, quanto com o tempo e os meios de circulação que ali coexistem. Ao trabalhar com a noção de espaço, diálogo com Michel de Certeau (2008), percebendo estes por meio da circulação e operações móveis empreendidas pelos sujeitos que ocupam este lugar. "A rua geograficamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres" (op. cit., p.202). Estes espaços sofrem processos de catalogações e marginalizações específicos e fluidos. As delimitações e valorações de um determinado território, no meu campo, mostraram-se muito orgânicas, variando no tempo e espaço. Esta variabilidade é o que leva alguns pontos da cidade a serem considerados espaços perigosos (fisicamente ou moralmente²⁸) ou não, marginais ou não, dependendo do horário e dia da semana. Seguindo essa linha de pensamento, podemos nos apropriar das ideias de Nestor Perlongher (1987) para entender que estes espaços e o sistema de códigos que classificam tanto os sujeitos quando os territórios por onde circulam, funcionam de forma simultânea para sujeito e espaço, classificando e reclassificando de forma constante todos os envolvidos nesta relação. A valoração que recai sobre estes territórios não é fixa espacialmente e simbolicamente. Podendo migrar em relação ao tempo, às pessoas que circulam e a forma com que essas pessoas circulam nos tempos específicos.

Um exemplo desta "marginalidade fluida" é observado em um dos pontos de prostituição da cidade de Ribeirão Preto. O bairro conhecido como

²⁸ Essa noção de periculosidade moral pode ser pensada através da chave do estigma de Goffman. A circulação de determinadas pessoas em determinados espaços pode "contaminar" estes sujeitos, ganhando títulos e estigmas específicos.

Boulevard é composto por lojas de alto padrão, clínicas médicas, restaurantes de luxo, alguns poucos bares e casas noturnas. As pessoas que circulam nestes estabelecimentos durante o dia ou a noite são muito bem delimitadas, formando um público de “alto padrão”. Durante as noites na Rua João Penteado, uma das ruas centrais do bairro, funciona um dos pontos de prostituição travesti mais famosos da cidade.

A circulação de alguns corpos nestes espaços durante o dia é permitida e valorizada, durante a noite, a circulação nestes espaços é vigiada, julgada e recriminada. Raramente se observa algum pedestre passeando por estas calçadas. A todo o momento os carros dos clientes das travestis dividem espaço com os carros das pessoas que estão apenas circulando e procurando algum local para comer ou tomar alguma bebida. Mesmo com estas ditas limitações, as territorialidades permitem a coexistência regulada destas várias identidades nestes horários determinados. Distendendo a noção de sociabilidades nômades²⁹ e sedentárias desenvolvidas por Perlongher para as noções de marginais e normais, percebemos como as travestis que se prostituem (associadas ao marginal) ocupam de forma relativa estes espaços com consumidores, boêmios e etc. Cria-se, no limite, um conjunto de códigos de convivência e circulação específicos para estes territórios que agenciam a questão do estigma e mobilizam diversas categorias de entendimento para classificar os sujeitos que ali circulam.

Se evidencia a permeabilidade entre marginalidade e centralidade dos espaços e territórios, além de sua forte ligação com as horas do dia. Estes períodos servem para alargar ou encurtar as fronteiras desta dita “centralidade”. Onde um território pensado para uma determinada classe é ocupado e ressignificado por outra parcela da população em um período de tempo específico.

Esta seletividade que os espaços promovem e a permeabilidade que estão condicionados ligam-se não apenas a valores morais (prostituição,

²⁹ As sociabilidades nômades caracterizam-se como um modo de circulação sexual – cujo paradigma é o *trottoir*. (PERLONGHER, 1987, p.188). Isto é, uma rede de circulação dos corpos na cidade, em que os espaços funcionam atraindo ou repelindo os sujeitos que buscam interações sexuais mediadas, ou não, pelo dinheiro.

marginalidade, promiscuidade, etc.), mas também às questões estéticas. Como mencionado no início deste subcapítulo, a construção dos corpos travestis para a prostituição cria modelos de beleza que, por mais que baseiem em padrões estéticos reconhecidos e legítimos, acabam por ressignificá-los e colocá-los em diálogo com outros padrões. Desta forma, por mais que uma travesti específica tenha passabilidade na sociedade, a utilização de roupas chamativas, decotadas, saltos e fendas (utilizados para chamar atenção de clientes e de outras travestis) acabam por “entregar” as identidades destas pessoas. Associando a corporalidade, territorialidade e os valores morais conservadores em um espaço, distinguindo e definindo as circulações possíveis.

É importante ressaltar que, independentemente da época, da geração ou das técnicas utilizadas, percebe-se que o modelo de beleza idealizado por elas segue um padrão específico em que pelo menos uma das características é um padrão estético predominantemente eurocêntrico branco. Os corpos estão inseridos em uma cultura e uma lógica de símbolos e signos que dão significados distintos a estéticas distintas. A aproximação entre estes padrões e as noções de feminilidade criam corpos específicos, que afetam e modificam as identidades femininas.

O corpo muda, as curvas mudam, as técnicas mudam, mas o corpo idealizado sempre é um corpo branco. As técnicas são para modificar este corpo e torna-lo mais bonito e próximo deste ideal de branquitude. Lentes de contato para deixar os olhos mais claros, produtos químicos para alisar os cabelos, plásticas para suavizar os contornos do rosto, diminuição das narinas, maquiagem para clarear a pele, etc.

A cor da pele e o tipo de cabelo são marcadores da diferença muito significativos neste meio, estando ligados a noções e padrões de feminilidade e beleza hegemônicos. Podemos perceber como estes padrões estéticos são eurocentrados. Mais do que eurocênicos, estes padrões tornam-se virtuais, pois, no limite, não são encontrados em nenhuma parte do mundo, criando corpos hiper-reais inalcançáveis. Indo ao encontro do que foi afirmado por Carvalho (1999), onde

o corpo que primeiro desaparece na hiper-realidade é o corpo branco. É com o seu desaparecimento, e conseguinte auto-instauração como corpo hegemônico, que ele procedeu a desaparecer com toda a grande diversidade de corpos portadores de milhares de segundas peles, decretando-os todos meramente como corpos não-brancos (p. 65).

A não alcançabilidade destes padrões é constantemente desafiada por meio das mais variadas técnicas para o “embranquecimento” de suas identidades e o clareamento de suas peles. Mas este ainda é um ponto delicado ao trabalhar com as noções de estética em travestis que se prostituem. Existe um limite sensível para o clareamento da pele de minhas entrevistadas por meio de maquiagens.

Este limite não é o mesmo quando se trata da modificação deste atributo em fotografias onde são utilizadas, além das maquiagens tradicionais, programas de edição (geralmente feitos por um profissional da área, após um ensaio fotográfico). Pessoalmente, o clareamento da pele barra nos limites do tom da pele e da maquiagem. Em minhas idas as casas de prostituição e a diversos eventos políticos de travestis e transexuais, uma das críticas mais comuns é sobre a artificialidade da maquiagem de alguma outra pessoa. Se a maquiagem estiver modificando muito a cor do rosto em relação ao corpo, é um dos pontos utilizados para críticas entre as T's.

Penso que este limite é um dos motivos para a forte associação entre a cor dos cabelos e de sua pele. A associação é muito presente entre minhas entrevistadas. Clarear os cabelos ou utilizar perucas e apliques com cores mais claras está, segundo suas percepções, diretamente relacionado com o tom de pele que possuem.

Em uma das conversas sobre beleza e aparência que tive com Carol, ao me mostrar as fotos de como queria seu cabelo, a cor de pele das modelos era majoritariamente branca, não havendo nenhuma negra entre as fotos apresentadas. Neste momento Carol, afirma: “nasci com essa cor encardida, mas essa semana eu vou mudar. Vou ficar loira-loira”. Mostrando que a cor e tipos dos cabelos inserem as travestis em um processo de racialização específico de suas peles e identidades.

Essa mesma percepção foi obtida por Tiago Duque, onde:

No início da pesquisa, quando perguntei a Rafaela qual era a sua cor de pele, ela me respondeu: “morena, mas quero virar loira. Já cansei de ser morena”. No entanto, vários meses depois, ainda nesta tarde da compra dos cabelos, me revelou: “Sabe que até estou me acostumando e gostando de ser morena. Acho que não vou descolorir o cabelo não (...) Loira chama muito a tenção”. Percebe-se que a tonalidade do cabelo diz sobre como ela se vê em relação à sua cor de pele. Mudar a cor do cabelo parece diretamente ligado a mudar a cor da pele (op. cit., 2011, p.43).

Ao questionar o tom de pele, obtive a mesma relação que Duque com suas entrevistadas, a maioria associava fortemente a cor de seus cabelos com sua pele. Muitas se identificavam como loiras, ruivas, castanho claro, castanho e etc. Quando muito, ao questionar sobre suas próprias peles, as respostas tangiam categorias como morenas, cor de jambo, mulatas, mas eram poucas que elaboravam estas respostas. A fuga para a cor dos cabelos pareceu uma constante.

Classificações como “neguinha”, “carvão”, “cor de burro quando foge” eram feitas de forma pejorativa e jocosa, quando se referiam a cor da pele de outras travestis, em conversas descontraídas durante a tarde.

Assim, “não ter a pele clara faz com que esta informante potencialize as outras características que garantem a ela a iniciação e a permanência no processo privilegiado pelo seu grupo, o de ser identificada como uma futura *top*” (Duque, 2011, p. 34). Além disto, ao potencializar atributos específicos, como os cabelos, a travesti distende a noção de corpo e branquitude, alargando os símbolos que as identificam com os padrões associados à beleza que inserem as mesmas em categorias específicas como *tops*, belíssimas, europeias.

Este processo de valorização da branquitude desdobra-se nos ideais de beleza e sucesso que são focados por minhas entrevistadas, as personalidades conhecidas como “divas”, mulheres, travestis ou mulheres transexuais famosas que são sempre brancas. Dentre elas podemos encontrar

Anita, Christina Aguilera, Fabíola Nogueira³⁰, Roberta Close, etc. Quando muito, utilizavam a cantora Beyoncé³¹, devido sua sensualidade e corpo escultural. Os cabelos, das divas e de minhas interlocutoras, eram sempre lisos ou, no máximo, cacheados. Cabelos muito enrolados³², com corte *black power* e derivados nunca eram mencionados como ideal de beleza.

A recusa por uma identificação com a pele negra pode ser pensada através da valorização da pele mais clara pelos padrões estéticos de beleza. Desta forma, ao seguirem o referencial de beleza vigente em nossa sociedade que valoriza a pele clara, os cabelos lisos, o corpo esguio e os olhos claros as travestis entrevistadas procuravam afastar-se das marcas que poderiam racializá-las.

A racialização, neste contexto, deve ser entendida como o “processo ou situação em que a ideia de raça é introduzida para definir e qualificar uma população específica, suas características e suas ações” (BANTON, 2000, p.457). Assim, os cabelos buscados sempre se aproximam mais dos cabelos lisos do que de cabelos “afro”, como *black power* ou tranças.

Penso que a associação da cor da pele aos cabelos ocorra devido a incapacidade de modificar a cor da pele e a facilidade de modificar a cor de seus cabelos, focando nestes atributos para poder “burlar”, de certa forma, as construções de beleza que perpassam sua sociabilidade.

Assim, os cabelos aproximam-se mais dos padrões de beleza e modelos buscados, tendo um peso mais significativo do que a tonalidade de suas peles no processo de auto identificação. Esta pode ser entendida como “uma zona de tensão”. São delas que emergem os padrões de belezas corporais reais e ideais. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. (GOMES, 2003, p.3)

³⁰ Famosa trans da década de 1990. Branca e loira.

³¹ Uma de minhas interlocutoras me mostrou diversas fotos da cantora na internet. Todas as fotos mostradas haviam, indiscutivelmente, passado por um processo de edição digital clareando a pele da cantora.

³² Entre minhas interlocutoras, apenas uma possuía uma peruca com cabelos cacheados. Natasha afirmou que utilizava esta peruca para ficar com um “visual mais forte”, esta “força” pode ser entendida por um visual entendido de forma “exótica”, específico para certas ocasiões e não para o dia a dia.

Essa associação dos cabelos com a cor da pele e a forma como estes pontos são vistos no

imaginário social brasileiro pode ser tomado como expressão do tipo de relações raciais aqui desenvolvido. Nesse processo, o entendimento do significado e dos sentidos do cabelo crespo pode nos ajudar a compreender e desvelar as nuances do nosso sistema de classificação racial o qual, além de cromático, é estético e corpóreo (op. cit., p. 8).

Outro desdobramento das questões estéticas está ligado a lucratividade de cada travesti nos espaços em questão. Um quadro negro, ao lado de uma geladeira velha, no fundo de uma das casas que fiz campo em Ribeirão Preto me chamou atenção. Nele podia-se ler o nome de todas as travestis que moravam na casa e ao lado de cada nome um valor diferente. Nicole estava com um 0 ao lado de seu nome. Pâmela com 450 e Natasha com 180. Ao questionar o que era esta marcação, Natasha me explicou que era o acúmulo de diárias que cada uma delas devia ao cafetão dono da casa.

Esta lógica de diárias era utilizada tanto nas casas em Ribeirão Preto quanto nas travestis que faziam a pista em São Carlos. A estrutura que regula este contrato é basicamente a mesma. Para uma travesti poder se prostituir ela deve pagar um valor X por dia para x cafetão/cafetina. Este valor garante um ponto na rua para a travesti se prostituir e a segurança de que aquele local não será ocupado por outra pessoa, além de certa segurança com a polícia e os moradores da região. Isso depende dos acordos e das redes que o cafetão/cafetina possui. Podemos verificar este mesmo funcionamento das diárias em Pelúcio (2009).

Em Ribeirão Preto o valor pago era de aproximadamente 40 reais por dia, este valor dava direito a uma vaga na casa para morar, um ponto na rua e a segurança que o cafetão poderia prover. Em São Carlos o valor girava em torno de 30 reais. Só que as travestis com quem conversei não possuíam vaga em nenhuma casa. O valor era pago apenas para ter o ponto e a segurança na rua.

Os valores expressos no quadro negro serviram como um termômetro, mostrando quais travestis conseguiam mais clientes e quais não tinham a

mesma sorte. Quais corpos agradavam mais e quais corpos não conseguiam tanto sucesso. Quanto menos programas a travesti conseguira fazer, maior era o valor de sua dívida expresso no quadro. Em todas as visitas que realizei, Nicole sempre possuía o menor valor a ser pago. Por sua vez, Pâmela, que estava iniciando o seu processo de hormonização e transformação, possuía os maiores valores.

Além dos corpos mais atraentes para os clientes, não podemos deixar de pensar na questão da saúde das travestis como ponto importante para o crescimento da dívida. Natasha, durante algum tempo, foi uma das entrevistadas com maior valor no quadro, isso devido a uma pneumonia que havia pegado e a impossibilitou de trabalhar por alguns dias.

Assim como Pelúcio (2009), percebe-se além de uma relação forte entre saúde, beleza e sucesso na feminilização, uma forte correlação entre saúde, beleza, feminilidade e o sucesso na prostituição. Enquanto Pelúcio identificou que uma das funções das cafetinas era zelar pela saúde de suas filhas (2009, p.50), além de sua proteção, entre minhas interlocutoras este papel não se repetiu. A função de proteção continua muito consistente nas relações entre cafetinas e travestis. Mas os cuidados com a saúde ocorrem de formas diferentes nas duas cidades. As travestis de São Carlos que estão fora das casas de prostituição criam uma rede de saberes que informam e indicam condutas para cuidar da saúde de forma específica. Esta rede não necessariamente passa pelo crivo ou indicação da cafetina. Por sua vez, na cidade de Ribeirão Preto, além desta lógica, a presença constante da ONG funciona como consultoria para as indicações e “broncas sobre como cuidar da saúde”³³.

Esta questão de saúde e doença como ponto nodal para o lucro nos programas nos evidencia como os corpos das mais novas e, conseqüentemente, mais saudáveis tem vantagem sobre os corpos que sofreram com o envelhecimento, com a ação do tempo, com os resultados de

³³ Apresentarei os desdobramentos maiores deste sistema de proteção no último capítulo.

intervenções estéticas agressiva ou as diversas violências a que estão suscetíveis.

4 – As experientes

4.1 – *Das memórias e experiências*

Este capítulo será centrado nos discursos, observações e vivências de três travestis distintas. Selma (São Carlos), Natasha e Carol (ambas de Ribeirão Preto), respectivamente com 55, 29 e 23 anos. Estas três travestis são consideradas mais velhas pelas outras travestis da pesquisa, tanto em idade, no caso de Selma, como na questão das experiências e vivências no universo da prostituição e travestilidade.

Natasha construía a sua narrativa de vida de forma dicotômica, sempre contrastando sua vida antigamente e nos dias de hoje, suas amizades antigas e as atuais e as cidades por onde passou e Ribeirão Preto. Ao comentar os últimos anos de sua vida em São Paulo e Salvador, Natasha sempre desenvolvia discursos dolorosos e negativos em relação a estas cidades: a grande concorrência de travestis; a violência que era tratada pelas cafetinas e pelos cafetões; a falta de “amizades verdadeiras” eram pontos que permeavam suas lembranças. A oposição entre o velho e o novo era colocada em destaque, pensada e discutida, valorizada e desvalorizada segundo parâmetros que, para ela, eram fundamentais na construção de sua identidade. Em uma de nossas entrevistas deixou claro como sua experiência nestes centros foi dolorosa e negativa:

– Dessas cidades só quero as lembranças, ou melhor, nem as lembranças. Eu já tenho cicatriz[es] das violências daqueles lugares. Não quero mais nada. A vida aqui é tranquila, tenho minha família e sou feliz³⁴.

Esta dicotomia entre a capital e o interior foi constantemente levantada para dar embasamento para algumas reclamações e para pautar as discussões que Natasha e Selma empreendiam em nossas conversas. As cidades grandes, apesar de serem mais movimentadas e apresentarem grandes oportunidades, funcionaram como um marco, muitas vezes negativo, para a vida destas interlocutoras. Santos e São Paulo também foram relatados de

³⁴ As travestis mais velhas criam grupos sociais que partilham um mesmo sobrenome. Este grupo se ajuda, reconhece e interage através de uma estrutura matriarcal. Uma mãe, geralmente uma travesti mais velha, e as filhas que possuem o mesmo sobrenome da mãe. Irei desenvolver este assunto mais a frente.

forma negativa por Selma. Experiências de abandono da família no início da prostituição e travestilidade, violências, decepções amorosas e prisões marcavam seus relatos.

Pode-se dizer que a memória revisitada de experiências antigas funciona como uma espécie de mecanismo para a conformidade, fazendo com que a travesti mais velha veja na sua atual situação e territorialidade um local mais positivo do que os que costumava circular anteriormente. Os relatos e comentários sobre a vida nas cidades grandes

remetem a uma cartografia urbana que foi sendo desenhada com traços fundamentalmente marcados pela experiência da travestilidade. Ou seja, seus modos de viver e habitar a cidade do Rio de Janeiro a partir da experiência de fazer e ser travesti. (SIQUEIRA, 2009, p.466).

Não apenas a cidade do Rio de Janeiro, mas esta lógica pode ser expandida para as experiências passadas de todas as travestis que entrevistei que utilizavam a memória como forma de reconstruir a realidade em que estavam inseridas, analisando sempre de forma comparativa as mudanças entre o ontem e o hoje, entre o lá e o cá.

É importante ressaltar que, além de uma visão binária entre capital e interior, as travestis de minha pesquisa estabelecem uma valoração específica das relações de antigamente com a atualidade. Os relatos das amigas que já morreram foram sempre muitos nostálgicos. Selma e Natasha lembravam de amigas falecidas (por motivos diversos) de forma saudosa e positiva. Colocando valores como cumplicidade, companheirismo e amizade verdadeira em evidência nos seus discursos. Selma fazia questão de contrastar esse tipo de amizade que possuía com as travestis que se relacionava hoje em dia, dizendo que “nos dias de hoje só se tem amizade por interesse, essas novinhas só pensam no agora, se você precisar de ajuda, azar”.

Por mais que a relação entre as travestis mais velhas e mais novas ocorra de forma sistemática e, por mais que estruturas familiares sejam estabelecidas entre elas, partilhando o sobrenome em comum com uma travesti mais velha, percebo que esta estrutura é quase esquecida quando a travesti mais velha faz a comparação com os laços afetivos que estabelecia

com outras travestis em épocas anteriores. Nas conversas com Natasha, Selma e Carol, eu nunca presenciei nenhum relato afetivo puramente positivo nas relações delas com as outras travestis que se tinham contato. O conflito, “falta de respeito” e os não limites na rua sempre eram colocados em evidência, por mais que a travesti que estivesse relatando fosse próxima ou partilhasse do mesmo sobrenome, fazendo parte “da família” construída por ela.

Outro ponto de destaque no que tange as travestis mais velhas e suas interações é a construção das chamadas “famílias”. Essas famílias foram identificadas por Pelúcio (2009, p.98), podendo ser caracterizadas como um grupo de travestis que partilha um mesmo sobrenome, geralmente o de uma travesti mais velha e experiente, que estabelece uma forte relação de tutoria, sendo considerada como uma mãe pelas outras travestis. Esta travesti mais velha indica, orienta e aconselha as travestis que estão iniciando tanto o processo de travestilidade quanto a prostituição. Não necessariamente vivem sob o mesmo teto, muitas vezes espalhando-se em várias cidades, mas mantendo, com orgulho, o sobrenome carregado. Durante minha pesquisa tangenciei duas “famílias” distintas, uma de Ribeirão Preto e outra de São Carlos.

Uma particularidade foi que, na cidade de Ribeirão Preto, o sobrenome que dava materialidade a estas famílias era partilhado por, além de travestis, por alguns jovens rapazes gays. Pude identificar esta mudança na permissão de quem pode integrar a família durante o diálogo com uma de minhas interlocutoras através do *chat* do Facebook®. Os fortes laços e a utilização de fotos e declarações de afeto com a família eram frequentes, os sobrenomes das envolvidas eram os mesmos, mas os integrantes mostraram-se mais diversos e plurais do que os identificados por Pelúcio (2009). Este fato cristaliza a pluralidade e plasticidade das relações em que as travestis empreendem, ressignificando os corpos, ações e, até mesmo, os laços familiares construídos após o processo de travestilidade ser iniciado.

Não são todas as travestis mais velhas que conseguem criar e desenvolver este sistema familiar. Selma, apesar de ter aconselhado e

auxiliado várias travestis mais novas, não possuía esta estrutura. Ao questionar o motivo de não estabelecer este tipo de relação afirmou que não tinha “ego” para isto, criticando o que relatou de “falso companheirismo” entre os integrantes de uma família. Natasha, por outro lado, possuía algumas filhas espalhadas tanto pela cidade de Ribeirão Preto quanto por outras cidades do interior de São Paulo. Nas postagens em seu Facebook®, fazia questão de evidenciar e ressaltar a “Família Detroit”. Postavam fotos, faziam posts públicos comentando noitadas ou reafirmando a saudade que sentiam. Esta afetividade e positividade que Natasha utilizava para representar sua família nas redes sociais contrastavam com os relatos que Natasha fazia sobre sua relação com as travestis mais novas, colocando sempre as relações de outrora como mais verdadeiras e sinceras do que as da atualidade.

Podemos perceber que a estruturação de famílias depende, entre outras coisas, do estabelecimento de uma rede de influência em que a travesti consiga relacionar-se e orientar diversas outras travestis, criando vínculos e relações de reciprocidade que se cristalizam nos sobrenomes adotados pelas travestis mais novas. Possuir uma família é sinal de prestígio entre as travestis mais velhas. Podemos perceber isto na forma que Natasha enaltece e visibiliza sua família em sua rede social.

A relação com os amores também parece funcionar nesta mesma chave de entendimento. Os relacionamentos antigos, apesar de terem chegado ao fim, sempre são vistos de forma mais positiva do que os da atualidade. Selma relata que já foi casada. De forma apaixonada, revive em sua fala o dia a dia com seu marido, os cuidados que possuía com ele, como era a casa em que viviam, o que ele gostava e como se sentia amada e completa. Até mesmo o fato de ter sido traída e “trocada” por uma “mulher de verdade” também é representado de forma positiva. Interessante notar como valorizava este ocorrido e seu ex-marido, afirmando que “esse sim era homem de verdade. De tão homem acabou me trocando por uma mulher de verdade”.

Isto é, a masculinidade e heterossexualidade de seu companheiro era valorizada de forma muito particular, de tal forma que o fato dele a ter trocado por uma outra mulher é visto como ponto positivo nas características deste

homem. Natasha nunca relatou uma relação em específico, pautando seus discursos amorosos nos vários maridos e “homens de verdade” que possuía durante sua vida. Sempre de forma saudosa, afirma que estes a faziam feliz, mas que nunca durava muito tempo, afinal, não tinha tempo para essa vida. Carol, por sua vez, relata nunca ter encontrado um homem que a “colocasse nos eixos”. Colocar nos eixos, neste caso, pode ser considerado como o homem que a retirasse da prostituição, fazendo-a parar de se relacionar com outros homens. As projeções do surgimento deste homem, para Carol, eram sempre muito positivas, acreditando que este homem ainda apareceria em sua vida.

Diferentemente dos relatos das mais novas, as travestis mais velhas não utilizam a categoria namorado³⁵ para fazer referência aos homens que se relacionaram. Todas elas referiam-se aos maridos, ex-maridos e futuro maridos. Em nenhuma de nossas conversas a categoria namorado surgiu como algo relacionado a suas experiências de vida. Utilizavam a categoria namorado para comentar o relacionamento de alguma outra travesti, e, quase sempre, de forma depreciativa.

Outro ponto interessante é o recrudescimento em relação aos relacionamentos amorosos atuais. Selma, que mora sozinha, não pensa em se relacionar com outros homens. “Homem para mim é trabalho, já passei da minha época de romance. É muito difícil encontrar homem de verdade que valha a pena. Agora tenho coisas mais importantes para pensar”. As coisas mais importantes que Selma afirma ter para “pensar” são sempre ligadas a casa, a sua tranquilidade e relação com vizinhos. Nesta lógica, um marido, nunca um namorado, acabaria por demandar esforços que poderiam desestabilizar o que já foi construído por ela até o presente momento na cidade.

Natasha partilha, de certa forma, o mesmo pensamento que Selma sobre os maridos. Afirma não ter tempo para essas coisas, estar focada em sua vida profissional e como homens dão dor de cabeça. Mas, diferentemente

³⁵ Na literatura sobre travestilidade, o namorado enquanto uma categoria êmica, foi identificado primeiramente por Duque (2009) em sua pesquisa com travestis adolescentes.

de Selma, sua vida amorosa não está totalmente “fechada”. Mesmo alegando não ter tempo e foco, durante minhas observações na internet presenciei o estabelecimento de um relacionamento através do Facebook®. Com um rapaz mais novo, fazia postagens e declarações de amor diversas vezes. Este relacionamento durou algum tempo, mas com o passar dos meses as postagens foram diminuindo, as fotos foram retiradas e o status “casada” foi substituído para solteira na plataforma.

No que tange a prostituição, as travestis mais velhas utilizam categorias como experiência para relatar e diferenciar suas condutas com a das mais novas. A experiência na noite é agenciada de forma a diferenciá-las de quem está iniciando a carreira neste meio. Ter experiência, pelo que foi relatado, é saber interagir e diferenciar clientes que desejam fazer programa daqueles que estão lá para fazer a travesti “perder tempo”. Natasha, em suas falas críticas a outras travestis deixa claro essa diferença, mostrando que entende como a “noite funciona e o que os homens querem”. Fazendo um paralelo com as travestis mais novas, mostrando como a maioria não tem este entendimento.

Esta experiência também é associada a uma “falta de paciência para joguinhos”, como afirmou Selma. Eles devem ser entendidos como jogos de sedução, onde alguns clientes tentam utilizar da lábia, charme e beleza para conseguirem descontos ou programas gratuitos com as travestis. Este tipo de tática utilizada pelos clientes em potencial acaba surtindo mais efeito, pelo que percebi, nas travestis menos experientes e mais novas. Ao questionar Selma, Natasha e Carol sobre os programas sem custos e vícios as três foram categóricas afirmando que só faziam isto no começo, que agora “sabem como as coisas funcionam e não são bestas”. Selma é bem clara, “criança, cliente nenhum me tomba. Ou paga ou vai para casa”.

Estes relatos evidenciam um posicionamento específico das travestis mais velhas em relação a prostituição, utilizando a experiência como forma de distinção entre a relação delas e das travestis mais novas com este meio. Além de saber identificar e se portar na noite, as travestis mais velhas também alegam saber se portar com um cliente durante o programa, não correndo muitos riscos ou se colocando em situações perigosas.

Selma sempre faz programas em lugares específicos, “sempre vou com o carro do cliente mais ou menos por ali” afirmou enquanto apontava em direção a uma rua escura, em que na esquina havia um posto de gasolina. Segundo ela, o local foi escolhido devido a uma questão de segurança, caso aconteça alguma coisa, certamente ela conseguiria correr e gritar por ajuda para o pessoal do posto, que já a conhecia. Além deste local, afirmou que também utilizava os motéis da região. O mesmo foi relatado por Natasha e Carol, elas possuíam, em Ribeirão Preto, locais específicos para fazer programa. Dificilmente permitindo que os clientes a levem a lugares desconhecidos.

A relação das travestis mais novas com as mais velhas mostrou-se, relativamente, tranquila. Diria que elas empreendem um tipo de tutoria desafiadora. Esta tutoria desafiadora acontece, pois, por mais que as travestis mais velhas sejam vistas como referência por algumas travestis mais novas, as indicações e conselhos dados encontram sempre um limite na lógica de pensamento e realidade social que a travesti mais nova está inserida. Esta lógica será trabalhada mais a fundo na questão da utilização de hormônios e aplicação de silicone.

4.2 O corpo das “mais velhas”

Diferentes técnicas e procedimentos estéticos, tendo como objetivo corpos específicos, foram balizados por distintas noções estéticas de nas mais variadas décadas. Este é o panorama que devemos ter em mente ao pensar a construção do corpo e da beleza das travestis velhas. Dificilmente encontraremos um padrão único para delimitar qual corpo era entendido como ideal. Devemos ter em mente que as décadas de 1980 e 1990 focaram em corpos mais curvilíneos, prezando por medidas mais generosas, seios fartos, quadris largos, coxas e bocas grossas. Este padrão começou a ser questionado no final da década de 1990, com o surgimento de corpos com curvas mais sutis e prezando por uma dita naturalidade. Esse discurso de naturalidade versus exagero é um dos principais balizadores entre as duas estéticas corporais que venho analisando neste texto. Entre as mais novas e mais velhas.

Tendo como ponto de partida as primeiras modificações em comum com as travestis mais novas, já apresentadas no capítulo 3, podemos dar continuidade aos caminhos percorridos pelas travestis mais velhas para construir seus corpos. Muitos processos utilizados por estas travestis vão ser reutilizados e ressignificados nos dias de hoje pelas travestis que estão iniciando o processo de travestilidade.

Um dos pontos fundamentais para este trabalho é a questão do cabelo: ele irá passar de forma substancial a construção dos corpos e identidades das travestis mais novas e mais velhas. Para este grupo, os cabelos (*Picumã*) longos são fundamentais para a construção de uma identidade travesti de sucesso. Assim, como afirma Pelúcio: “os cabelos precisam ser naturais, longos, fartos...” (2009, p.234) e Benedetti, “os cabelos longos de Rafaela são muito elogiados no mercado do sexo. Ela sempre os apresenta soltos e bem escovados” (2005, p.43). Minhas interlocutoras mais velhas valorizam o cabelo de forma muito forte e consistente.

A naturalidade destes cabelos é um ponto muito importante neste grupo, a utilização de perucas como um recurso para conseguir “alongar” os cabelos é visto como algo negativo, pois expõe a incapacidade da travesti de cuidar de seus cabelos e/ou a falta de coragem para assumir tal modificação. Essa importância foi identificada por Pelúcio, os cabelos naturais são extremamente valorizados, “pois o cabelo natural atesta o tempo que já se está em transformação, apontando também para um maior sucesso nesse processo” (2009, p.270). Selma não possuía cabelos lisos, mas suas longas madeixas estavam frequentemente soltas e eram constantemente manuseadas, acariciadas, jogadas e movimentadas durante nossas conversas.

Assim como Selma, Natasha empreendia o mesmo tipo de valorização e especificidade em seus longos e lisos cabelos. Assim como apresentado anteriormente, possuía duas perucas que utilizava em ocasiões específicas, mas que em hipótese alguma substituíam os seus cabelos naturais. O fato de possuir cabelos naturais e longos funcionava como um passe livre para a utilização das perucas sem que, com isto, seja alvo de críticas por outras travestis.

Os apliques, assim como identificado em outros trabalhos (Pelúcio, 2009; Duque 2011) é muito utilizado e pouco visto de forma pejorativa. A utilização destes dispositivos de gênero por travestis mais velhas é um pouco mais difícil de se encontrar, visto que estas prezam muito pelos cabelos naturais, mas podem ser utilizados sem prejuízos morais para as travestis mais novas.

Esta valorização específica e mais rígida é fortemente ligada as travestis mais velhas e que possuem mais tempo na prostituição. Sua corporalidade específica em relação as travestis que estão iniciando os processos de modificação dos seus corpos acabam por criar esta cisão entre as liberdades de ter e utilizar os cabelos artificiais, perucas e apliques. A utilização de perucas, por este grupo de travestis, sem que a travesti que a utilize tenha cabelos longos, é muitas vezes motivo de ridicularização, equiparando a travesti a um *bicha-boy*³⁶ ou iniciante.

– Aquele ali ó, nem coragem de cuidar do cabelo tem, fica dando o truque e usando uma peruca velha. E ainda fala que é travesti. Meu amor, travesti sou eu, travesti são esses cabelos nessas curvas”.

Este relato de Natasha nos serve como reforço a importância dos cabelos naturais e longos para as travestis destes dois grupos. Apesar de apontar para suas curvas, ela não havia feito muitas intervenções definitivas em seu corpo. Apenas fazia a “manutenção do que Deus me deu” com o uso de hormônios.

Ao afirmar “Deus me deu”, ressaltava seus seios apertando-os na blusa decotada que estava utilizando. De longe não eram grandes, o formato se assemelhava com os chamados seios de pera³⁷, apesar disso dizia que os clientes amavam. Conseguir estas características sem a utilização de técnicas cirúrgicas é visto como um troféu por ela. Como se o fato de possuir formas tão cobiçadas por outras e conseguidas apenas através dos procedimentos mais invasivos, a colocasse em vantagem. Como se seu corpo tivesse uma

³⁶ Momento em que o garoto efeminado ainda não começou os processos de transformação corporais.

³⁷ Seios de “pera” são conhecidos por serem empinados, firmes e não muito volumosos.

predisposição natural para ser feminino, como se Deus houvesse lhe dado uma vantagem sobre as outras travestis. Era um título, um bônus, um troféu constantemente enfatizado.

Apesar de indicar a utilização de silicone para várias outras travestis e em várias partes do corpo, Natasha possuía aplicação apenas nos glúteos. As outras partes do corpo, por ter iniciado a transformação e hormonização a um grande tempo, haviam adquirido curvas e relevos satisfatórios para o que desejava.

A temática dos hormônios se mostrou muito presente nas falas e experiências de Selma, ela apresenta dois períodos que fizeram parte de sua vida. Um primeiro momento, logo no início de seu processo de travestilidade, onde utilizava “uma peruca vagabunda e uns pedaços de espuma para conseguir um corpo mais feminino”. Já, o segundo momento ocorreu a partir da utilização destas novas técnicas que vinham se popularizando entre as travestis.

Antes da aplicação, relatou, “eu era muito sofrida, mas é o que tinha no começo. Só depois que eu conheci o hormônio, o silicone”. Nesta época Selma vivia na lógica do “truque”, utilizando subterfúgios externos para conseguir modificar seu corpo no formato desejado. As histórias desta época de sua vida eram uma mescla de comicidade e tristeza, pois traziam à tona as lembranças dos bailes e situações divertidas que passou, assim como dos conflitos com sua família e a saída de casa.

Estes truques eram comuns nas décadas de 1960, 1970 e início de 1980. Assim,

até o surgimento do hábito entre elas de fazer uso do hormônio, em sua composição do feminino não apenas usavam de maquiagem e determinadas formas de pentear os cabelos como salienta Sarita, mas também usavam de enchimentos – chamados entre elas de Pirelli -para simular seios e para “fazer quadril”, ou seja, para dar contornos arredondados ao quadril (esta técnica em especial apontam como não utilizadas por elas, mas sempre por alguma travesti de sua geração que, diferente delas, não tinham o corpo tão feminino), modelagem das sobancelhas, cintas para afinar a cintura, perucas, eram

os recursos utilizados para dar 'materialidade' as suas performances femininas (SIQUEIRA, 2009, p.346).

A utilização dos hormônios e a aplicação do silicone industrial surgiram como uma revolução entre as travestis que desejavam modificar seus corpos. Essas práticas possuem um baixo custo, comparadas com cirurgias cosméticas legitimadas pela sociedade, e um grande poder de transformação corporal.

Assim como relatou Selma, as interlocutoras de Monica Siqueira identificaram o surgimento e utilização destas duas técnicas como algo fundamental para o "ser travesti", pois

estas inscrições, em algumas partes do corpo, representou uma mudança fundamental em suas vidas, à passagem do "fazer travesti", durante as festividades carnavalescas e no teatro, para "tornar-se travesti" em seus cotidianos (op. cit., 2009, p.348).

Selma me disse que tinha um pouco de receio no começo, mas após ver os corpos das travestis que fizeram as modificações começou a tomar coragem. "Criança, foi um luxo. Eu comecei com os hormônios e depois o silicone. Em pouco tempo eu já era outra, muito mais feminina e sem precisar dar o truque. O problema é que algumas pessoas não têm limites né, perdiam a mão e aplicavam com qualquer uma, tomavam qualquer coisa".

Geralmente, o primeiro contato com os hormônios ocorria com as "madrinhas"³⁸, da mesma forma que ocorre nos dias de hoje. Eram (e ainda são) consumidos hormônios femininos utilizados para reposição hormonal por mulheres na menopausa ou os indicados para tratamento contraceptivos (ambos a base de estrógeno e/ou progesterona). A forma de utilizar não segue as indicações farmacêuticas contidas na bula, e sim a experiência das travestis que já utilizaram aquele medicamento. Não há uma prescrição padrão para o uso desses medicamentos.

Um dos pontos que senti maior diferença é a questão do respeito as indicações que as travestis mais velhas davam às mais novas. Natasha, Selma e Carol diziam que o que era passado, quando acatado, era seguido à risca pela travesti novata. Dificilmente uma travesti fazia a utilização de um hormônio

³⁸ Travestis mais experientes que fazem um papel de tutoria com as que estão começando.

de forma diferente do que era prescrito. Este ponto é significativamente diferente do que coletei com as travestis mais novas nas casas de prostituição. Nelas, a agência das indicações de cada um destes procedimentos é feita de acordo com os conhecimentos e suposições que a travesti que irá se transformar empreende.

A utilização dos hormônios promove essas curvas corporais, um leve desenvolvimento dos seios, diminuição significativa dos pelos e afinamento da voz. Esse tratamento hormonal, segundo Benedetti (2005) e Kulick (1998), cria uma ruptura entre o *bicha-boy* e a construção da identidade travesti “consistente”, que nesta pesquisa associa a uma identidade travesti específica, ligada às gerações mais antigas.

Uma recomendação relativamente comum entre as travestis é a indicação do consumo de dois a três comprimidos por dia ou a aplicação de duas injeções por semana para quem está começando e quer desenvolver suas formas femininas” (BENEDETTI, 2005, p.75). A “receita do sucesso” é muito particular, cada travesti indica uma quantidade e uma periodicidade. Segundo Selma: “cada corpo tem uma resposta, e hoje em dia cada uma indica uma coisa, é uma festa, mas, geralmente, quando mais, melhor”. Pontuou rindo e alisando o seu quadril.

Estas variações ocorrem de acordo com a pessoa que “prescreve” o medicamento e também para a finalidade que ele possui. Para modificações corporais a dose costuma ser maior, para a manutenção dessas características a sua dose pode ser um pouco mais amena. “No começo eu tomava até meu estômago doer, mas mudei ‘mara’ [maravilhosamente]. Hoje em dia eu tomo apenas pra não perder o ‘glamour’ que ganhei. Não preciso exagerar”. Afirma Natasha.

São utilizados comprimidos, injeções e até mesmo adesivos. Sua aplicação se dá de forma alternada e no máximo dois tipos diferentes de hormônios por vez.

A utilização de hormônios é sempre incentivada desde muito cedo, relatos são encontrados nos trabalhos de Benedetti (2005), Kulick (1998),

Denizar (1997), onde a utilização precoce consegue minimizar as características masculinas ainda em formação (pelos, voz grossa, músculos) e maximizar as femininas que conseguem sobrepor com mais intensidade. Segundo uma das interlocutoras de Denizar:

Eu comecei novinho, e por ainda não ter pelos e tomar os hormônios, eu me transformei rápido. Em um mês fiquei gorda, fiquei bonita. Minha família toda percebeu. Fiquei parecendo bastante mulher: eu não tenho músculos, não tenho pêlos, porque eu me transformei novinho – Diana (op. cit., 1997, p.33-34).

Mas a utilização de hormônios também tem o seu lado negativo. Relatos de dores intensas no estômago (como relatado acima por Natasha), náuseas, dores de cabeça, palpitação, sensação de queimação nas pernas e no peito, ganho de peso e alergias são comuns. Uma passagem do livro *A Princesa* é representativa da dor versus o desejo de modificar o corpo e com isso as relações sociais:

Anaciclin (hormônio), vinte e oito comprimidos por caixa. Não sei esperar e tomo todos de uma vez, misturados com suco de cenoura. Debaixo das cobertas, olhos no teto, espero o amanhecer de dois seios mágicos. Espero, como esperava o avião da meia noite. (...) Vomitei uma mancha vermelha, me contorci de dor (...) Escondi o vômito e a dor dentro de um silêncio sofrido (ALBUQUERQUE & JANNELLI, 1995, p.60).

Relatos sobre a diminuição dos testículos e do pênis, diminuição da quantidade de esperma e do apetite sexual assim como dificuldades de ereção, são recorrentes (BENEDETTI, 2005; SIQUEIRA, 2009). Através dos relatos que colhi, a perda do apetite sexual, dificuldade de ereção e a mudança do cheiro do corpo e do humor foram constantemente reafirmados. Segundo Selma, “hormônio te faz pensar como mulher, sentir como mulher e ainda ter uma neca, é mara!”.

As dificuldades de ereção e prazer sexual se configuram como um problema para as travestis que trabalham com prostituição, pois o pênis ereto é um instrumento de trabalho, visto que os clientes a procuram para ser penetrados e não apenas para penetrar. Com isso as dosagens de hormônios têm de ser utilizadas para conseguir as modificações corporais que desejam,

sem com isto perder o seu potencial de ereção, comprometendo assim seus ganhos financeiros com a prostituição.

O processo de consumo de hormônios e a sua conseqüente modificação corporal demanda um período longo de tempo e uma manutenção específica e constante, com a finalidade dos resultados manterem-se de forma fixa e duradoura. Já a aplicação de silicone é um procedimento irreversível na maioria dos casos (principalmente quando é utilizado o silicone industrial) e promove resultados imediatos. O silicone é visto, pelas travestis mais velhas, como o último passo de sua transformação, através de sua utilização elas conseguem moldar os seus corpos de acordo com o seu desejo e gosto, executando mudanças radicais em sua aparência de forma rápida.

– Depois que coloquei peito eu fiquei pronta. Aquela dor valeu a pena. Virei travesti – Selma.

Logo na minha primeira conversa com Selma, discutindo sobre o que os clientes pediam e procuravam, afirmou: “os homens não gostam de peito duro [referindo-se a próteses de silicone], eles gostam disso aqui ó”. Fala isso ao mesmo que tempo balançava orgulhosamente seus enormes seios construídos com silicone industrial.

Devemos ter em mente que, independente da técnica utilizada pelas travestis mais velhas para modificarem seus corpos, o tipo de corpo buscado é fundamental para se entender o nível de transformação empreendida, assim como o sucesso ou não do mesmo. Desta forma, o corpo vislumbrado pelas travestis na década de 80 e 90 é um corpo volumoso, moldado com curvas acentuadas e muito bem demarcadas. Este estilo é associado por algumas travestis mais novas como corpo *travecão*, possuindo “ancas fartas, muito seio, boca carnuda, coxas volumosas” (PELÚCIO, 2009: 107).

Esta categoria é utilizada de forma pejorativa pelas travestis mais novas ou para caracterizar outras travestis apresentarem corpos que excederam algum limite construído do corpo visto como belo. Assim, as travestis mais velhas e experientes utilizam esta categoria em situações específicas. Natasha utilizava constantemente o termo *travecão* para se referir ao corpo de Carol,

que apesar de possuir 23 anos, começou seu processo de travestilidade aos 12 anos e a prostituição logo em seguida, sendo considerada experiente pelas outras travestis. Seu corpo é muito volumoso, seios fartos, coxas e glúteos avantajados. Tudo construído com hormônios e silicone industrial.

Este fato funciona como chave para entender como os corpos construídos estão mais ligados a época do início da transformação da travesti e a quem esta travesti utilizou como padrão, do que a idade em si. O corpo de Carol era muito similar ao de Selma, que se construiu a mais de 30 anos e era significativamente diferente do de Natasha que, com 29 anos, era considerada “mais velha” e não possuía nem um terço das modificações que ela.

No que tange a construção dos corpos das travestis entendidas como “mais velhas”, podemos ressaltar uma trajetória específica. Após os primeiros passos e a utilização dos hormônios, as travestis das antigas começavam a construção de seus corpos com procedimentos mais incisivos, muitos dos quais assemelham as técnicas utilizadas pelas travestis nos dias atuais.

Os corpos construídos a mais tempo, destas travestis, utilizaram-se das técnicas presentes naquela época e dos padrões estéticos que estavam em vigor. O silicone industrial entre outros era um fator de distinção entre as travestis na década de 1980/1990 e foi muito utilizado por elas.

Além de empreender grandes transformações físicas, a aplicação de silicone industrial se mostrava como uma das poucas técnicas para modificação do corpo que eram acessíveis para estas pessoas. O barateamento das cirurgias plásticas começou a ocorrer após a década de 1990, o que levou grande número de corpos a serem feitos por meio do silicone líquido.

Na década de 1980 e 1990 foi quando ocorreu o auge da aplicação de silicone industrial por travestis no Brasil. O ato de bombear³⁹ é muito perigoso e doloroso. Mas os benefícios deste processo ganhavam maior importância do que seus riscos. O silicone bombado é de origem industrial, utilizado para lubrificação de máquinas pesadas.

³⁹ Procedimento de injetar silicone no corpo

O silicone industrial é uma substância de textura pastosa semelhante a um óleo, grosso e incolor, e é normalmente encontrado nos grandes centros urbanos. Conforme já apontado por Benedetti (2005) e Kulick (2008), sua comercialização e circulação são controladas pelas bombadeiras, sendo sua aquisição considerada – inclusive pelas travestis –, como ‘comércio ilegal’ (SIQUEIRA, 2009, p.356).

A aplicação é feita por travestis especializadas, chamadas bombadeiras, elas são responsáveis por todo o procedimento técnico e por dar às travestis as recomendações necessárias para que nada de ruim ocorra. Renata me afirmou que atualmente existem apenas duas bombadeiras na cidade de São Carlos.

Seu trabalho é muito valorizado, seu reconhecimento se dá através dos corpos que desfilam nas ruas moldados por suas habilidades: “Nas calçadas das grandes cidades, Severina, a bombadeira, expõe suas obras de arte. Corpos bombados, modulados, seringados com silicone” (Albuquerque & Jannelli, 1995, p.80).

Os riscos dessa aplicação vão desde inflamações e infecções⁴⁰ até os perigos do silicone injetado “escorrer” para o coração, pulmões ou para partes inferiores do corpo, criando deformidades conhecidas como “mondrongos”. Durante minhas pesquisas não consegui entrar em contato com nenhuma travesti em que o silicone tenha “escorrido” e deformado seus corpos. Isso ocorre, pois, o silicone não fica contido em uma parte específica do corpo, ele pode se movimentar, ficando alojado entre as fibras musculares. O repouso é uma parte muito importante do processo e evita maiores complicações e deformidades. Descanso este muito complicado para travestis que se prostituem, pois ao repousarem deixam de trabalhar e ganhar o dinheiro para seu próprio sustento. Segundo uma de minhas interlocutoras, um dos “casos” mais emblemáticos que ocorreram na cidade de São Carlos foi a morte de uma travesti⁴¹ que não seguiu à risca as recomendações da bombadeira.

⁴⁰ Na internet surgem vários vídeos de travestis e transexuais que, depois de anos da aplicação, tem problemas sérios com infecções.

⁴¹ Posteriormente descobri que este fato foi um dos responsáveis por não conseguir entrevistas com algumas travestis. Visto que algumas travestis que tiveram envolvimento próximo com o fato tem medo de comentar sobre ele e sofrerem represálias.

Carol utilizou muito do silicone industrial para a construção de seu corpo. Pelo que me relatou, a casa em que foi morar quando iniciou o processo pertencia a uma cafetina que também era bombadeira. “Ai, meu amor, além dela fazer minha cabeça, fez meu corpo inteiro”. Afirmou sobre a quantidade de silicone e os pontos onde tinha aplicado. A aplicação ocorreu depois dos 18 anos, pois antes disto os “hormônios estava fazendo sucesso”. Isto é, a utilização de hormônios nas travestis de idades mais novas mostra a grande eficiência para modificação do corpo e da voz. Após certa idade esta taxa de modificação acaba por estacionar e a travesti pode demandar pela aplicação de técnicas mais incisivas.

As utilizações de técnicas legitimadas pela medicina raramente eram empregadas devido aos grandes custos que demandam. A utilização de próteses de silicone mamário, operações plásticas para afinamento do nariz, pomo de adão e qualquer procedimento que vise a construção de corpos feminino eram de difícil acesso (e ainda são). Este tipo de procedimento está acessível, geralmente, para as chamadas *Europeias*, travestis que passam algum período de tempo trabalhando fora do Brasil, conseguindo uma condição econômica mais favorável. Essa noção de *Européia* geralmente está ligada a uma condição monetária favorável, que permite a utilização destas práticas cirúrgicas legitimadas e são encontradas em Siqueira (2009), Pelúcio (2009) e Duque (2009).

Como analisado por Duque (2009) em Campinas, a montagem e desmontagem estratégica, para as travestis velhas não se revelou, em meu campo, como algo fundamental e com presença marcante. A montagem estratégica seria um

conceito analítico que criei para pensar a construção e a desconstrução da feminilidade destes sujeitos a partir de uma manipulação da vergonha e do estigma para se conquistar, entre outras coisas, parceiros sexuais e transitar na escala de exposição à violência (op. cit., 2009, p.77).

As primeiras transformações eram associadas a um devir travesti que iria constituir a subjetividade destas pessoas por toda sua vida, impossibilidade

e inviabilizando qualquer tipo de mobilidade entre os polos masculinos e femininos sem que prejuízos e sanções sejam empregadas a elas.

5 - A Flor da Idade. As mais novas de corpo, alma e território

5.1 *Trânsitos, viagens, passagens e poucas permanências*

Nos diálogos empreendidos com as travestis das duas cidades pesquisadas, consegui perceber um discurso específico no que tange a questão das cidades e territórios para as travestis consideradas mais novas.

Nestes discursos, a territorialidade e a cidade são pensados como um meio de passagem, uma estadia temporária em busca de algo melhor. Constantemente evocam a noção de “sonho” para falar do local que desejariam morar e como desejariam viver. Por meio de uma perspectiva mais romantizada, as travestis mais novas pensam nas migrações para outras cidades, estados e países de forma positiva, utilizando seus sonhos e desejos como combustível para buscar e idealizar estas mudanças e realizações.

Uma das idealizações mais recorrentes é o da mudança para as grandes capitais. Nestes discursos as travestis mais novas e com “pouco tempo de carreira”, apresentam relatos mais romantizados, ressaltando as inúmeras oportunidades financeiras e amorosas, os “homens de verdade” que transitam por estes espaços sendo projetados como futuros possíveis pelo fato dessas cidades possuíram grande movimentação de pessoas e dinheiro. A noção de capital como uma “cidade que não para” é recorrente nestes discursos. Nicole sempre fazia referência a sua estadia na cidade de Ribeirão Preto como algo passageiro, visto que seu objetivo seria São Paulo ou Rio de Janeiro. Quando questionei se gostava de Ribeirão Preto ela foi categórica:

– Preciso de Ribeirão. Aqui vou fazer meu pé de meia e depois pulo fora. Não sou obrigada a viver nesse interior, preciso conhecer “gente grande”, cidade grande. Essa cidade aqui não me oferece muita animação e oportunidades. Só tem mariconas – Nicole.

Esse movimento em direção a uma grande cidade foi o que movimentou e orientou Nicole, agora com 21 anos, a sair de sua cidade natal e vir para Ribeirão Preto. Monte Alto, com aproximadamente 43 mil habitantes, não se mostrou nada instigante para o futuro que Nicole projetava para si mesma. Este

foi o motivo que a levou a mudar-se e este é o mesmo motivo que a faz desejar ir o quanto antes para São Paulo.

Este discurso é, em certa medida, acompanhado por Pâmela, de 19 anos. Oriunda da cidade de Pontal, com 40 mil habitantes, mudou-se para ribeirão preto em 2014, pois, acreditava que esta era sua única forma de dar continuidade a suas transformações corporais sem que sua família interferisse. “A cidade é um ovo, todos sabem e comentam a vida de todos. Cada nova peça de roupa que eu colocava ou cada pessoa que eu saía era um problema novo que minha família iria criar”, afirmou enquanto pintava suas unhas de rosa vibrante em uma das conversas.

O ponto nodal para a mudança de Pâmela de cidade era o fato de Pontal ser uma cidade muito pequena e as notícias se espalharem muito rapidamente. Suas mudanças físicas, mesmo que as mais sutis, e seus relacionamentos eram constantemente medidos, observados, julgados, perseguidos e sentenciados por desconhecidos, conhecidos, antigos amigos e até mesmo por sua família. O tom de seus relatos pautava-se na ideia de perseguição, relatando até mesmo algumas tentativas de agressão física e várias de agressões verbais.

Não podemos deixar de aproximar estes acontecimentos à noção de biopolítica dos corpos, onde a gestão e classificação dos mesmos através dos mais diferentes conjuntos de saberes cria uma noção de legitimidade e uma escala em que o corpo e a identidade devem ser lidos e classificados. Essa perspectiva foucaultiana nos permite ver como existe uma normalização compulsória dos corpos e identidades, evidenciando “a restrição das identidades de gênero ao binarismo homem-mulher e a das identidades sexuais a uma suposta coerência necessária entre corpo sexuado, práticas e desejos” (PINO, 2007).

5.2 O corpo das mais novas

Assim como as travestis mais velhas, as mais novas têm nos cabelos um símbolo de feminilidade muito forte. Ressalto novamente como os cabelos podem e devem ser lidos como um ponto importante das tecnologias de gênero

que perpassam e dão materialidade aos corpos e subjetividades. Seguindo a base teórica desenvolvida por Berenice Bento,

os corpos dos transexuais e dos não transexuais são fabricados por tecnologias precisas e sofisticadas que têm como um dos mais poderosos resultados, nas subjetividades, a crença de que a determinação das identidades está inscrita em alguma parte dos corpos (op. cit., 2006, p.5).

Esta determinação da identidade afirmada deve ser entendida, no caso dos cabelos de minhas interlocutoras, no tipo e tamanho dos mesmos, além de sua forte associação com a feminilidade e beleza.

Os cabelos naturais, lisos e compridos são muito valorizados, mas não os únicos encontrados. Podemos perceber essa mudança de perspectiva, primeiramente no trabalho de Duque, ao relatar o momento em que acompanhou uma de suas interlocutoras para comprar cabelos naturais. Desta forma, a utilização de apliques e perucas é ressignificado por algumas travestis e utilizado sem prejuízos morais perante certos grupos. As mais novas não possuem uma valoração moral tão rígida quando se trata da utilização de perucas, muito pelo contrário, utilizam as mesmas para empreender os processos de montagem e desmontagem, além de criarem um mercado específico, onde os cabelos podem ser compartilhados, vendido e alugados entre elas. Este mercado também foi identificado por Duque, segundo o autor, as travestis mais novas

tinham o hábito de, de tempos em tempos trocar de cabelos. Mas muitas só conseguem isso por meio da interferência das cafetinas. Assim como os cirurgiões, elas têm as “amigas” para indicar para as travestis poderem colocar os cabelos e pagar em parcelas para elas, como contou Daniele. Às vezes, as cafetinas têm os próprios cabelos, que alugam ou vendem para as travestis, com o direito de reivindicar de volta a qualquer momento (op. cit., 2009, p. 86).

Uma das interlocutoras de Duque afirmou que “comprava cabelos, assim como muitas mulheres” (2009, p.42). Isto corrobora para um alargamento das noções de feminino e do ser travesti, criando uma ruptura entre aquelas que veem nos cabelos naturais um forte símbolo de feminilidade.

Dentre minhas interlocutoras, percebi que a maior parte dos cabelos eram naturais e suas alturas variavam do ombro até abaixo da cintura. Além destes, encontrei algumas travestis que ainda utilizavam o artifício da peruca, dando “o truque” com os clientes. A crítica a utilização de perucas ainda permanece em meu campo, dependendo da situação, possuindo uma permissividade moral minimamente regulada e não encontrando com tanta correspondência com o encontrado por Duque na cidade de Campinas (2009, p.101)

Minhas interlocutoras não haviam me falado de forma positiva sobre travestis que utilizam peruca ao invés dos cabelos naturais. Esse recurso é utilizado pelas iniciantes no processo de travestilidade, isto é, para travestis que estão começando a modificar seu corpo, dando os primeiros passos em busca de uma identidade feminina. Além disto, algumas travestis possuíam perucas de cores e texturas distintas, uma delas era Natasha, que possuía uma ruiva cacheada e outra loira, lisa e platinada. Pelo que me falou, utilizava apenas quando queria “mudar” ou para dar algum show. Ela não era a única a possuir perucas e o discurso do “mudar as vezes” era utilizado com certa frequência. Desta forma, percebi que os cabelos naturais atribuem uma certa imunidade ao estigma de se utilizar perucas, pois o empreendimento de se ter e cuidar de um cabelo comprido foi feito com sucesso e a utilização de perucas é apenas um artifício estético requisitado em determinadas situações.

Desta forma, a utilização de perucas não se mostrou um tabu, mas apenas associada às travestis que estão iniciando as modificações corporais ou para mudanças rápidas de visual, em que cores e formatos diferentes eram necessários.

Pâmela⁴², que já havia sido chamada por Natasha de Bicha-Boy, não possui cabelos compridos. Seus cabelos não passam de aproximadamente 5 cm de comprimento, descoloridos e enrolados. Quando questionei o motivo dos

⁴² Pâmela havia chegado a casa a menos de 2 meses. Segundo o que me afirmou, a relação com sua família nunca foi das melhores. Depois que se assumiu gay a relação foi piorando. Sempre se interessou por roupas femininas e maquiagem, depois que conheceu uma travesti da cidade onde morava (Pontal), começou a usar algumas peças de roupa feminina e foi expulsa de casa. Após este episódio passou pela casa de alguns colegas até mudar-se para Ribeirão Preto na casa que morava até então.

cabelos curtos, Pâmela me explicou que “virou travesti a pouco tempo” e, por isso, não teve tempo de deixar os cabelos crescerem. Mas que seu objetivo é deixá-los “grande, loiro e fechativo⁴³”. Ao questionar o tamanho ideal para seus cabelos, Pâmela apontou um pouco abaixo dos ombros. Esse comprimento seria considerado curto pelas travestis mais velhas, que valorizam as longas madeixas. Enquanto seus cabelos não crescem, Pâmela utiliza uma peruca para compor o seu visual.

Ainda no início de suas transformações, Pâmela frequentava alguns lugares como “*Boy*”, isto devido ao fato de seu corpo não ter os atributos considerados femininos e ressaltados pelas outras travestis. A montagem ocorria em momentos específicos, como para o trabalho, festas ou espaços específicos. Isto me remeteu a uma das passagens de Duque sobre os espaços que gays e travestis frequentam em Campinas. Alguns deles, como a Praça Carlos Gomes “feita a base de maquiagem e peruca, ou, no máximo, de maquiagem e uma calça jeans feminina” (2009, p. 101).

Essa resignificação do tamanho dos cabelos não foi encontrada apenas em Pâmela. Nicole, moradora da mesma casa de Pâmela, também utiliza cabelos alisados um pouco abaixo dos ombros. Segundo o que afirma, cuida mais dos cabelos do que dela mesma, mas não quer deixar crescer mais, “aqui é muito quente, não dou conta de manter o cabelo muito comprido, sem contar que assim fica bem melhor em mim”, afirmou sobre as altas temperaturas da cidade de Ribeirão Preto e seus cabelos curtos.

Além delas, outras duas travestis, na cidade de São Carlos, tinham cabelos na altura dos ombros. Para além do meu campo físico, nas comunidades do Facebook© sobre o movimento T⁴⁴, encontrei a postagem de uma travesti afirmando que iria cortar os cabelos, pedindo opinião sobre deixar seus cabelos acima do ombro. Esse tipo de postagem, pelo que percebi, divide as opiniões. Algumas travestis e transexuais posicionaram-se contra, afirmando

⁴³ Fechativo se tornou uma palavra recorrente em meu campo. Esta gíria é utilizada para dizer que algo fez sucesso, superou as expectativas ou a chamou atenção. Dizer que seus cabelos são fechativos é equivalente a dizer que seus cabelos ficarão lindos e não poderão ser criticados.

⁴⁴ Movimento T é o nome dado a travestis e transexuais organizadas em comunidades da internet, espaços públicos e etc.

que seu cabelo era lindo e que ela não devia corta-lo enquanto outras apoiaram a decisão afirmando que ficaria belíssima e que deveria “se jogar”. Depois de algum tempo não encontrei mais o mesmo post na comunidade. Possivelmente foi excluído por não seguir as regras de postagem daquele grupo.

Percebe-se que o comprimento dos cabelos, para as travestis mais novas, está sendo ressignificado. Enquanto as interlocutoras de Duque possuíam longos cabelos naturais/apliques ou utilizavam perucas com o mesmo comprimento para os momentos de montagem, minhas interlocutoras apresentaram um novo panorama de acessibilidade e aceitabilidade para novos tamanhos e até mesmo texturas. Os cabelos ainda se mantem como um forte sinônimo de feminilidade, mas não encontram mais no comprimento, a medida desta feminilidade.

A hormonização é um processo que continua muito presente em todas as minhas entrevistadas, independentemente da geração. Os novos hormônios existentes no mercado, as dosagens, facilidades para se conseguir a baixo custo, aliados as mudanças corporais que eles proporcionam fazem desta técnica uma das mais presentes em todas as travestis que tive contato.

As mais novas instruídas pelas mais velhas seguem a mesma lógica neste processo. A dosagem é sempre medida de acordo com quem indica, com a coragem de quem faz uso e com o corpo que se busca e a idade em que o processo se inicia. O modelo de corpo buscado é diferente entre as gerações, portanto as dosagens e os sucessos do processo de hormonização também são modificados.

Enquanto a construção do corpo travesti nas décadas passadas foi pensado utilizando-se padrões como coxas grossas, ancas fartas, seios grandes e boca carnuda, o modelo que mais me deparei agora é o conhecido como ninfeta. Este modelo, identificado primeiramente por Duque (2009), “apresenta poucas curvas e carnes com o ‘frescor’ de quem acaba de entrar na

'noite'; muitas vezes, não têm marca de barba; são ousadas em suas performances junto aos clientes⁴⁵".

Assim, este corpo com curvas mais delicadas necessita de níveis de intervenção diferentes do que as utilizadas anteriormente. Natasha, ao instruir Pâmela sobre como deve se harmonizar afirmou que ela não segue seus conselhos à risca. Desta forma, o processo de harmonização, passa por uma ressignificação de quem o utiliza, tendo como base os conselhos de quem já utilizou o processo a algum tempo e obteve sucesso e moldando-o de acordo com parâmetros subjetivos de quem o utiliza pela primeira vez. Assim, por mais que Natasha recomende a utilização de hormônios x, por um período e frequência y. Pâmela apenas utiliza estes parâmetros como base para o que acredita ser a melhor dosagem/periodicidade para suas utilizações.

Em uma conversa com Pâmela sobre este processo, afirmou-me que toma de acordo com o que indicaram para ela, mas modifica a dosagem se acredita que "os clientes estão gostando; ou que os peitos cresceram mais; ou que está passando muito mal". As condicionalidades sobre a dose utilizada variam de travesti para travesti, permanecendo sempre a experiência própria com os efeitos do mesmo no corpo e na subjetividade como principal parâmetro.

No que tange a aplicação de silicone, como o tipo de corpo buscado por esta nova geração de travestis é um corpo mais sutil e com curvas mais modestas. A aplicação de silicone líquido é postergada ou substituída por outras técnicas.

Assim como apontado por Duque (2009), a aplicação de silicone líquido por travestis adolescentes tem sido postergado ou substituído pelo sonho da aplicação de próteses por um cirurgião. O barateamento das próteses de silicone influi para uma maior utilização destas, em detrimento da aplicação de silicone líquido. Mas este barateamento não é sensível para todas as travestis que desejam fazer este tipo de implante. Por mais que o valor tenha caído, sua utilização ainda permanece como uma realidade muito distante para minhas

⁴⁵ A questão da performance junto aos clientes será tratada no próximo capítulo.

entrevistadas. Ao discutir sobre estas técnicas, em uma das conversas em grupo que empreendi, a questão do valor é fortemente ressaltada. Todas me afirmaram categoricamente que o valor destes implantes não condiz com a realidade que vivem, sendo utilizadas apenas por travestis que tenham sucesso financeiro e/ou que passem temporadas fora do Brasil (as chamadas europeias).

Os riscos da aplicação de silicone líquido também é um ponto levado em consideração. As travestis mais novas fazem uma gestão entre o projeto de corpo que possuem e o risco das técnicas que utilizam para conseguir este corpo. Com isto, a utilização destas práticas pode ser postergada por algumas, que não veem a necessidade de uma modificação radical, como pode ser utilizado por outras, visando as mudanças sonhadas em pouco tempo.

Outra substância utilizada nos últimos anos é o polimetilmetacrilato, também conhecido como PMMA ou apenas metacrilato. Regulamentado e aprovado pela Anvisa, é uma substância utilizada para preenchimento corporal em situações muito específicas e em pequenas áreas. Esta substância não é absorvida pelo corpo e tem um efeito definitivo. Fixa-se de forma mais consistente do que o silicone industrial e o hidrogel⁴⁶, não migrando para outras partes. Apesar da regulamentação, sua utilização em grandes quantidades é tão prejudicial quanto a do silicone industrial.

Comumente utilizada nos procedimentos para correção da lipoatrofia⁴⁷ facial em pacientes com HIV. O metacril é utilizado para preenchimento de pequenas áreas afetadas no rosto pela lipoatrofia, melhorando de forma significativa o aspecto da região. A técnica é regularizada pelo governo brasileiro e utilizada em alguns centros de referência do SUS. Apesar desta regulação diversos projetos de lei⁴⁸ já foram apresentados e, alguns, estão em

⁴⁶ O hidrogel é um produto que pode ser aplicado por médicos, composto, em sua grande parte, por soro fisiológico. Ele é utilizado para preenchimento e ganho de volume em certas partes do corpo.

⁴⁷ Lipoatrofia é redução de tecido adiposo de certas partes do corpo como face (consequente enrugamento facial) nádegas e membros superiores e inferiores.

⁴⁸ PL 406/2015 - Restringe a venda de polimetilmetacrilato para uso em cirurgias plásticas estéticas ou reparadoras; PL 6338/2013 – Regulamenta e restringe o uso e aplicação do Metacrilato; PL 4622/2012 - Altera a Lei nº 6.360, de 23 de setembro de 1976, proibindo o uso da substância polimetilmetacrilato e silicone líquido nas camadas superficiais da pele.

tramitação para proibir sua utilização, alegando os grandes riscos da utilização de forma indiscriminada.

Algumas travestis têm utilizado esta substância, em detrimento do silicone líquido, devido aos seus menores riscos. A aplicação ainda é monopolizada pelas bombadeiras, que apenas têm feito a aplicação do PMMA além do silicone líquido. A modificação desta prática deve ser aprofundada em trabalhos posteriores, pois significa uma mudança nas técnicas utilizadas pelas bombadeiras e na rede de contatos que elas devem ativar para conseguir o produto em questão.

Dito os pontos acima, devemos ter em mente a questão da montagem estratégica desenvolvida por Duque (2009) pode ser utilizada para problematizar e criar um paralelo entre alguns pontos identificados no meu campo.

Assim, as travestis da pesquisa de Duque utilizam esta montagem como uma forma de gestão do estigma e vergonha, fazendo “a linha homem” quando acham necessário ou quando desejam encontros amorosos que, acreditam ser impossíveis como travesti. Esta montagem não é feita de forma puramente racional, ela “tem um limite de racionalidade, não sendo operada simplesmente por uma decisão calculada, mas motivada também por fluxos de desejos envolventes, muitas vezes não ditos e não perceptíveis conscientemente pelos sujeitos (DUQUE, 2009, p.93)

Entre minhas interlocutoras, percebi que a montagem e desmontagem estratégica é empreendida, em geral, por travestis que estejam começando o processo de transformação de seus corpos e/ou aquelas travestis que não empreenderam mudanças tão profundas em seus corpos. Independentemente da idade. Dentre minhas interlocutoras, consegui encontrar apenas duas travestis que empreendiam esta prática, com idades completamente diferentes, mas que tinham em comum estar iniciando o processo de travestilidade que estavam iniciando o processo de transformação de seus corpos, utilizando o recurso da montagem e desmontagem estratégica.

Ao empreenderem modificação radicais em seus corpos, acredito que a montagem e desmontagem estratégica torna-se mais difícil de ser executada, visto que o corpo modelado de forma feminina acaba por marcar as roupas masculinas de forma significativa.

Desta forma, pensando que a utilização de silicone por travestis mais novas têm sido postergado por alguns anos e que, além disto, o corpo buscado é um corpo mais sutil, ocorre um significativo alargamento do grupo de travestis que utilizam a técnica da montagem e desmontagem estratégica. Ela agora é empreendida por sujeitos que estejam iniciando a transformação de seus corpos e subjetividade em travestis até aqueles que já estão em um processo avançado, com significativas mudanças no corpo, mas que podem ser sensivelmente disfarçadas por roupas e acessórios como bonés e chapéus.

O processo de hormonização não é um fator limitador deste processo, pois as mudanças empreendidas pelos hormônios não são radicais, podendo ser facilmente contornadas através de roupas e, principalmente, poderem ser retrocedidas se a travesti parar com as aplicações ou doses do hormônio que utilizava.

Já a utilização de silicone industrial, do metacril ou de próteses são fatores que distanciam as travestis deste processo de montagem e desmontagem estratégica. Essas práticas podem ser pensadas como uma ruptura na vida destas travestis, pois a partir do momento da utilização destas técnicas, as travestis impossibilitam-se de adotarem a identidade masculina de forma satisfatória, impossibilitando a desmontagem estratégica e assumindo de forma definitiva a identidade de travesti.

Mais do que ligada a uma faixa etária específica (como a adolescência), a montagem e desmontagem estratégica pode ser pensada como uma estratégia utilizada por travestis das mais variadas faixas etárias, mas que se compreendem-se através do projeto identitário das “mais novas”. Onde as mudanças no corpo são mais sutis, com as curvas mais delicadas e, conseqüentemente, com intervenções menos invasivas no corpo. Essa corporalidade facilita o trânsito entre as noções de gênero masculino e

feminino, trânsito este que é a lógica da montagem e desmontagem estratégica.

5.3 Vivências e Lacrações⁴⁹

O relato de Selma é utilizado na introdução desta dissertação funciona como ponto focal para entender a relação das travestis mais novas com as mais velhas, com a prostituição e com a visão de futuro e envelhecimento.

A relação de tutoria estabelecida entre as travestis mais novas e as mais velhas, apesar de presente no meu campo, mostrou-se flexível de acordo com as necessidades das mais novas. Nicole construiu seu corpo com o auxílio de travestis mais velhas, mas deixava claro que o “protagonismo” desta construção era dela. Em uma de nossas conversas, essa relação de tutoria limitada ficou clara:

– As [travestis] experientes sempre têm as manhas do que usar e como usar, mas se dependesse só da dica delas, eu estava toda trabalhada no silicone, peito, bunda, boca, até no joelho falaram de aplicar, não sou louca né – Selma.

Nicole agenciava estas indicações da mesma forma que Pâmela agencia as de Natasha sobre seu corpo. Isto pode ser um ponto sensível para mostrar como as diferentes gerações possuem padrões estéticos diferentes para os corpos e como a construção dos mesmos é feita através de técnicas distintas. Apesar das inúmeras indicações de aplicação de silicone líquido, Nicole preferiu aplicar apenas em alguns lugares específicos, como quadril e coxas, deixando o rosto e os seios para serem modificados por intervenções estéticas regulamentadas pela medicina.

Outro ponto marcante é a relação com a prostituição e os espaços de sociabilidade das travestis mais novas. Em trabalhos como Pelúcio (2009) e Duque (2011) a noção de vício é identificada e trabalhada por estes pesquisadores. O vício seria a realização de programas sem que o dinheiro

⁴⁹ O termo Lacrar mostrou-se, em meu campo, como um equivalente de Fechativo. Pode ser utilizado para exaltar a beleza da travesti ou de alguma parte específica do seu corpo como também, muitas vezes, associada a algum comportamento perante uma situação específica. O ato de lacrar em uma discussão significa dar uma resposta muito boa, uma argumentação considerada incrível e dificilmente contestável.

seja cobrado em troca, buscando afeto, prazer ou paquera com clientes em potencial. Fazer o “programa sem pagar” com estes homens ainda não os coloca na categoria de “maridos”, o vício flutua na margem das relações amorosas e sexuais que as travestis empreendem. Participam um sistema de condutas e julgamentos específicos com as travestis que se relacionam. Ele foi definido por Pelúcio (2009) como

elemento das bordas, não fixável, ele é perigoso e, assim, poluidor. O vício também pode ser visto como “homem de verdade”, mas, ao contrário do marido, o seu lugar não é a casa, espaço mais relacionado à afetividade. Tampouco é como o cliente, alguém que paga pelo sexo, com quem se relacionam “profissionalmente”, sem beijo na boca, com tempo pré-determinado. Daí a categoria problemática do vício. Pois este não é nem um namorado/marido, tampouco um cliente. Flutua entre a casa e a rua, a noite e o dia. Apesar disso, é um elemento mais noturno e do espaço das transações comerciais (2009, p.81).

As travestis que realizam estas práticas são conhecidas como viciosas. Uma característica negativa entre minhas interlocutoras. Ser considerada uma travesti viciosa é pejorativo entre elas, mas esta prática foi constantemente evocada em meu campo, em ambas as cidades. Renata me contou que às vezes sai com alguns clientes sem cobrar, mesmo sabendo que isso não é o ideal. Questionei quais os motivos que a levaria fazer isso e obtive a seguinte resposta: “às vezes eu quero só me divertir, o cliente é bonito, simpático, gostoso, vale a pena não cobrar. Se você der sorte ele até volta. É um pouco de carência e safadeza”.

Estes mesmos argumentos também foram levantados em uma conversa com as meninas da casa que Nicole morava em Ribeirão Preto. Estávamos eu e mais quatro travestis conversando. Falávamos sobre envelhecimento e relacionamentos quando o assunto do vício apareceu. Prontamente Natasha já apontou para Nicole falando que ela era a mais viciosa de todas. Todas riram, mesmo Nicole tentando se justificar, Natasha continuou:

– Aquela ali ó, é a mais viciosa. Se o cliente for bonito e cheirosinho ela faz sem cobrar. Fica toda “apaixonadinha” pela maricona. E aí se alguém fizer programa com esse maldito depois, ela faz birra e quebra o pau. Parece até que é marido.

Em meio a muitas risadas, Nicole negava cada palavra sobre ela. Depois tentou se justificar falando que saia sem cobrar algumas poucas vezes. E que essa prática acontecia com clientes muito lindos e “especiais”. Percebe-se que esse tipo de prática (o vício) envolve uma relação sentimental que se coloca acima da mercadológica imposta pela prostituição. A troca de afeto e o jogo de conquista que, normalmente, ocorreria em outros espaços que não o da rua, passa a ser utilizado por algumas travestis mais novas nestes locais. Além de ser o espaço para trabalhar e conseguir dinheiro, a rua acaba sendo ressignificada enquanto espaço de conquista e flerte. Para as mais novas, o vício como uma prática estritamente negativa é flexibilizado, estando sempre associada a outra travesti, quando falam de si mesmas, esta prática é evocada como eventual e sem maiores prejuízos para ela ou para as outras travestis que ali coexistem.

Nicole frequentemente fala de futuros maridos, de como casaria com o cliente X ou Y, como ele é lindo, como é rico, como trata ela bem e etc. Esse tipo de diálogo, muitas vezes, é feito com Pâmela, que partilha sempre das opiniões de Nicole sobre este tema, mesmo que seus clientes não sejam tão frequentes devido ao seu início de carreira. Os afetos, amores e maridos também são constantemente evocados, tanto para justificar os vícios, quanto nos planos e sonhos de futuro. Nicole e Pâmela, ambas sonhavam em encontrar um “homem de verdade” no início da pesquisa. Um detalhe que me chamou a atenção em nossas conversas é que, frequentemente, a categoria marido acaba por dar lugar a namorado.

A categoria Homens de verdade também foi encontrada por Duque (2011) em seu campo. Eles podem ser caracterizados como “aqueles que a maior parte das travestis assume como namorados ou maridos, que, comumente, são tidos por elas como ativos sexualmente” (op. cit., p.89). Além de sexualmente ativos, estes homens devem possuir restrições a qualquer tipo de prazer relacionado ao ânus. Qualquer tipo de gozo sexual que seja obtido a partir de carícias ou penetrações no ânus do marido acaba por manchar a imagem deste como um homem de verdade perante as outras travestis.

Constantemente ouvia relatos de “ocós/okós”⁵⁰ que deixavam de ser maridos para serem entendidos como mariconas por realizarem alguma prática sexual e/ou demonstrarem prazer em certa posição. Grande parte das vezes essa “mudança” de categoria era titularizada por travestis mais velhas, que não aceitavam essas práticas.

Duque ressalta que,

os “homens de verdade” perseguem um ideal de masculinidade do ativo sexualmente, isto é, aquele que penetra o ânus do parceiro. No entanto, há um contraste entre as práticas reais e este ideal, afinal, é comum os relatos das travestis de que parte destes homens prefere ser penetrados por elas (SILVA, 1993; BENEDETTI, 2000; DUQUE, 2005; PERES, 2005; PELÚCIO, 2007; apud DUQUE, 2011, p.89).

A fronteira entre o “homem de verdade” e os limites de seus desejos e práticas sexuais é constantemente borrada pelas travestis mais novas. Que acabam por ressignificar e dar novas configurações e possibilidades a esta categoria. Assim, travestis mais novas que tem relações penetrativas com maridos/namorados ou até mesmo tendo relações penetrativas com clientes e idealizando os mesmos como maridos, são corriqueiras e a prática sexual que tenha com os mesmos acaba não afetando esta categoria.

Ressalto que, como já visto anteriormente, enquanto nas pesquisas de Pelúcio (2009) a presença do termo marido aparece recorrentemente, em meu campo com as travestis mais novas, a noção de namoro é evocada com maior frequência. Quando a conversa ocorria apenas entre travestis mais novas ou que estavam iniciando o processo de travestilidade, a categoria namorado era utilizada frequentemente. A noção de marido surgia quando falavam do futuro, das projeções que elaboravam sobre sua vida enquanto travestis mais velhas.

Estes sonhos de encontrar um “homem de verdade” e transforma-lo em marido não são partilhados por Renata em São Carlos. Segundo ela, aprendeu que “homem não presta, só serve para dar dinheiro e dor de cabeça”. Os relatos das desilusões amorosas, sofridas durante seus anos de vida na prostituição, foram sempre evocados para dar peso a este seu posicionamento.

⁵⁰ Na linguagem do Pajubá, o ocó seria o mesmo que o homem.

Questionei se não sentia falta de alguém do seu lado e a resposta foi contundente: “não sinto! Se fico carente ou quero sexo eu sei onde conseguir, agora pegar homem para cuidar, não vai ser comigo”.

Diferentemente de Renata, Rebeka e Camilla ainda sonhavam em encontrar um namorado. Em uma de nossas entrevistas, as duas afirmavam que ainda tinham esperanças de conhecer um homem honesto que as tirassem dessa vida. Camila estava se relacionando a algum tempo com um rapaz que morava nas proximidades de sua casa, mas pelo que me confidenciou na época, era “só diversão, com ele não vai virar nada”. O “não virar” nada que havia ressaltado era pelo fato do rapaz não possuir dinheiro e não querer assumir o relacionamento dos dois para a família.

Podemos perceber como os homens enquanto clientes ou potenciais relacionamentos e, as práticas sexuais que os envolvem, vem sendo ressignificados e fragmentados pelas travestis mais novas e pelas travestis que estão se iniciando no processo de travestilidade. A categoria homem de verdade e marido acaba por ser mais fluida e dinâmica para estas travestis do que para as travestis das antigas. Além disto, a noite acaba por funcionar como um espaço de conquistas amorosas, onde o trabalho com a prostituição caminha lado a lado com os valores normativos de amor, relacionamento e casamento.

5.4 - (Des)Lacrando ou a título de (des)conclusão

Mais do que uma conclusão ou, como diriam minhas interlocutoras, lacração, em termos absolutos, acredito que este espaço deve ser pensado como um articulador e fomentador entre as teorias trabalhadas durante esta dissertação e as informações e impressões que foram colhidas durante meu campo. Conclusões e lacrações soam como pontos finais, e o que farei será apresentar algumas comparações que podem e devem ser desdobradas, questionadas, distendidas e contorcidas. Mais do que lacrar, gostaria de apresentar os nós e emaranhados como pontos de partida para novas inquietações, dúvidas e pesquisas. Assim, deslacro minhas percepções deixando-as abertas para serem questionadas e ressignificadas por qualquer outro que se empenhe em pesquisar esta temática.

Voltando-me as primeiras linhas desta dissertação relembro como as conversas com Selma ocorriam em forma de tutorias e ensinamentos, relatando suas experiências, me alertando sobre os perigos da noite, como as “coisas funcionavam” e, no limite, me ensinando. Eu, sempre muito curioso e atencioso, me abria para cada informação que ela soltava. Esta configuração fortalecia uma relação fortemente pautada pela questão da experiência e da geracionalidade. Fui identificar estes dois pontos ao me debruçar sobre os dados levantados durante este trabalho, constantemente me voltava a cabeça a forma com que ela se referia a mim durante nossas conversas: *criança*.

A clara diferenciação geracional, que é agenciada por Selma para me chamar de criança, poderia ser lida apenas pela chave da idade cronológica, onde uma travesti de mais de 50 anos, pensada como mais velha, identifica-se de forma geracionalmente distinta do pesquisador de 28 anos que ali a interpela e, conseqüentemente, adota uma postura onde ela é a que detém o conhecimento a ser passado. Mas, esta nítida diferenciação mostrou-se muito mais complexa, mesclando categorias e marcadores específicos entre as travestis de minha pesquisa durante a construção deste trabalho.

Mais do que uma clara diferenciação ligada a idade, a delimitação das categorias “travestis mais velhas” e “travestis mais novas” mostrou-se de forma plural, agenciando principalmente categorias como experiência, tempo na prostituição, corpo, paciência, relacionamentos. Assim, a geracionalidade foi mobilizada pensando os sujeitos que, não necessariamente viveram em uma mesma época, mas sim que partilham experiências, vivências e potencialidades (MOTTA, 2010). Os sujeitos que partilhavam comportamentos, experiências e corporalidades em comum, foram organicamente sendo colocados nas categorias mais velhas ou mais novas mostrando como, por mais que estas categorias sejam importantes nesta obra, elas também não estabelecem de forma rígida e última o que é ser mais velha ou mais nova. Apresentando o caráter relacional destas questões.

Entre minhas interlocutoras, a idade mostrou-se um ponto relativamente forte para a delimitação das noções de geracionalidade, mas, apesar de seu peso, sua potência explicativa para as experiências e vivências observadas

fragiliza-se quando não comparada com marcadores como cabelos, silicone, relação com mercado do sexo, entre outros.

Os limites analíticos da importância da idade na questão da geracionalidade ocorrem por meio de algumas conexões estabelecidas entre as próprias travestis. Isto é, por mais que uma travesti com idade avançada seja automaticamente considerada mais velha, ela pode partilhar este posto com outras travestis com idades significativamente menores. Este dado confirma-se ao analisarmos como o comportamento, discursos e corporalidades entre Selma, com mais de 50 anos, aproximam-se dos de Natasha (29 anos) e Carol (23). Todas elas partilham algumas características em comum que, para além da idade cronológica, podem colocá-las como travestis mais velhas. Esta lógica também é utilizada para se pensar as travestis mais novas e suas conexões. Desta forma, apresento as características comparadas das travestis que fizeram parte desta pesquisa, para, posteriormente elaborar alguns parágrafos sobre a questão da geracionalidade e as possíveis conexões e afastamentos com outras obras que trabalham esta temática.

Entre estas características, os cabelos mostraram-se de grande importância tanto para a identificação e construção destes dois grupos. A importância dos cabelos foi verificada em quase todos os trabalhos académicos pesquisados para esta pesquisa (BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2009; SIQUEIRA, 2009; DUQUE, 2011; SAMMARCO, 2010). A utilização de madeixas grandes ou curtas, assim como sua valorização específica por determinadas interlocutoras, foram as responsáveis pelas primeiras análises para a formação destas categorias. Esta foi uma das características encontradas em meu campo que, sensivelmente, diferem das encontradas por Duque (2011): enquanto as interlocutoras deste autor utilizavam como pedra de toque a questão da naturalidade dos cabelos, utilização ou não de apliques e sempre visando os cabelos longos, em minhas pesquisas verifiquei que existe, além desta, outra tensão gerada pelo tamanho dos cabelos.

Os cabelos compridos são fundamentalmente valorizados pelas travestis que considero mais velhas, possuindo um sistema de permissões e interdições

específicas para sua modificação. As modificações rápidas, que visam algum efeito específico em uma apresentação artística podem ser feitas, sempre utilizando perucas, nunca cortando, apesar destas modificações. Os cabelos compridos (em geral lisos) e naturais são extremamente prestigiados, mas a forte valorização entre os cabelos curtos e longos mostrou-se algo novo em meu campo. Assim, as travestis que são consideradas mais velhas (Natasha, Selma, Carol) valorizam de forma positiva e rígida a utilização de cabelos compridos e naturais, diferentemente das travestis consideradas mais novas (Nicole, Pâmela, Camilla e Rebeka) que possuem uma maior plasticidade para a utilização de seus cabelos, podendo e utilizando diversos tamanhos e texturas.

A utilização de silicone ou de metacrilato também podem ser pensadas como fatores de distinção. As travestis consideradas mais velhas, geralmente, possuem aplicações de silicone industrial em alguma ou várias partes do corpo. Os corpos das travestis consideradas mais novas, por sua vez, acabam postergando este tipo de aplicação visando a utilização de próteses de silicone por médicos certificados ou apenas fazendo a manutenção das modificações conseguidas com os hormônios. Neste ponto, podemos encontrar larga utilização do silicone industrial entre as travestis cronologicamente mais velhas (Selma) e uma utilização um pouco menor nas que se encaixam na categoria analítica das mais velhas (Natasha e Carol). Entre as travestis mais novas, a única a utilizar o silicone industrial no corpo em conjunto com próteses nos seios foi Nicole. A utilização do hormônio mostrou-se fortemente presente entre todas minhas interlocutoras, corroborando com os trabalhos anteriores e evidenciando a importância desta técnica para a modificação corporal e feminilização do corpo.

As modificações corporais ligam-se a uma importante questão desenvolvida por Duque (2011), a montagem e desmontagem estratégica. Como já analisado, enquanto em sua obra esta estratégia foi utilizada pelas travestis adolescentes para agenciar diversas categorias como medo, relacionamento e visibilidade, entre minhas interlocutoras a montagem e desmontagem mostraram-se fortemente ligadas ao início do processo de

travestilidade. Assim, travestis que estivessem iniciando o processo de modificação corporal ou que possuíssem modificações corporais mais sutis em seus corpos, independentemente da idade, utilizavam-se da montagem e desmontagem estratégica agenciando riscos e desejos. Mais do que ligado a uma idade específica, deve-se pensar a montagem e desmontagem estratégica através da chave de corporalidade. Quais corpos têm a permissão e possibilidade de desmontagem? Em quais momentos? Por quais motivos? Estes, geralmente, são os corpos menos modificados. Desta forma, Natasha, por mais que seja considerada uma travesti mais velha e muito experiente, utilizou da montagem e desmontagem estratégica em um período desta pesquisa para conseguir um namorado. Mesma estratégia utilizada por Pâmela, Rebeka e Renata, entendidas como travestis mais novas.

Os relacionamentos empreendidos por minhas interlocutoras também formaram um ponto focal desta pesquisa, mostrando como maridos, namorados, mariconas e vícios foram articulados e ressignificados de diversas formas de acordo com cada uma de minhas interlocutoras. Enquanto as travestis mais velhas utilizam quase que estritamente a categoria maridos para se referirem aos relacionamentos que possuem ou possuíram, aproximando-se do identificado por autores como Silva (1993), Kulick (2008), Benedetti (2005), Pelúcio (2009) e Siqueira (2009). As travestis mais novas preferem utiliza a categoria namorados, assim com identificado na obra de Duque (2011). Esta mudança está, como apresentado anteriormente, associado a uma modificação nas características e permissões que estes sujeitos possuem nos relacionamentos que empreendem com as travestis.

Articulando os relacionamentos afetivos sexuais empreendidos por estas travestis com a questão da prostituição, o vício se mostra muito importante para ser mobilizado e pensado através desta lógica geracional específica. Entre minhas interlocutoras a valoração dos vícios - programas sexuais feitos sem a cobrança de dinheiro – mostrara-se fortemente ligada a geracionalidade. Travestis mais velhas como Natasha, Selma e Carol foram categóricas ao afirmar seu posicionamento contrário a esta prática, ligando este comportamento às travestis que não sabem se portar no mercado da

prostituição, referindo-se às mais novas. Estas, por sua vez, flexibilizam os riscos e desdobramentos do vício no mercado da prostituição, não atribuindo uma valoração estritamente negativa para esta ação. A tensão gerada pela utilização desta prática por travestis mais novas (Nicole, Pâmela, Camilla e Rebeka) e as mais velhas foi identificada por Duque em seu trabalho com travestis adolescentes. Isto delimita de forma clara como esta característica, assim como as outras apresentadas acima, ligam-se a questão da idade cronológica desdobrando em uma noção de geracionalidade e envelhecimento específica.

No que tange a questão das mariconas, podemos perceber como as travestis mais novas flexibilizam as possíveis relações e valorações atribuídas a estes sujeitos. Ancorando-se em termos como “mariconas do bem” e, até mesmo, possibilitando relacionamentos mais duradouros com estes sujeitos. Este tipo de relação foi percebido por Duque (2011) e corroborado em meu campo durante as entrevistas e observações. Mas sua flexibilização está limitada, novamente, por uma questão geracional, onde apenas as travestis mais novas empreendem esta valorização positiva destes sujeitos, retirando alguns interditos. As travestis mais velhas, por sua vez, mantêm e reproduzem os limites e estigmas que identificados por trabalhos como Benedetti (2000) e Pelúcio (2009).

As construções que versam sobre o futuro, sonhos e idealizações cristalizam-se na questão da territorialidade em que estas travestis estão inseridas. Ficou claro que a experiência na prostituição, circulação pelas cidades e anos de trabalho criam uma imagem positiva do interior, conseqüentemente ligada às travestis mais velhas, que acabam por aglutinar todas estas características. Por serem mais experientes na prostituição, por terem circulado por um número maior de cidades, conhecendo e experienciando outras configurações e vivências através dos anos, as travestis mais velhas acabam por valorizar a vida no interior em detrimento da capital. Ressaltando pontos como tranquilidade, segurança, conforto e melhores condições de vida.

Por sua vez, as travestis mais novas, acabam pesando positivamente as expectativas e possíveis vivências que podem ser experienciadas em uma vida nas grandes capitais, construindo nesta lógica a noção de interior como um ponto de passagem para outras cidades e estados. Em trabalhos anteriores, esta relação entre capital e interior foi identificada pela chave da circulação de travestis, como apresentado por Pelúcio (2009), demonstrando a existência de uma circulação entre capital e interior das travestis que moravam em uma das casas de prostituição de sua pesquisa.

Além disso, consegui identificar como esta circulação possui um sentido de acordo com a geracionalidade em que a travesti se encontra. Sendo as travestis mais novas atraídas pela capital e toda a sua projeção de fartura e possibilidades, enquanto as travestis mais velhas são atraídas pela relativa calma e tranquilidade da vida no interior. Mas, esta atração pelo interior tem seus limites: cidades muito pequenas também funcionam como ponto de repulsão para travestis. Percebemos isto nos relatos anteriores de Pâmela e de algumas travestis mais velhas entrevistadas por Sammarco (2010, p. 133), que relatam casos de agressão e violência em cidades muito pequenas (geralmente suas cidades natais), que tendem a serem mais conservadoras. Devemos deixar claro que, neste trabalho, o interior é representado pelas cidades de Ribeirão Preto e São Carlos, mas que esta lógica pode ser alargada para outras cidades, conforme as falas das travestis entrevistadas nesta pesquisa.

A seguir apresento a tabela 1.2 contendo as interlocutoras que mais foram utilizadas durante este trabalho e que, conseqüentemente, realizei o maior número de entrevistas em profundidade e observações. Elenquei na tabela as características que considerei fundamentais para a construção das noções de geracionalidade e envelhecimento, que foram descritas, comparadas e analisadas durante a obra.

TABELA 2 -Travestis Entrevistadas em profundidade

Cidade	Nome	Idade	Corpo						Relacionamentos	Moradia	Mercado do sexo	ONG	Interior ou Capital
			Cabelo	Silicone	Hormônio	Próteses	Desmontagem	Cor de pele					
RP	Natasha	29	Longos e lisos	Sim	Sim	Não	Sim	Branca	Marido/namorado	Com outras travestis	Sem vícios	Sim	Interior
RP	Carol	23	Longos e lisos	Sim	Sim	Não	Não	"encardida"/morena	Marido	Com outras travestis	Sem vícios	Sim	Interior
RP	Nicole	21	Lisos e curtos	Sim	Sim	Sim	Não	Branca	Namorado/Marido/Mariconas	Com outras travestis	Com Vícios	Sim	Capital
RP	Pâmela	19	Curtos	Não	Começando	não	Sim	Branca	Namorado/Mariconas	Com outras travestis	Com Vícios	Sim	Capital
SC	Renata	24	Longos e lisos	Não	Sim	Não	Sim	Branca	Namorado	Com a família	Com Vícios	Não	Interior
SC	Selma	55	Longos e cacheados	Sim	Sim	Não	Não	Branca	Marido	Sozinha	Sem vícios	Não	Interior
SC	Camilla	23	Longos	Não	Sim	Não	Não	Negra	Namorado/Mariconas	Com outras travestis	Com Vícios	Não	Capital
SC	Rebeka	22	Curtos	Não	Sim	Não	Sim	"morena"	Namorado	Com outras travestis	Com Vícios	Não	Capital

Fonte: Caderno de Campo.

LEGENDAS:

RP – Ribeirão Preto.

SC – São Carlos.

Utilizando destes marcadores, podemos então construir um quadro analítico que formule as principais características presentes nas chamadas travestis mais velhas e as mais novas, nas territorialidades em que minhas pesquisas foram desenvolvidas. Reforço, novamente, que estas características são fluidas e as categorias muito mais orgânicas. Assim, devemos entender este quadro como uma base inicial para pensar como estas características podem ser articuladas para formar configurações específicas de geracionalidade entre estas e outras interlocutoras, espaços e realidades.

TABELA 3 - Características Por Grupo

GERAÇÃO CIDADE	MAIS VELHAS	MAIS NOVAS
Ribeirão Preto	Cabelos Longos	Cabelos variados
	Utilizam Hormônios	Utilizam Hormônios
	Silicone/PMMA	Pouca utilização de Silicone
	Sem desmontagem estratégica	Utilizam a desmontagem estratégica
	Possuem Maridos	Possuem namorados
	Criticam a prática do Vício	Não criticam o vício
	Valorizam o Interior	Valorizam a Capital
	Agenciam noções de experiência	Agenciam noções de Paciência
São Carlos	Cabelos Longos	Cabelos variados
	Hormônios	Hormônios
	Silicone/PMMA	Pouca utilização de Silicone
	Sem desmontagem estratégica	Utilizam a desmontagem estratégica
	Possuem Maridos	Possuem namorados
	Criticam a prática do Vício	Não criticam o vício
	Valorizam o Interior	Valorizam a Capital
	Agenciam noções de experiência	Agenciam noções de Paciência

Fonte: Cadernos de Campo

Podemos perceber que as características distintivas entre as travestis mais velhas e mais novas se repetem em Ribeirão Preto e São Carlos, mostrando como a noção de geracionalidade empreendida por minhas

interlocutoras é partilhada entre estes dois grupos. Fatores como local de moradia e o contato ou não com ONG's não afetaram estes dados.

A questão da paciência/experiência, apresentou-se como uma das divisões mais claras em minha obra, mostrando como cada uma destas categorias eram agenciadas por determinado grupo de travestis para qualificar sua experiência em comparação com o outro e ao envelhecer. Assim, as travestis consideradas mais velhas – como é o caso de Selma, Natasha e Carol – utilizam constantemente a experiência para qualificarem suas vivências e comportamentos, mostrando como tem consciência dos jogos que a noite, as relações e, principalmente, o mundo da prostituição, apresenta para seus envolvidos.

Selma, como apresentado acima, afirmava categoricamente que não possuía paciência para os jogos de sedução que alguns clientes tentavam iniciar durante os programas, mostrando como a sua experiência na noite diminuía consideravelmente a paciência para estes desdobramentos. Em contraste, as mais novas, como Nicole, que apresentava relativamente pouca experiência na prostituição, empreendia maiores enlances afetivos com possíveis clientes, mostrando como possuía maior paciência para estes jogos de sedução. Enquanto Carol via de forma negativa os diálogos demorados com outros clientes, mostrando sua falta de paciência, Pâmela afirmava que as conversas a faziam se sentir bem e “querida” pelas mariconas (novamente vemos a forte ligação entre a valoração positiva das mariconas pelas travestis mais novas).

Pude perceber como a relação entre experiência e paciência está presente nos discursos e práticas de minhas interlocutoras, onde, quanto maior a experiência no mundo da prostituição (características ligadas às travestis mais velhas), menor a paciência para os jogos de sedução. Não consegui identificar, em trabalhos anteriores, o peso explicativo que a categoria paciência estabeleceu em meu campo. Nos trabalhos com travestis mais velhas, Siqueira (2009) e Sammarco (2010) conseguiram identificar a questão da experiência que as travestis acumulam durante o desenvolvimento de suas vidas, mas a articulação feita por minhas interlocutoras entre esta experiência

adquirida e a falta de paciência com as lógicas de funcionamento (jogos de sedução) no mundo da prostituição mostraram-se particularmente novas.

Além da correlação entre paciência e experiência, a questão do envelhecimento em si deve ser ressaltado em conjunto com estas questões. Quando questionadas, ou ao desenvolverem discursos, sobre as particularidades do envelhecimento e os desdobramentos de suas vivências e experiências, pude notar alguns discursos interessantes. O primeiro deles liga-se a questão da experiência, apresentada acima. Empreendido por travestis mais velhas, a questão do envelhecimento como aquisição de experiência foi utilizada para apresentar a faceta positiva de se envelhecer, como o conhecimento da noite e dos jogos e “ciladas” que a vida pode apresentar. Sempre articulado com o tempo na prostituição ou a idade cronológica, esta faceta do envelhecimento remete a leitura feita por uma travesti mais velha estritamente sobre sua própria vivência ou a vivência de alguma travesti que não esteja presente.

Desta forma, Selma, Natasha e Carol ao se depararem com o processo de envelhecimento que age sobre seus corpos, ou então, ao serem questionadas sobre o envelhecimento nos corpos das travestis em geral, utilizam esta lógica. Nunca a utilizam para falar de uma travesti em específico, visto que isto as colocaria como menos experientes ou como velhas. A velhice como decadência física, como senilidade ou perda de beleza, por sua vez, está sempre ligada a outra travesti. Esta imagem jamais é utilizada ao se referirem a elas mesmas. As travestis mais velhas, mesmo quando confrontadas com as mais novas, utilizam a estratégia acima, apegando-se na questão da experiência para seguir o debate ou discussão.

Esta questão do envelhecimento no Outro foi identificada por Siqueira por meio dos discursos de suas interlocutoras que “se recusam a identificarem-se como velhas e quando se identificam, buscam dar outros contornos a esta condição” (op. cit., 2009, p.140). Para as interlocutoras de Sammarco (2010), a velhice acontece no momento em que a travesti não consegue ganhar o sustento com a prostituição, isto é, quando perdem os atributos da beleza. Em meu campo, para além do envelhecimento como um fato, podemos encontrar o

agenciamento dele como processo. O envelhecimento como fato associado a figura de outra travesti, a decadência física, estética e funcional. Já o envelhecimento como processo volta-se sempre para a própria travesti, exaltando suas características relacionais, questões ligadas a experiência e conhecimentos adquiridos ao longo dos anos.

Durante a produção desta obra, pude perceber a complexidade que é trabalhar as questões de geracionalidade e envelhecimento entre as diferentes gerações de travesti que se prostituem. Acredito que os desdobramentos desta temática encontram, neste e em outros trabalhos, um ponto de apoio para a pesquisa e aprofundamento das questões que ainda a circulam. As categorias utilizadas para pensar estes sujeitos de pesquisa podem e devem ser questionadas. Os atributos e critérios que aqui estão visíveis devem ser entendidos como apenas os primeiros identificados em uma vasta e complexa rede de interações, valorações e vivências.

Ao caracterizar as diferenças entre as travestis mais novas e mais velhas, me furtei em abordar as proximidades entre estes dois grupos, que são muitas, e os desdobramentos sensíveis que as políticas públicas podem promover na vida das travestis que trabalham com o mercado do sexo, assim como a constante necessidade de melhoramento do acesso destas pessoas aos equipamentos públicos de saúde e educação promovendo um reconhecimento enquanto cidadãs dignas de direitos. Além de pensar questões como geracionalidade, corpo e subjetividade, esta obra deve ser utilizada para desenvolver um olhar específico sobre a construção dos corpos e a sua relação com o envelhecer, independentemente de serem ou não travestis. Buscando a pluralidade e diferença neste processo que, assim como trabalhado, intersecciona várias outras características.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. *A Princesa: Depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das brigadas vermelhas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BALZER, Carsten; HUTTA, Jan Simon. *Transrespec T versus Transphobia World Wide: a comparative review of the human-rights situation of Gender-variant/Trans people*. Berlin: Logauer Straße 19, 2012.

BANTON, M. & CASCHMORE, E. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Selo Negro, 2000.

BENEDETTI, Marcos. *Toda Feita: O corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 144 p.

BENTO, Berenice. *Corpos e Próteses: dos limites discursivos do dimorfismo*. Florianópolis, 2006.

BERLANT, Laurent e WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (editor). *Sexualidades Transgressoras*. Barcelona, Içaria, 2002. p. 229-257.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los limites materiales y discursivos Del "sexo"*. Buenos Aires: Anagrama, 2002.

BUTLER, Judith. *Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo*. Cadernos Pagu, Campinas, v. 11, n. 11, p.11-42, mar. 1998.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Máscaras envelhecidas das travestis nos espaços urbanos. *Sociologias Plurais - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR*. Curitiba, p. 178 - 192, 22 out. 2012.

CARDOZO, Mariana. *Parentesco e parentalidades de travestis em Florianópolis/SC*. Monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CARVALHO, José Jorge de. Racismo fenotípico e estéticas da segunda pele. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 11, n. 5, p.58-118, mai. 1999.

DAWOOD, Khytam; BAILEY, Michael; MARTIN, Nicholas G. Genetic and Environmental Influences on Sexual Orientation. In: KIM, Y.-k. *Handbook of Behavior Genetics*. Pennsylvania: Lcc, 2009. p. 269-279.

DEBERT, Guita G; SIMÕES, Julio A. A aposentadoria e a invenção da terceira idade. *Antropologia e Velhice*, Campinas, v. 4, n. 4, p.31-48, jan. 1994.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representação da velhice. *Ciência Hoje*. São Paulo, v. 8, n. 44, p.61-68, jan. 1988.

- DENIZART, Hugo. *Engenharia Erótica: Travestis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997
- DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.
- ELLIS, Havelock. *A inversão sexual*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. 26. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Ltc, 1988.
- GOMES, Nilma Lino. *Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. In: II Seminário Internacional de Educação Intercultural; Gênero e Movimentos Sociais, 2003, Florianópolis.
- HECK R.M, LANGDON EJM. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: *Minayo MCS, Coimbra Jr CEA, organizadores. Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p.129-51.
- JAYME, Juliana G. *Travestis, Transfromistas, Drag - queens, Transsexuais: Personagens e Máscaras no Cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa. 2001*. Tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- KIM, K.. *Handbook of Behavior Genetics*. Pennsylvania: University Park, 2009. p. 269-279.
- KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo gênero e cultura no Brasil*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. 280p.
- LEITE JUNIOR, Jorge. *Das Maravilhas e Prodígios Sexuais: A Pornografia "Bizarra" como Entretenimento*. São Paulo: Annablume, 2006.
- LEITE JUNIOR, Jorge. *Nossos Corpos Também Mudam: a invenção das categorias "travesti" e "transexual" no discurso científico*. São Paulo: Annablume, 2011.
- LENOIR, Remi. *Objeto sociológico e problema social*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p.206-242.
- LOPES, Susana Helena Soares da Silva. Corpo, Metamorfose e Identidade: De Alan a Elisa Star. *Corpo e Significado*. Porto Alegre, p.227-232, jan. 1995.
- LOYOLA, Maria Andréa. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. *Cad. Saúde Pública*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 19, p.875-899, 01 jul. 2003.
- MASCARO, S de A. *O que é velhice*. São Paulo: Brasiliense, 1997
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec - Abrasco, 1993.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*. Porto Alegre, v. 21, n. 21, p.150-182, jan. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222009000100008&script=sci_arttext. Acesso em: 19 ago. 2014.
- MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 3, n. 14, p.681-693, set. 2006.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 28, n. 28, p.101-128, mar. 2007.
- MOTTA, Alda Britto da. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. *Revista Sociedade e Estado*. Brasília, v. 25, n. 2, p.225-250, maio 2010.
- PELÚCIO, Larissa Maués. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. *Antropológicas*. Recife, v. 15, n. 8, p.123-154, jan. 2004.
- PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo: Uma Etnografia Travesti Sobre o Modelo Preventivo de Aids*. São Paulo: Annablume, 2009.
- PINO, Nadia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 28, n. 28, p.149-174, abr. 2007.
- PINO, Nádía Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 28, n. 28, p.149-174, abr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/08.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014.
- RUBIN, Gayle. Pensando o Sexo: Notas para uma Teoria Radical das Políticas da Sexualidade. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 21, n. 21, p.01-88, out. 2003.
- RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex*. New York: Reiter, 1975.

RUBIN, Gayle. Tráfico sexual: Entrevista. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 21, n. 21, p.157-209, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a08.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

SAMMARCO, Pedro Paulo. *Travestis envelhecem?* Dissertação de mestrado defendida no curso de Gerontologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

SAMMARCO, Pedro Paulo; MERCADANTE, Elisabeth Frohlich. *Travestis, envelhecimento e velhice*. *Kairós Gerontologia Temática*. São Paulo, v. 5, n. 14, dez. 2011.

SCHUTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews - Part 1. Module B.2.1. INVITE-Biographical counseling. In: *Rehabilitative Vocational Training-further Education Curriculum*. 2007.

SILVA, Hélio. *Travesti: A invenção do feminino*. Rio de Janeiro: Relume-dumar, 1993.

SIQUEIRA, Monica Soares. *Arrasando Horrores: uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas..* UFSC, Florianópolis, 2009.

SIQUEIRA, Monica Soares. *Sou Senhora: Um estudo antropológico sobre travestis na velhice*. Dissertação de mestrado em antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

THIOLLENT, M. J. M. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Polis, 1982.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WHITE, William Foote. *Sociedade da Esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Arguição - Mestrado - 10/12/2015

Luiz Henrique Miguel - Gerações travestis: corpo, subjetividade e geracionalidade entre travestis do interior de São Paulo.

- Agradecer Luiz e Jorge pelo convite, assim como ao PPGS da UFSCar pela possibilidade de discutir este trabalho.

- Em primeiro lugar gostaria de dizer que teu trabalho soma-se a um corpo extenso e importante de produções acadêmicas da área das ciências sociais sobre travestis no Brasil. Mas especialmente, e penso nisso como um grande mérito do teu trabalho, escapa ao risco de "reinventar a roda". Isso se dá, sobretudo, pelo esforço que fazes em ler aos trabalhos dos autores e das autoras que escreveram sobre travestis antes de ti. E não apenas ler, mas dialogar com cada um deles e buscar compreender os pontos de aproximação e distanciamento de teu campo com relação a estes outros. Dentre outros trabalhos, você faz um importante diálogo com os textos de teu orientador e também de colegas aqui da UFSCar que escreveram antes de você, o que merece ser elogiado e reconhecido.

- Achei muito bem feita tua discussão metodológica. Especialmente na página 43, quando mencionas teu medo e o da interlocutora de teu trabalho e, ainda o misto de medo e desejo de ser ouvida dela no primeiro contato de vocês. Ao explicitar que ninguém a ouve ela diz muito sobre o lugar social dela e da exclusão a que foi submetida ao longo da vida. Mas, ao mesmo tempo, isso não a faz menos forte. Forte, aliás, é como ela percebe suas opiniões. E, que pessoa rica é Selma. Como é densa. Que sorte encontrá-la. Depois, na mesma página, outro momento muito bonito é quando você fala da reciprocidade que estabeleceu com tuas interlocutoras, que te presenteavam com suas histórias e ideias e, ao mesmo tempo, na convivência, você se tornava parte de suas histórias, compartilhando histórias e informações tuas. Essa assunção de que pesquisa é em alguma medida troca é muito importante. Não somos meros/as coletadores de dados e informações. Somos pessoas pesquisando pessoas e em relação com as pessoas que pesquisamos. E isso não é um problema para o rigor científico.

- Tem um belo trabalho de pesquisa, denso. Isso para um mestrado é algo fascinante e raro.

Questões de redação/metodologia científica

- Encontrei em teu trabalho alguns problemas de redação que eu sugiro que sejam corrigidos antes do depósito da versão final do trabalho. São algumas repetições de palavras na mesma frase, frases muito extensas que dificultam a compreensão do texto, erros de digitação, etc. Acredito que muito disso se dá pela familiaridade excessiva com o próprio texto após um certo tempo. Nesse

sentido recomendo, se não for possível fazer a revisão com um profissional da área, pedir que algum/a amigo/a faça.

- Quando usar citação em língua estrangeira sugiro fazer a tradução, como você fez, o que é ótimo para a fluidez do texto. Mas sugiro também informar ao leitor que se trata de uma tradução livre e incluir um rodapé com o texto original. Em artigos isso costuma ser inviável dado o espaço exíguo (então sugiro traduzir informando ao leitor), mas em teses e dissertações acho que é cabível e importante.

- A apresentação da metodologia científica também traz alguns problemas: sugiro revisar as referências bibliográficas, pois há nome de autora escrito de maneira incorreta, algumas questões de formatação e ao menos uma citação do Richard Miskolci (p. 31 e p. 59) repetida no texto. Há notas de rodapé explicando termos que já apareceram anteriormente no texto. Existem citações de falas e de autores com padrões diferentes no texto. E nomes de autores que não estão acompanhados pelo ano da obra. Novamente, uma revisão simples resolve essas questões. De qualquer modo, posso te passar essas coisas depois se quiseres.

- Algumas coisas que você joga para o próximo capítulo em nota poderiam minimamente ser indicadas onde aparecem pela primeira vez. Por exemplo, na pág. 60 quando falas do uso do polimetacrilato (PMMA). Para citar outro momento, você fala "os chamados 'seios de pera'", mas não descreve o que isso quer dizer (p. 84). E, também há o "hidrogel" (p.100). Isso é importante porque mesmo que a gente esteja familiarizado com um termo, não podemos assumir de antemão que nossos/as leitores/as estão.

Questões de terminologia

- Com relação ao termo "travestilidade" associado aos autores do final do século XIX (p. 15): sugiro introduzir uma nota dizendo que esses autores não utilizavam esta expressão. Se minha memória não me trai, quem introduz este termo no campo no Brasil foi Wiliam Siqueira Peres, autor que consta de tuas bibliografias e que, penso, é algo que valeria ser mencionado já no início do texto (falas algo na nota 6 apenas, p. 20).

- Já que dialogas com o campo da medicina e psiquiatria no início do texto, penso que valeria uma nota explicativa para o termo "orientação sexual" (aparece pela primeira vez no texto na página 16).

- Sobre a questão da essencialização das questões de gênero, problematizar que não são apenas "as políticas públicas, debates institucionais e conversas informais dos mais variados segmentos" (p. 23) que o fazem: o essencialismo é parte histórica da luta política do movimento LGBT. Ou seja, nem sempre é desconhecimento. Podemos questionar essa estratégia, sua validade política,

etc., mas não dá para não entender que, em muitos momentos, o essencialismo é utilizado propositalmente.

- "Europeia" - antigamente era as que voltavam da europa com dinheiro. Você fala em travestis com dinheiro várias vezes, apenas uma associa que elas "moraram fora". Fiquei curiosa para saber se o uso do termo mudou?

- "Pirelli", eu ri. As cds de fora de SP usam muito, mas não é algo que eu escrevi sobre na tese.

Referenciais teóricos-sugestões:

- Sobre a subnotificação ou, mais precisamente, notificação enviesada do assassinato de travestis no Brasil (p. 21), ver o trabalho de Paula Lacerda sobre notícias de assassinatos de gays e travestis: LACERDA, Paula. O drama encenado: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca. 2006.

- Gostei bastante da forma como você trabalha a questão geracional sem fixar idades. Até porque, no caso das travestis que se prostituem, fixar em idades seria um limitador inclusive em razão da exposição à violências (letais, muitas vezes) e adoecimentos que infelizmente estão presentes no metier.

- Com relação às bibliografias que usas, confesso que muitas vezes senti a ausência de trabalhos que discutem a velhice de mulheres. Entendo que algumas dessas referências não são recentes e nem do campo da sociologia, mas penso que poderiam trazer algum rendimento para o teu trabalho. Um desses casos é o do trabalho de mestrado Flávia de Mattos Motta, depois publicado em livro com o título de "Velha é a vovozinha: identidade feminina na velhice" (1998). Fiquei me perguntando em que medida a noção de velhice e feminilidade das travestis pode se aproximar das noções de velhice e feminilidade de outras pessoas que se identificam a partir do gênero feminino (expandiria aí para as mulheres transexuais também). Ainda, quando a autora fala em "velha é a vovozinha", esta expressão dialoga diretamente com a ideia de que velha é a outra. Embora também implique em reconhecer que a velhice tem regras que precisam ser seguidas para, digamos, não ser "velha". Ainda, a noção de "velha faceira" que a autora trabalha pode te ser útil para pensar sobre esta velhice que não está apenas na idade, mas em uma atitude com relação a certa experiência de vida que vai além da passagem do tempo.

- Outro trabalho que pode ser interessante é sobre as mulheres da terceira idade que frequentam os "bailes de fichas" no Rio de Janeiro, em que estas mulheres compram "fichas" para dançar com homens jovens que "saibam dançar bem". Este trabalho se chama "A dama e o cavalheiro: um Estudo Antropológico Sobre Envelhecimento", escrito por Andrea Moraes Alves (2004). As relações dessas mulheres com esses rapazes jovens, por vezes extrapolam o espaço dos bailes e rendem, para além de romances, relações de trocas materiais e afetivas. Acho que este trabalho poderia te ser útil para pensar a relação das travestis com os "vícios", que não são nem maridos, nem namorados e nem clientes. Assim como os jovens dançarinos na vida dessas

mulheres idosas, os vícios tem um papel ambíguo e importante tanto para as travestis individualmente quanto dentro das relações encenadas entre as travestis (mesmo que de escárnio).

- Gostei bastante da forma que analisas a questão dos cabelos compridos e das cores dos cabelos. Mas faltou descrever na tabela à pág. 114 qual a cor de cabelo de suas interlocutoras, uma vez que você mesmo diz que há uma manipulação da cor/raça a partir da troca de cor (e do alisamento). Com relação à questão da raça, penso que é um debate que seria importante aprofundar em um trabalho futuro. Por exemplo, é genial que tuas interlocutoras usem como modelos de mulheres brancas mulheres não-brancas (Anita, que embranqueceu com o passar dos anos e a fama e Cristina Aguilera, uma mulher latina no país em que nasceu e vive - p. 71).

- Relação das mais novas com os apliques (p. 83): é uma ampliação de permissividade estética geracional ou morar com os pais, em alguns casos, tem algo a ver com isso?

- Você fala em duplo estigma (p. 54) ao unir travestilidade e envelhecimento. Fiquei pensando se é apenas duplo, pois parecem camadas que vão se estabelecendo de modo relacional e contextual. Um exemplo é quando falas da questão da transmissão do HIV relacionada ao mercado do sexo. Penso que elas não são apenas perigosas porque são transmissoras em potencial, de acordo com certas leituras estigmatizantes sobre suas existências, mas uma responsabilização que engloba vários eixos: prostituição, travestilidade e, ainda, transar com "não assumidos que 'levam doenças para casa'". A ambiguidade das travestis - mulheres de peito e pau - e dos clientes - mariconas, que não são "homens de verdade", ambos falsetes, produz um universo de estigmatizações que, ao cabo, recaem sobre a visão que a sociedade tem das travestis, que, dentro dessa visão, "pervertem" esses pobres homens.

- Na página 68 você menciona a "passabilidade" e os sinais diacríticos que "entregam" as travestis. Lembrei de um texto que li há bastante tempo sobre essa questão que poderia te ajudar a pensar aqui nessas questões. Falando sobre homens que praticam crossdressing, Montero (?) diz que "a imperfeição de sua imitação é o que faz dela atraente, que a faz eminentemente legível. Imitações perfeitas de mulheres por homens ou de homens por mulheres são curiosas, mas não interessantes. É necessário que exista algum 'conto de fadas', não uma barba por fazer grosseira ou a falta de habilidade do amador, mas algo compreensível, um pé que é muito grande, um gesto sutil ou a natureza peculiar da voz" (apud Garber, 1991: 456-7).

THORNTON, Sarah. *The subcultures reader*. London and New York : Routledge, 1997. pp. 454-55. De certo modo, vale pensar, se não é justamente essa ambiguidade que torna as travestis tão atraentes.

- Pensando em quem é mais procurada no metier: as mais novas tem mais valor no mercado do sexo porque se adequam aos padrões estéticos atuais? Por serem mais novas (e não exibirem sinais de envelhecimento) há também uma questão de ser "novidade" (aquela expressão "carne nova no pedaço")?

- Penso que tens que dialogar um pouco mais com a bibliografia sobre memória. O tempo todo, quando tuas informantes "mais velhas" falam que "antigamente era melhor que hoje", que a vida fica mais simples com o passar dos anos, que elas aprenderam a se cuidar ou a não dar mole na pista, que hoje não dão mais bola para os vícios, ou ainda sobre as cidades em que viveram e vivem, isso fica pulando do texto, mas não é algo que você desenvolveu. Entendo os limites de um trabalho acadêmico, mas acho que tens aí um bom caminho a percorrer futuramente. Sugiro que quando fores publicar a dissertação em artigos busque escrever sobre este tema mais aprofundadamente.

- Sobre a questão dos hormônios, silicone industrial e cirurgias, embora não seja o foco específico do teu trabalho, penso que é preciso que alguém escreva mais profundamente sobre esses procedimentos. Você fala em algum momento sobre estudar mais a questão das bombadeiras. Penso que seria um ganho para todas e todos nós que pesquisamos o tema se você (se tiver o desejo), ou alguma outra pessoa, fizesse uma pesquisa sobre o tema. Até pensando que hoje há serviços médicos que vem trabalhando na remoção, quando é possível, do silicone industrial. Essa questão precisa ser explorada em outros trabalhos como central e não contingencial, penso, para que possamos ter subsídios práticos para estes profissionais e para as próprias travestis.

- Ainda sobre a questão dos hormônios – em alguns casos há um limite para as mudanças corporais via uso de hormônios e, em alguns casos, este corpo produzido via hormônios fica muito distante do desejo daquele indivíduo de produção do próprio corpo. Com relação ao consumo de hormônios, especificamente, alguma das pessoas que tu pesquisou usa o SUS para fazer a hormonioterapia, ou médico particular?

- Para além de existir uma montagem/desmontagem estratégica, há também uma produção identitária estratégica? Lembrei de mulheres trans que usam a faixa para disfarçar/esconder seios para conseguirem "passar por homens" e ter acesso ao mercado de trabalho formal.

EXTRAS:

- Ainda, sobre essa questão do envelhecimento, no início da p. 57, você escreve que "as noções de juventude e envelhecimento no universo travesti estão fortemente ligados à construção e manutenção do corpo, à utilização desse corpo modificado e transformado como ferramenta de trabalho e ao tipo de relacionamento que empreendem com seu círculo social". Isso me fez pensar em algumas coisas: a primeira é em que medida esses processos de

construção e modificação do corpo não atingem a todas as pessoas cada vez mais (ok, não estou considerando a especificidade do corpo da travesti aqui), uma vez que as tecnologias disponíveis hoje (inclusive na indústria farmacêutica) nos empurram cada vez mais para a produção de um corpo que se deseja extremamente funcional e produtivo por cada vez mais tempo. A segunda questão que fiquei me perguntando é se as mesmas demandas que recaem sobre corpos pensados como femininos recaem sobre aqueles tidos como masculinos. É diferente envelhecer feminina ou masculino? É a mesma coisa, em termos de parâmetros, ser uma velha bem sucedida e ou um velho bem sucedido? Penso que é algo que podemos pensar para o futuro, porque entendendo gênero como relacional e como parte constituinte de todas as pessoas, quais são as demandas específicas do envelhecimento quando se torna genericado? Ainda, pensando acerca das tecnologias para "disfarçar" ou "amenizar" os traços do tempo, acredito que mesmo as pessoas menos preocupadas com a ou dependentes das aparências também passem pela incorporação de cremes, produtos ou acessórios conforme o tempo passa para amenizar seus efeitos. Por vaidade ou por conforto, boa parte das pessoas são levadas a consumir tecnologias estéticas ou farmacêuticas para driblar algumas das consequências do envelhecimento. Nesse contexto, pensar sobre essas questões em pessoas que não são travestis poderia ajudar a des-exotizar às travestis?

- Fiquei pensando especificamente aqui no trabalho de Esther Newton (1979), no livro *Mother Camp: female impersonators in America*, propõe uma discussão importante ao formular uma releitura de seu próprio trabalho com *female impersonators* (o que entendemos aqui como drag queens e/ou transformistas) estadunidenses ao final da década de 1960. A autora questiona, então, os usos que fez da teoria do desvio para pensar sobre o que as pessoas que pesquisou lhes diziam a partir da perspectiva de que estas eram desviantes e viam o mundo por este viés. A autora se pergunta, algum tempo depois, sobre “quem precisa de uma teoria do desvio? Por quê? Que tal uma teoria da ‘normalidade’? Hoje estas parecem perguntas óbvias, mas ter a coragem de perguntá-las é outra coisa. Se nós realmente examinarmos a ‘normalidade’ ficaremos chocados com o que encontraremos” (p. XV). Assim, Newton confronta-se com seus valores de classe (chegando a afirmar que a “cultura de classe média parece ter construído uma cegueira social, composta pela arrogância”, p. XVII). Questiona então as verdades produzidas a partir dele, que em certa medida obliteraram que ela considerasse efetivamente a explicação de suas interlocutoras sobre o que faziam, e confessa que “estava preparada para encontrar as visões de mundo dos desviantes interessantes, mas nunca considerou seriamente que eles poderiam estar corretos” (p. XVII). Assim, apenas ao reler seu trabalho passou a concordar com as pessoas que pesquisou. Estas já falavam, à época da pesquisa, sobre o quanto a divisão mais fundamental do mundo social era aquela que se dava entre homens e mulheres e, para avançar no debate da autora, naquilo que se espera de cada um deles a partir das convenções estabelecidas de gênero.